



Planejamento familiar

## QUANDO OS FILHOS SÃO BEM-VINDOS

- Página 4 -

**O ALGODÃO  
COMO OUTRA  
ALTERNATIVA**

**O PODER  
DE BAIXO  
PARA CIMA**

**O TRIGO FOI  
MESMO COLHIDO  
COM A GEADA?**

**O PRODUTOR  
ATOLADO  
NAS DÍVIDAS**

COOPERATIVA REGIONAL  
TRITÍCOLA SERRANA LTDA.



Rua das Chácaras, esquina  
Porto Alegre — Caixa Postal 111  
IJUI — RS  
GERAL - PABX 332-1549

CGC ICM 065/0007700  
Inscr. INCRA Nº 248/73  
CGC MF 90.726.506/0001-75

#### ADMINISTRAÇÃO

Diretoria Executiva

Presidente:

Ruben Ilgenfritz da Silva

Vice-Presidente:

Arnaldo Oscar Drews

Superintendente:

Clóvis Adriano Farina

Diretores Contratados:

Euclides Casagrande, Nedy Rodrigues  
Borges, Nelcy Rospide Nunes, Luis  
Régis do Amaral, Werner Ervin Wag-  
ner, Eduardo Augusto de Menezes,  
Valdir Zardin, Rui Polidoro Pinto,  
Bruno Eisele.

Conselheiros (Efetivos):

Alberto Sabo, Erni Schünemann,  
Egon Eickhoff, Telmo Rovero Ross,  
Joaquim Stefanello.

Conselheiros (Suplentes):

Alfredo Driemeyer, Reinholdo Luiz  
Kommers, Ido Marx Weiller, João  
Telló, Arnaldo Hermann, José Carlos  
Vione.

Conselho Fiscal (Efetivos):

Dair Fischer, Eloy Milton Frantz, Ál-  
varo Darci Contri.

Conselho Fiscal (Suplentes):

Dari Bandeira, Antoninho Boiarski  
Lopes, Avelino Righi.

Capacidade em Armazenagem:

IJUI (Sede) . . . . .	164.000 t
Ajricaba . . . . .	33.000 t
Augusto Pestana . . . . .	33.000 t
Chiapetta . . . . .	60.000 t
Cel. Bicaco . . . . .	40.000 t
Sto. Augusto . . . . .	77.000 t
Tenente Portela . . . . .	60.800 t
Vila Jóia . . . . .	67.000 t
Esq. Umbú (Sto. Aug.) . . . . .	50.000 t
Rio Grande . . . . .	220.000 t
Dom Pedrito . . . . .	48.000 t
Maracajú . . . . .	84.000 t
Sidrolândia . . . . .	52.000 t
Rio Brilhante . . . . .	84.000 t
Dourados . . . . .	29.000 t



**COTRIJORNAL**

Órgão de circulação dirigida ao qua-  
dro social, autoridades, universidades  
e técnicos do setor, no país e exterior.  
Nossa tiragem, 17.500 exemplares.

Associado  
da ABERJE



Associado da

**AJOCOOP**  
Associação dos Jornais e Revistas de Cooperativas

Registrado no Cartório de Títulos e  
Documentos do município de Ijuí,  
sob n. 9. Certificado de marca de  
propriedade industrial M/C11 n.  
022.775 de 13.11.1973 e figurativa  
M/C11 n. 022.776, de 13.11.1973.

#### REDAÇÃO

Christina Brentano de Moraes  
Dária C. de Brum Lucchese  
Moisés Mendes

Composto no Jornal da Manhã, Ijuí, e  
impresso no Jornal do Comércio,  
Porto Alegre.

## Ao leitor

Um programa de natalidade vai livrar o Brasil de seus problemas sociais? Problemas de miséria, de marginalização, de êxodo rural, desemprego . . .? E de quem é a tarefa de planejar as famílias brasileiras? É do Governo ou os próprios casais devem ter a liberdade de decidir quantos filhos querem e podem ter?

O planejamento familiar é um assunto que volta a ser bastante discutido. E isto não só nas grandes cidades, como também nas colônias. A questão ganhou importância nos últimos tempos, porque existe por parte do Governo a intenção de colocar em prática um programa de controle da natalidade no Brasil. A justificativa, usada por muitos que apoiam um programa desta natureza, é que o crescimento da população brasileira está muito indisciplinado. Outro argumento é que a maioria da população não sabe como planejar sua família e evitar o nascimento de mais filhos.

E por que não sabe? Quem é contrário a uma interferência oficial no planejamento familiar lembra que, antes de limitar os nascimentos, é preciso dar condições para que a própria população decida o quê fazer e como fazer. O necessário, agora, seria atender a uma queixa antiga: distribuir melhor a renda do País, sem tantos privilégios aos mais ricos e tanto sacrifício para os mais pobres. É uma questão polêmica.

O caso é que hoje a população cresce bem menos do que há algum tempo atrás. As próprias estimativas do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), comprovam isto: entre os anos 70 e 80 a população brasileira cresceu 1,8 por cento. Entre os anos de 60 a 70 este crescimento tinha sido de 2,8 por cento.

E por que terá crescido menos? Porque a situação econômica do povo não está muito fácil, e ele naturalmente, vai limitando o número de filhos. E isto acontece não apenas nas cidades, mas também no interior do Brasil, onde o problema terra preocupa as famílias que ficam sem saber como colocar seus filhos. Porém a Igreja e muitos agricultores lembram que terra é o que não falta neste Brasil. A questão, como salienta o bispo dom Jacó Hilgert, da Diocese de Cruz Alta, não é que

existam muitos filhos no Brasil. Existem é muitos filhos pobres.

O certo é que o assunto planejamento familiar, mesmo que não receba este nome, preocupa bastante. E não é de preocupar quando os filhos não são bem-vindos? Na página 4.

Durante um ano se falou muito sobre estrutura do poder na Cotrijornal. A expressão, inicialmente não muito entendida por vários associados, acabou se tornando familiar e foi introduzida em muita conversa sobre a Cooperativa. É que estrutura do poder tentava sintetizar, em duas palavras, a forma de tornar possível a participação de 19 mil associados nas tomadas de decisão da vida da Cooperativa.

Pois depois de mais um ano de prática de estrutura do poder as coisas puderam ser bem definidas. Num seminário, que reuniu os representantes do quadro social eleitos no ano passado, se chegou a uma proposta concreta de participação. Veja na página central, porque o poder vem de baixo para cima.

Outro assunto que está sempre nas conversas dos agricultores é a quantidade de dívidas que se acumulou com as frustrações de safra. O pessoal anda realmente apavorado com tanta conta para pagar. As saídas cada um procura encontrar da melhor maneira que enxerga: sair de vez da monocultura, seja tentar desesperadamente deixar de lado os financiamentos, seja até pensar de plantar só para comer. A conclusão a que se chega — o que também não é novidade nenhuma — é que estamos trabalhando só para pagar contas e fazer cada vez mais dívidas. Na página 18

Tem aquele ditado que diz que a esperança é a última que morre. Mas será que ainda dá para ter alguma esperança no trigo plantado no Rio Grande? A geada do dia 16 de setembro parece que acabou não só com o trigo, mas também com a esperança. Na última página.

## Do leitor

### SEMINARISTA

Estou solicitando uma assinatura do Cotrijornal, para que eu e meus colegas do Seminário Seráfico São Francisco estejamos melhor informados sobre a agropecuária e assuntos gerais de nossa região, mais precisamente na área em que a Cotrijornal atua. Meu pai, Plício Antônio Zaro, é sócio da cooperativa, em Santo Augusto, e recebe mensalmente o Cotrijornal. Foi ele quem nos informou sobre a maneira de solicitar uma assinatura.

Sou estudante do Seminário de Taquari, e atualmente estou cursando o 3º ano científico. Procuro me formar para exercer, no futuro, como sacerdote, um caminho que há muito comecei.

Lívio Zaro

Seminário Seráfico São Francisco  
Taquari — RS

### PESQUISA

Sou estudante da Escola de Agronomia do Nordeste e gostaria de receber material de informação, que possa ampliar meus conhecimentos. Os preços dos livros didáticos estão exorbitantes, tornando cada vez mais difícil a aquisição, como fonte de pesquisa.

Antônio Guedes

Campina Grande — Paraíba

Tendo cursado o Técnico Agrícola na Escola Técnica de Agricultura de Vião, e atualmente cursando o segundo ano na Faculdade de Agronomia da PUCRS, gostaria de receber, gratuitamente, a assinatura do Cotrijornal. É, sem dúvida, um veículo importante para que eu possa, junto com o curso de Agronomia,

aprimorar meus conhecimentos no campo da agricultura e da pecuária.

José Carlos Pinto  
Uruguaiana — RS

### NA ILHA

Com o objetivo de colaborar com duas pessoas que estão longe de qualquer convivência cooperativa, uma em Porto dos Gaúchos (Mato Grosso) e a outra na Ilha do Marajó, sem orientações e apoio de qualquer natureza, tomo a liberdade de pedir que enviem a elas vossas publicações sobre cooperativismo. Isso atenderá, em Porto dos Gaúchos, a um professor (Afonso Wailand) que está lutando sozinho para fundar uma cooperativa. E, na Ilha do Marajó, a um presidente que dirige uma cooperativa de pessoas muito modestas, mas dispostas a vencer.

Roque Lauschner

Diretor em exercício do Centro de  
Documentação e Pesquisa, da  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos  
São Leopoldo — RS

### MINEIROS

Estivemos em Brasília visitando um amigo, o sr. Vicente Rômulo Carvalho, já agraciado com este jornal, e na oportunidade conhecemos a magnífica obra por vocês editada. Tivemos a satisfação de ler o Cotrijornal número 76, e ficamos realmente encantados com o porte do jornal. Por sermos homens da agricultura, cremos que as matérias divulgadas no mesmo serão de grande valia para nós.

Paulo Roberto Castanheira, José Nazareno  
Carvalho e Itamar Andrade de Resende  
Bom Sucesso — Minas Gerais

### POLICULTURA

Quero parabenizá-lo pela boa qualidade, excelente nível técnico e diversificação de assuntos tratados por este jornal. Acho muito bom o tipo de trabalho desenvolvido, em que procura difundir e incentivar a policultura, que na minha opinião é um dos fatores básicos para o desenvolvimento da agricultura brasileira.

Sou estudante de agronomia, na Universidade de Passo Fundo, e por isso gostaria muito de receber uma assinatura deste jornal, pois é por meio dele que ficaremos conhecendo técnicas recentes.

Dorival Rigotti  
Passo Fundo — RS

### BEM INFORMADO

Por ser filho de agricultor e desejar me especializar no que tange a técnicas agrícolas, gostaria de receber mensalmente o Cotrijornal, o qual julgo muito útil e importante, por suas excelentes publicações. Estas visam exatamente informar a nós, interessados das principais notícias e acontecimentos no ramo agrícola. Com o recebimento deste jornal, estarei sempre bem informado, o que em muito auxiliará meus estudos.

Leocir Dal Pái  
Alecim — RS

A foto da capa mostra o casal Anna e Joseph Konarzewski e seus sete filhos. Ela foi tirada em 1912 e hoje está no arquivo do Museu Antropológico Diretor Pestana, da Fidene.



# OS SINDICATOS NA LUTA DA PREVIDÊNCIA

Por todo Rio Grande do Sul e também em outros estados do País as lideranças sindicais estão se preocupando em envolver os produtores rurais na discussão do projeto de alteração da lei da Previdência Rural. Eles estão prevendo, inclusive, um movimento maior do que o confisco, já que a Previdência é um assunto que interessa a todos os produtores rurais e não apenas aqueles que plantam soja, como foi o caso do confisco.

Em várias regiões do estado estão surgindo inclusive propostas de como deveria ser a lei da Previdência Rural. Em outras se está divulgando o que diz o projeto do Ministério da Previdência e Assistência Social. A regional dos Sindicatos de Três Passos, por exemplo, mandou imprimir milhares de panfletos, onde são destacados os pontos mais importantes deste projeto. A regional de Ijuí elaborou um boletim, onde fala também dos pontos mais importantes, e ilustra, com desenhos de agricultores mesmo, o que vai representar esta mudança na lei.

Tanto os panfletos como o boletim têm o objetivo de despertar a discussão. Através deles se analisa o que está sendo proposto pelo Governo e também se mostra quais as conseqüências de uma mudança assim da lei.

Algum resultado parece que já está dando este início de discussão do projeto. Uma informação divulgada — e mais tarde confirmada — durante uma reunião de todas as lideranças sindicais na Fetag é de que o projeto está sendo reformulado.



As ilustrações desta página foram publicadas no boletim "Previdência Rural - A Nova Luta dos Agricultores". Elas são de autoria de Jorge Dalla Rosa

A programação dos Sindicatos, que assumem agora com a Previdência uma nova luta, é discutir com todos os agricultores a questão da Previdência Social Rural. Na sua programação foi definida uma discussão dos problemas sentidos pelos agricultores, uma avaliação dos convênios hospitalares para a prestação de assistência médica, e ainda uma comparação entre os benefícios da previdência urbana e da previdência rural. A intenção não é apenas levar informações para os agricultores, mas também buscar sugestões nas bases e idéias sobre o que fazer.

Uma sugestão que está aparecendo bastante seguido em diversas regiões é de que a contribuição para o Funrural seja calculada apenas

sobre a produção comercializada, mesmo que para isso, aumente um pouco a percentagem de desconto do Funrural. O pessoal não está querendo pagamentos diretos, como sugere o projeto (veja matéria ao lado). Em termos de pressão, as idéias que são levantadas é de devol-

ver os gabinetes e ambulatórios dos Sindicatos, pressionar parlamentares e ainda só plantar para comer. Desta forma, não se teria de onde tirar a contribuição. Estas são formas de pressão que ainda serão profundamente analisadas pelos produtores.

## Os pontos importantes

Na divulgação do que diz o projeto de alteração da lei da Previdência, os sindicatos estão destacando os seguintes pontos:

1 - CONTRIBUIÇÃO: No lugar de descontar 2,5 por cento de toda produção vendida, o desconto será de 3 por cento. Além deste desconto tem mais coisa para pagar: 8 por cento por mês do salário mínimo, o que representa Cr\$ 332,00. Cada pessoa da família com mais de 18 anos deverá pagar esta quantia por mês. Assim, numa família com 4 pessoas, sendo pai, mãe e dois filhos maiores, vai se pagar:  $4 \times \text{Cr\$ } 332,00 = \text{Cr\$ } 1,328,00$  por mês.

2 - APOSENTADORIA: A nova lei diz que o agricultor vai se aposentar com 55 anos de idade. Mas só se aposenta com 55 anos o homem que contribuir por 35 anos e a mulher que pagar por 30 anos a contribuição. Deste jeito, quem tem hoje mais de 30 anos só vai se aposentar mesmo com 65 anos de idade, que é o limite da antiga lei. As primeiras aposentadorias com 55 anos só irão aparecer no ano 2.010 para as mulheres e no ano 2.015 para os homens.

3 - IGUALDADE: A nova lei não vai igualar os benefícios do trabalhador rural com os do pessoal que trabalha na cidade. Ela deixa de fora a aposentadoria especial e o abono de permanência em

serviço. A aposentadoria é dada aos 15, 20 ou 25 anos de serviço para os trabalhadores que lidam com trabalhos que prejudicam a saúde (venenos) ou perigosos (como eletricidade). O abono é uma quantia mensal dada ao trabalhador que, mesmo com o direito de se aposentar, continua trabalhando.

4 - CONSEQÜÊNCIAS: Muitas famílias não terão condições de pagar a contribuição. Com isso, os jovens vão acabar indo para a cidade em busca de emprego e assistência do INPS. Somente os mais velhos ficarão trabalhando no interior. Quem não pagar estas contribuições vai continuar com o mesmo tipo de assistência que se tem agora. E tem mais: quem começar a pagar e depois deixar de contribuir, fica em dívida com a Previdência. Quanto mais o tempo passa mais aumenta a dívida. E a ela se somam os juros, multas e correção monetária.

5 - QUESTÕES: Os 2,5% que nós agricultores já descontamos estão sendo bem empregados? Por que o agricultor não pode saber onde está sendo aplicado?

- A nossa luta e a nossa vitória sobre o confisco pode ser uma lição para uma nova luta pela Previdência Rural?

- Quem vai se beneficiar com a nova lei?

- É justo pagar duas vezes para ter os benefícios da nova lei?



# O QUE PAGA A TERRA

Quem está indo procurar sua notificação do Imposto Territorial Rural deste ano está muitas vezes levando um susto. É que os valores cobrados pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) estão bem mais altos do que os proprietários estavam acostumados a pagar em anos anteriores. Mas também muita gente ficou isenta da cobrança do ITR, que teve seu cálculo completamente modificado a partir do início do ano. Não paga o ITR o proprietário de apenas um imóvel em área inferior ao módulo fiscal, e que nele trabalhe apenas com a ajuda da família ou, eventualmente, de terceiros.

O cálculo do novo ITR não é muito difícil. Por sinal, ele é bem mais simples de entender do que o anterior. Agora são considerados os seguintes elementos: **Valor da Terra Nua**, que é a propriedade sem qualquer benfeitoria (galpões, cercas, casas, etc); o **número de módulos fiscais**; a **área aproveitável**; **área efetivamente explorada** e **grau de eficiência na exploração**.

O Valor da Terra Nua tem um índice mínimo estabelecido para cada município brasileiro (veja no Quadro 1 o VTN dos municípios da área de ação da Cotrijur). Este valor mínimo foi fixado a partir de declarações dos próprios proprietários nos seus cadastros junto ao INCRA. Quem declarar que sua terra vale menos do que este índice terá sua declaração rejeitada. Isto quem diz é o INCRA, que ainda lembra que os proprietários neste caso podem até mesmo sofrer penalizações.

O módulo fiscal também varia de município para município, dependendo do tipo de exploração mais comum na região, da renda obtida no tipo de exploração mais comum e também de outras explorações existentes no município. Em Ijuí, por exemplo, o módulo fiscal é de 20 hectares (veja Quadro 1).

## COMO CALCULAR

A primeira coisa a considerar na hora de calcular seu imposto é o tamanho da propriedade e o número de módulos fiscais que ela representa. Para facilitar o cálculo, vamos exemplificar com uma propriedade em Chiapetta que tenha 250 hectares. Neste município o Valor da Terra Nua é de Cr\$ 21.300,00 o hectare, sendo considerado de 20 hectares o módulo fiscal.

Desta área de 250 hectares, nem tudo pode ser aproveitado para exploração,

devido a existência de locais com rochas, de excessiva inclinação e ainda os ocupados por benfeitorias. Digamos que 30 hectares da propriedade não possam ser explorados. Então, teremos apenas 220 hectares aproveitáveis.

Aí então começam efetivamente os cálculos. O primeiro é o seguinte: multiplica-se a área de propriedade pelo Valor da Terra Nua. Assim se chega ao que vale toda a área:

$$250 \text{ ha} \times \text{Cr\$} 21.300,00 = \text{Cr\$} 5.325.000,00$$

A área aproveitável, que é de 220 hectares, é equivalente a 11,5 módulos fiscais. Depois de verificado isto se procura na tabela (Quadro 2) qual a alíquota que incide sobre este número de módulos fiscais. A alíquota é uma porcentagem calculada sobre o Valor da Terra Nua e que varia de acordo com o número de módulos fiscais do imóvel.

Para os imóveis que tenham de 10 a 15 módulos, a alíquota é de 1,2 por cento. Aí se faz outra conta, multiplicando o Valor da Terra Nua pela alíquota, e dividindo o resultado por 100. Como no exemplo:

$$\text{Cr\$} 5.325.000,00 \times 1,2\% = \text{Cr\$} 63.900,00$$

## O QUE REDUZ OU AUMENTA

Este valor de Cr\$ 63.900,00 é o imposto calculado. A partir daí este valor pode aumentar ou diminuir. Isto vai depender do grau de utilização da terra e do grau de eficiência na exploração. Quanto mais a área aproveitável for efetivamente explorada e quanto maior for a produção obtida, menor será o imposto a pagar. O desconto pode ser até de 90%.

A área aproveitável, neste exemplo, é de 220 hectares. Desta área, porém, apenas 190 hectares são explorados com soja durante o verão e 80 hectares com trigo durante o inverno. Nas regiões onde normalmente a exploração da terra é feita desta forma, com duas ou mais culturas anuais, a redução no imposto a pagar é maior do que se a terra ficasse ocupada apenas por uma cultura (como a mandioca ou a cana-de-açúcar).

## UTILIZAÇÃO DA TERRA

Para calcular o desconto pelo grau de utilização da terra, é preciso dividir a área efetivamente explorada pela área aproveitável:

$$190 \text{ ha} \div 220 \text{ ha} = 0,86$$

Isto significa que apenas 86 por cento da área aproveitável está sendo utilizada. Como o limite máximo de desconto concedido pelo INCRA neste item é de

45 por cento (isto nos casos com 100 por cento da utilização da terra) e no exemplo a utilização é de apenas 86 por cento, o percentual de redução será calculado multiplicando o grau de utilização da terra por 45 por cento:

$$0,86 \times 45\% = 38,8\%$$

## EFICIÊNCIA NA PRODUÇÃO

Mas há ainda outro desconto: o de eficiência na exploração. Quanto mais se produzir menos imposto se paga. Para calcular esta redução é preciso conhecer os rendimentos mínimos por hectare que o INCRA fixou para cada produto e cada região (veja Quadro 3). Vamos dizer que neste exemplo, já que o imposto para 80 é calculado a partir da declaração de 1979, tendo como base o ano de 78, tenha sido a seguinte: 15 sacos de soja por hectare (ou 900 quilos o que dá 171.000 quilos em 190 hectares) e 16 sacos de trigo (76.800 quilos em 80 hectares). Estas foram as produções médias obtidas efetivamente na região naquele ano.

Divide-se a quantidade produzida pelo rendimento por hectare fixado pelo INCRA, que é de 1.400 quilos de soja, por hectare e 800 quilos de trigo.

$$\text{SOJA: } 171.000 \text{ kg} \div 1.400 \text{ kg/ha} = 122,1$$

$$\text{TRIGO: } 76.800 \text{ kg} \div 800 \text{ kg/ha} = 96 \text{ ha}$$

Como pode-se ver, a produção de soja foi frustrada, o que representou uma produção referente a apenas 122,1 hectares a partir dos índices mínimos de produtividade do INCRA. Já no trigo a situação em 78 foi diferente. No lugar de uma produção de 80 hectares, esta propriedade produziu igual ao mínimo que seria alcançado em 96 hectares.

Soma-se então estas duas áreas: 122,1 ha + 96 ha = 218,1 ha, dividindo este número pela área efetivamente utilizada do imóvel: 218,1 ÷ 190 = 1,14. Este é o grau de eficiência da exploração.

O percentual de redução no imposto a pagar é calculado multiplicando o grau de utilização da terra pelo grau de eficiência na exploração. Considerando o exemplo inicial, de uma eficiência superior a 100 por cento, chegaremos ao seguinte:

$$38,8\% \times 1,14 = 44,2\%$$

## TOTAL A PAGAR

O desconto total no imposto a pagar é obtido somando-se o percentual de redução no grau de utilização da terra mais o percentual de redução pelo grau de eficiência, ou seja: 38,8% + 44,2% = 83%.

Neste exemplo que estamos apresentando, o imposto a pagar era de Cr\$ 63.900,00. Como sua redução será de 83 por cento, o cálculo final é o seguinte:

$$83\% \times \text{Cr\$} 63.900,00 = \text{Cr\$} 53.037,00$$

O imposto a pagar, então, será de Cr\$ 63.900,00 menos Cr\$ 53.037,00, ou seja, de Cr\$ 10.863,00.

## Quadro 3

RENDIMENTOS DE ACORDO COM O INCRA	
Soja	RS: 1.400 Kg/ha - MS: 1.200 Kg/ha
Trigo	RS: 800 Kg/ha - MS: 1.000 Kg/ha
Milho	RS: 1.900 Kg/ha - MS: 1.300 Kg/ha
Arroz	RS: 3.400 Kg/ha - MS: 1.400 Kg/ha
Arroz de sequeiro	RS: 1.300 Kg/ha - MS: 900 Kg/ha
Feijão	RS: 600 Kg/ha - MS: 300 Kg/ha
Alfafa	6.000 Kg/ha (todo Brasil)
Cebola	7.000 Kg/ha (todo Brasil)
Gado	Região Pioneira: 1,8 cab./ha
	Dom Pedrito: 1,2 cab./ha
	Grande Dourados: 1,2 cab./ha
	Campo Grande: 0,7 cab./ha

Quadro 1

MUNICÍPIOS	VTN (Cr\$/ha)	MÓDULO FISCAL (ha)
Ajuricaba	21.300,00	20
Augusto Pestana	21.300,00	20
Braga	11.100,00	20
Campo Grande	820,00	15
Chiapetta	21.300,00	20
Coronel Bicaco	23.000,00	20
Dom Pedrito	9.000,00	28
Dourados	1.600,00	30
Ijuí	21.300,00	20
Maracaju	470,00	40
Miraguaí	9.300,00	20
Redentora	16.400,00	20
Rio Brilhante	1.200,00	30
Santo Augusto	22.300,00	16
São Martinho	14.800,00	20
Sidrolândia	820,00	30
Tenente Portela	9.200,00	20
Tupanciretã	9.800,00	35

Quadro 2

Número de Módulos Fiscais	Alíquota
Até 2	0,2%
Acima de 2 até 3	0,3%
Acima de 3 até 4	0,4%
Acima de 4 até 5	0,5%
Acima de 5 até 6	0,6%
Acima de 6 até 7	0,7%
Acima de 7 até 8	0,8%
Acima de 8 até 9	0,9%
Acima de 9 até 10	1,0%
Acima de 10 até 15	1,2%
Acima de 15 até 20	1,4%
Acima de 20 até 25	1,6%
Acima de 25 até 30	1,8%
Acima de 30 até 35	2,0%
Acima de 35 até 40	2,2%
Acima de 40 até 50	2,4%
Acima de 50 até 60	2,6%
Acima de 60 até 70	2,8%
Acima de 70 até 80	3,0%
Acima de 80 até 90	3,2%
Acima de 90 até 100	3,4%
Acima de 100	3,5%

## As falhas que se vê no Imposto

"O espírito da lei é muito bom, mas a sua regulamentação não é", conclui Gilson Pedrazzi, secretário do Sindicato Rural de Ijuí, quando fala sobre o novo ITR. Pedrazzi é quem está mais bem informado sobre o cálculo do ITR pelas bandas de Ijuí e se mostra impressionado com uma série de distorções que vão aparecer este ano.

Uma delas é que o INCRA não considerou a safra de soja de 1978 como frustrada. Tanto que ele manteve em 1.400 quilos por hectare o rendimento mínimo exigido para este produto na hora de calcular a redução no imposto a pagar pela eficiência na exploração da propriedade. A maioria dos produtores porém, não chegou nem perto deste rendimento na safra de 79. O rendimento médio em toda região não foi superior a 900 quilos por hectare. Com isto, muita gente vai pagar mais imposto, mesmo que nas próprias instruções do ITR esteja bem claro o seguinte: "quando ocorrer frustração de safras ou destruição de pastos, provocadas por intempéries ou calamidades, poderão ser utilizados, para calcular a redução do imposto, os últimos dados informados ao INCRA pelo contribuinte. O Ministro da Agricultura poderá, ainda, determinar percentuais de redução do imposto que serão utilizados". Só que isto não aconteceu. Parece que não sabem da frustração, dois anos depois que ela ocorreu.

Outra coisa que o Gilson lembra é que as áreas de mato, para serem consideradas inaproveitáveis para exploração, precisam ser registradas junto ao IBDF (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal) para que gozem de incentivos. E aí entra aquela burocracia. Quem não providenciar neste documento vai pagar mais imposto.

E tem mais uma distorção que os cálculos do Pedrazzi apontaram: quem tem mais de um imóvel, por exemplo 5 imóveis totalizando uma área de 500 hectares, vai pagar menos imposto do que um proprietário com apenas um imóvel com 500 hectares. E isto com o mesmo tipo de exploração e idênticos graus de utilização da terra e eficiência na exploração.

Isto sem contar distorções também graves que outra pessoa entendida em ITR, o João Pedro Stédile, delegado da Associação Brasileira de Reforma Agrária no Rio Grande do Sul, enxerga: o Valor da Terra Nua é atribuído pelo proprietário. Há um valor mínimo para cada município, mas mesmo assim é flagrante que nas áreas de grandes propriedades este valor é infinitamente mais baixo que nas de pequenas propriedades. Outra coisa: continua em vigor a prescrição do imposto. Quem não pagá-lo em cinco anos fica isento para sempre, pois o imposto perde o efeito. E tem mais: os imóveis com menos de 25ha precisam utilizar pelo menos 30 por cento da área para que não sejam considerados inexplorados ou mal explorados. Já as propriedades com mais de 80 hectares precisam utilizar apenas 10 por cento da área para não serem assim consideradas.



## Planejamento familiar

Quem deve decidir o número de filhos de um casal? Será que chegamos ao ponto de admitir que um programa oficial de natalidade vá planejar as famílias brasileiras? Pois este assunto de

planejamento familiar anda sendo discutido por este Brasil afora. E não só nas cidades como também nas colônias. Se as conversas não são contra ou a favor de uma interferência do Governo nesta questão familiar, a limitação do número de filhos de um casal é uma discussão antiga e que dá muito o que falar. O certo é que as famílias de hoje já não são mais numerosas como antigamente, e que a população tem crescido muito menos do que há algumas décadas atrás. O próprio censo demográfico e pesquisas andam provando isto. O povo está sentindo as dificuldades e, naturalmente vai pensando em ter menos filhos. Mas sempre fica a pergunta: um programa de controle de natalidade vai livrar o Brasil de seus problemas sociais?



Dona Anna Makoski, há 10 anos, com 15 filhos. O 16<sup>o</sup> estava por chegar.

# A PREOCUPAÇÃO NÃO É NOVA

"O Brasil anda hoje ao redor dos 120 milhões de habitantes e poderia contar até com 400 milhões, pela área que tem. Foi um cardeal que disse isso, parece que o Dom Vicente". O agricultor João Makoski, da Linha 2 Leste, Ijuí, anotou essa observação, um dia desses. Ela é usada por Makoski, pai de 16 filhos, como argumento contra a idéia de que o Brasil precisa de um programa de controle da natalidade, para se ver livre de seus problemas sociais.

Makoski serve como exemplo do comportamento de muitos agricultores da região, que passaram a se perguntar, junto com a mulher e os filhos, sobre a conveniência ou não de planejar com mais cuidado a família. Alguns, como ele, começam a pensar no assunto depois de ter colocado muitos filhos no mundo. O pessoal novo, porém, está mais precavido. Falta terra na região, e a ocupação do Brasil não parece ser uma coisa pra já.

O professor Jaeme Callai, diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Fiden, em Ijuí, pode dizer, sem qualquer erro, que essa preocupação dos agricultores com o planejamento da família não é uma coisa tão nova na região. Ele é filho de Vergílio Callai, o velho Ticiano do Alto da União, já falecido. Pois o seu Ticiano teve 10 filhos, com dona Joana, e por pura casualidade hoje o professor Jaeme anda investigando coisas relacionadas com gente como o seu pai, que criou uma família tão grande.

### MOTIVO: A TERRA

Jaeme reuniu dados de Ijuí, Ajuricaba e Augusto Pestana, pes-

quisando entre 1920 e 1970, para mostrar como é que as populações desses municípios vinham crescendo.

E com esse levantamento, ele revela que a falta de terra vinha fazendo com que desde 1930 os agricultores desta região pensassem em ter menos filhos.

Isso começa a acontecer quando as áreas de colonização ficam tomadas. Não sobra outra alternativa para os agricultores, que não seja a de procurar outras terras, no próprio Estado. Os que ficam, têm uma saída, para que a situação não fique mais grave: reduzir o número de filhos. A pesquisa mostra que em 1914, de cada mil mulheres, 192 tiveram filhos. Em 1920, 164, e em 1930, 170 mulheres de cada grupo de mil ficaram grávidas.

### GRAVIDEZ EVITADA

A partir daí, a fecundidade, que é a capacidade da mulher engravidar, começou a diminuir. Pois em 1940, de cada mil mulheres, somente 160 tiveram filhos, e em 50 esse número caiu para 153. Em 60 deve ter caído mais ainda, mas Jaeme não tem esse número. Em 1970, apenas 113 mulheres, na mesma proporção, ficaram grávidas.

Para medir essa redução, ele fez uma média dos nascimentos, pegando tudo nos cartórios e censos. As mulheres abrangidas têm de 15 a 49 anos de idade, pois nessa faixa são consideradas em condições de engravidar. Explicando melhor, a fecundidade é medida assim: as mulheres são divididas em grupos de mil, e depois é constatado quantas, em cada um dos grupos, tiveram filhos. Dessa forma, é possível registrar como acontece a redução ou o

aumento do número de mulheres que engravidam.

### EM 1950 É PIOR

O Jaeme acha importante dizer que esse planejamento familiar era intuitivo. O pessoal não tinha muitas informações a respeito de como controlar a fecundidade, e a redução da família acontecia a muito custo, como consequência do aperto, do povoamento das colônias. A partir de 1950, a situação é pior ainda. Praticamente todas as terras do Estado estão ocupadas, e resta a busca de novas lavouras fora do Rio Grande do Sul. Acontece então uma redução ainda maior no número de pessoas de cada família.

Nessa época é iniciado também o processo de mecanização da lavoura, com a expulsão de boa parte da mão-de-obra rural. Nas áreas urbanas, não resta nem mesmo, em pouco tempo, a alternativa do pequeno comércio, do bolicho. A atividade empresarial é monopolizada, abocanhada pelos grandes grupos. O agricultor fica sem opções, e só reduzir o número de filhos não é suficiente.

O processo de migração vai sendo alterado. Até 1920, a região recebeu novos colonos, mas entre 1921 e 1930 acontece a expulsão de mais de 4 mil pessoas, que deixam esta região por falta de terras. A emigração vai sendo acelerada, e até 1970 Jaeme Callai nota que mais de 27 mil pessoas deixam Ijuí, Ajuricaba e Augusto Pestana, à procura da sobrevivência nas periferias das cidades grandes ou em outros Estados, como o Mato Grosso. Além disso, entre 1960 e 70, as populações das cidades começam a ser maiores que as da área rural.

O aumento do número de habitantes das áreas urbanas acontece apesar dos nascimentos continuarem ocorrendo sempre mais na zona rural. Jaeme explica que o pessoal nasce na lavoura e vai sendo pressionado a ir pra cidade. E o censo mostra que em Ijuí isso acontece, em 1970, quando há 30.758 habitantes na área urbana, contra 21.980 no interior.

Mas em Ajuricaba e Augusto Pestana a situação ainda não havia se alterado. Ajuricaba tinha, em 1970, 785 pessoas na cidade, e 9.101 no interior. Augusto Pestana possuía uma população de 784 na cidade e de 7.256 na área rural.

### E O EXODO DE 70?

Esse é um perfil da evolução do crescimento populacional e suas consequências em Ijuí, Augusto Pestana e Ajuricaba, onde no início da colonização o importante era ter filhos e força de trabalho, apesar do grande número de homens e das poucas mulheres que os acompanhavam. Callai mostra ainda nesse perfil que, entre 1920 e 1970, a média de filhos por família ficou entre quatro e cinco. Essa média é baseada num levantamento realizado só em Doutor Bozano, em Ijuí.

Outros dados: os homens vêm casando, desde 1920, com uma média de 24 anos, e as mulheres casam quando atingem 21 anos. Em 1920, os três municípios tinham 31.636 habitantes; em 1970, 74.741, e hoje devem estar com mais de 90 mil, de acordo com previsões que não estão na pesquisa de Callai. Esses 90 mil foram os que ficaram. Resta saber os que saíram, entre 70 e 80, e que talvez sejam apontados pelo censo deste ano.



# A questão chega na colônia

Se a questão fosse tão simples como parece, seria de se perguntar se a falta de um planejamento familiar mais rigoroso não teria sido responsável pelo que se vê hoje na região do minifúndio gaúcho. E o que é que se vê? Na periferia de Santo Augusto, por exemplo, perto dos olhos de qualquer um, há um casal descendente de poloneses, com 10 filhos, vivendo num barraco apertado e cheio de moscas, sem saber o que será da vida daqui pra diante. O casal, Francisco e Ilga Woichewoski, vem remoendo na lembrança os bons tempo em que tinha uma terrinha.

Eles conseguiram o barraco, na Vila Tiradentes, emprestado pela Prefeitura, depois de perambularem com os 10 filhos até pela Argentina. Francisco vendera o pedacinho que sobrou para ele dos 15 hectares onde plantava com o pai, em Tenente Portela, há oito anos. Eram 11 irmãos para dividir a herança. "Consegui uns troquinhos e fui para El Soberbo, de onde nos correram há três anos, pois a terra não estava legalizada", conta ele, que foi posseiro na Argentina.

Na volta, o ex-agricultor virou biscateiro rural sem carteira assinada. Com 39 anos, Francisco tem cãimbras nos braços, na barriga, nas pernas, chora de dor, mas suporta. A mulher vai junto para a lavoura e as crianças ficam em casa, uma cuidando da outra, e principalmente da menor, de dois anos e meio. De repente, pode ter 13 pessoas em casa. Para não engravidar, Ilga "vai se

cuidando". O cuidado pode falhar, mas isso não preocupa, pois a miséria já passou dos limites.

## O BRASIL É GRANDE

Enquanto em Santo Augusto os Woichewoski vão perdendo a noção do que possa ser a felicidade, em Ijuí, na Linha 2 Leste, o casal Anna e João Makoski guarda a mesma herança de famílias numerosas, mas sem tantas queixas. João, que teve 10 irmãos, e Anna, que teve seis, formaram uma família de 16 filhos. São 10 moças e seis rapazes. Duas casaram, outros cinco trabalham na cidade e nove continuam na granja, que tem 30 hectares.

Dona Anna toma a pílula desde o nascimento do último filho, que está com nove anos. Sem arrependimentos, "pois filho só dá felicidade", o casal reconhece que não planejou a família por não ter informações sobre isso. "Hoje tudo é diferente", afirma ela, que gostaria de ter todos os filhos em casa, "mas a renda é pouca". A solução, por enquanto, é mandar o pessoal pra cidade, enquanto Israel, de 23 anos, insiste que fica na lavoura. Mas para o seu João, se todos os agricultores tivessem a disposição do Israel, a coisa mudaria.

"O Brasil é grande, e pode haver aperto de terra por aqui, mas em outras regiões está sobrando", diz ele, lembrando que no Estado mesmo há "vastas áreas sem um pé de planta". João Makoski acha que "nem a metade do Brasil foi ocupada", e diz que é contra qualquer



Na família Woichewoski 13 filhos e muita miséria

programa de controle da natalidade, porque pode acontecer aqui o que está acontecendo na Alemanha, "onde não surge gente nova". O agricultor acompanha o assunto pelos jornais, e concluiu que "só nos países pequenos é que a população não pode crescer muito".

## DEUS NÃO QUIS

Nem tão bem informado pela leitura, como o seu Makoski, mas também atento ao assunto, João Antônio Pedroso, de Esquina Santo Antônio, Tupanciretã, tem opiniões bem definidas a respeito do controle da natalidade. Antes que a conversa em torno do tema tenha progredido, ele é capaz de dizer que "o Brasil está precisando de gente". Seu João Antônio tem 68 anos e vem de uma família bem grande.

O pai, Antônio José, casou duas vezes, e por isso ele nem sabe ao certo quantos irmãos teve, mas acha que "anda ao redor dos doze". Há quatro anos, João Antônio recebeu sete hectares como herança, e vendeu quatro para um irmão. Ficou com três, "que dão pra pouca coisa". Pai de seis filhos, um trabalhando no Mato Grosso, uma filha casada e os outros como empregados na lavoura, só não teve uma família maior porque "Deus não quis", pois a mulher não mais conseguiu engravidar.

## SEIS ANOS DEPOIS

Para o casal Lúcio e Alci Gehrke Link, a situação é diferente. Em 10 anos de casamento, eles tiveram uma filha, a Sandra Denise. Os Link moram em 10 hectares em Ponte Branca, Augusto Pestana, e conseguem o que muitos tentam sem êxito: planejar a família pelos métodos naturais de controle da fertilidade. Esse controle funcionou durante os seis primeiros anos de casados, e só foi desfeito há quatro anos, quando dona Alci ficou grávida de Sandra Denise.

Lúcio conta que plantava com o pai, Balduino, e só decidiu com dona Alci, que deveriam ter um filho, no momento em que pôde comprar os 10 hectares, por 35 mil cruzeiros. Foi tudo planejado, e esse planejamento continua. Dona Alci reconhece o risco que corre, pois o controle não é muito seguro, mas não se preocupa muito. "Se acontecer de vir o outro, é porque assim teve que ser", afirma ela, dizendo que nunca tomou pílulas, e tampouco conhece o anticoncepcional. Na verdade, ali por perto não há, segundo ela, nenhuma mulher que tome a tal de pílula.



Alci e Lúcio: a filha foi planejada



Depois de 16 filhos, Anna e João Makoski optaram pela pílula



João Pedroso: o Brasil precisa de gente



# De quem deve ser a decisão?

O que é planejamento familiar? O que é controle da natalidade? O Brasil irá realmente controlar os nascimentos? Quem fará isso, quando e de que forma? Essa discussão, com tantas indagações, vem envolvendo muita gente contra e a favor do programa que o governo estaria disposto a implantar. Há um projeto em elaboração, que cria o que seria o planejamento familiar no Brasil, mas até hoje não se sabe ao certo o que esse trabalho prevê.

De início, se falou que o governo pretendia evitar os nascimentos de "alto risco", nos casos de mulheres muito novas ou com idade avançada demais para terem filhos. Hoje já se admite que a coisa é bem mais abrangente, mas não se sabe o suficiente. Mesmo assim, já se fala no assunto, que até bem pouco era quase proibido, desaconselhado.

E o que é que se sabe? Primeiro, que o tal planejamento abrangeria as famílias pobres, porque estas não têm renda suficiente para consumirem anticoncepcionais. Além disso, essas famílias não dispõem de meios de informação para saber qual o número de filhos que seria o ideal. O governo estaria, assim, dando aos pobres as pílulas e outros meios de planejamento, que o pessoal de renda mais alta já utiliza.

Tem muita gente que apoia esta idéia, usando argumentos como estes: 1) o Brasil precisa controlar seu crescimento populacional, para que o crescimento do país seja disciplinado; 2) os pobres devem ter os mesmos direitos dos que já controlam o número de filhos; 3) as áreas superpovoadas não podem ter

números de habitantes ainda maiores; 4) a pílula evitaria os abortos que acontecem hoje, e que provocam muitas vezes a morte das mulheres.

## COMPARAÇÕES

Os que são favoráveis ao planejamento enumeram também outras explicações, e lembram que vários países têm programas de controle do crescimento da população. Entre estes países — dizem eles — estão nações capitalistas e socialistas, que conseguiram bons resultados com esses programas.

Mas nem tudo é tão simples assim. E aí é que surgem os contrários ao planejamento familiar da forma como se diz que será adotado no Brasil. Estes descontentes são políticos, cientistas, a Igreja e até donas-de-casa, que apontam o programa como uma intenção de controle da natalidade, e não como planejamento familiar. A diferença seria esta: o planejamento é feito pela família, sem qualquer interferência oficial. Já o controle é paternalista, porque faz com que o Estado, os homens que estão governando, digam o que a população deve fazer.

A questão é um pouco confusa. Mas os que desaprovam o projeto têm algumas informações que esclarecem certas coisas. Eles dizem que o crescimento disciplinado do Brasil não depende do controle dos nascimentos. Lembram que o país tem grandes áreas a ocupar, exigem melhor distribuição da renda, mais verbas para a educação.

Os cientistas, principalmente, não admitem que um programa assim seja tão prioritário para o Brasil, e entendem que

o controle dos nascimentos seria uma forma de controlar a evolução nacional, em termos de renovação de gente, de inteligências.

## OS EXEMPLOS

Também são apontados, como exemplos não muito eficazes de amenização dos problemas sociais do Brasil, os programas que já estão em desenvolvimento em algumas áreas do país, como o nordeste. Esses programas estão geralmente a cargo da BEMFAM, a Sociedade Civil para o Bem-Estar da Família, uma multinacional que distribui pílulas a milhares de mulheres. As pílulas são gratuitas, porque a BEMFAM mantém convênios com as Prefeituras ou as secretarias de saúde.

Há outro lado desse assunto, que vem sendo explorado. Este é o de que, nos países capitalistas, a pobreza teria um índice considerado "suportável". Se aumenta o número de pobres e este índice sobe, a estrutura política, econômica social da nação fica ameaçada. Os pobres, em maioria, tentariam mudar os rumos, buscar novas saídas, como já aconteceu várias vezes, antes mesmo de Cristo.

O certo é que tudo isso, o muito que já foi dito sobre o assunto não esgotou o debate. A discussão será reativada quando for conhecido o texto do projeto que o governo vai encaminhar ao Congresso. Esse projeto deverá responder muitas das perguntas que vêm sendo feitas, e talvez até revelar as verdadeiras intenções do programa. Uma dessas indagações é inquietante: os pobres brasileiros serão menos pobres consumindo pílulas anticoncepcionais?

# O controle da fertilidade

Além da pílula, são muitos os métodos de controle ou total eliminação da fertilidade. Estes, apontados por Naldo Wiegert e Paulo de Tarso, são os mais conhecidos, apesar de alguns deles terem pouca utilização na região:

1) *Condom*: Utilização da chamada "camisa-de-vênus", que é o método mais usado pelos homens. Pouco recomendado, pois não oferece muita segurança;

2) *Coito interrompido*: Interrupção do ato sexual, no momento da ejaculação. É o que oferece mais riscos. É uma das mais antigas formas de evitar a gravidez;

3) *Hormonal masculino*: Ainda está em experimentação. Seria a pílula do homem, elaborada com hormônios e a mesma função da pílula para mulheres.

4) *DIU*: É o Dispositivo Intra-uterino, um aparelhinho que se coloca dentro do útero. Impede a implantação do ovo nas paredes uterinas, e em alguns casos elimina, na passagem, os espermatozoides. Tem razoável margem de segurança, mas pode provocar abortamentos e permitir a gravidez, mesmo que esteja instalado. Pode também determinar infecções e sangramentos e perfurar o útero. Em alguns casos, a mulher expõe o DIU sem se dar conta disso.

5) *Oggino-Knaus*: Interrupção das relações durante os períodos férteis do ciclo menstrual. É controlado pela regularidade da menstruação. Pouco seguro.

6) *Lavagem*: Consiste em aplicar jatos de água no canal vaginal, logo após a relação. Essa ducha é também pouco eficiente;

7) *Espermaticidas*: São substâncias químicas, pomadas, colocadas no canal vaginal antes do coito. É pouco utilizado e também não oferece muita segurança;

8) *Diafragma*: Membrana elástica colocada junto ao colo uterino, não permitindo a passagem do espermatozóide. É considerado incômodo e pouco eficiente.

9) *Ligadura das trompas*: Esterilização da mulher, através de uma cirurgia que liga as trompas, impedindo a passagem do óvulo até o útero. Não interfere nas funções ovarianas, pois mantém o ciclo menstrual inalterado. É irreversível, na maioria dos casos. Somente com cirurgias nem sempre exitosas a mulher pode voltar a engravidar. Tem indicação limitada e só pode ser feita após o estudo de cada caso. Além disso, algumas vezes a ligadura é mal feita e não impede a gravidez.

10) *Vasectomia*: Esterilização do homem, também através de uma cirurgia. É irreversível e pouco aceito pelos homens, que temem a ameaça da impotência, apesar de não provocar nenhuma outra alteração no organismo. A operação corta o canal que conduz os espermatozoides. É uma novidade nunca utilizada em Santo Augusto.

## Descuido ou falta de informação?

Os médicos Naldo Wiegert e Paulo de Tarso Delfini, do Hospital Bom Pastor, de Santo Augusto, estão certos de que os casais estão atentos a tudo que é relacionado com o número de filhos. Naldo, que é clínico geral, diz até que muitas mulheres aparecem no hospital, pedindo a ligadura das trompas, como recurso para uma tentativa quase desesperada de parar de engravidar.

Paulo de Tarso, ginecologista, atende muito mais a clientes mulheres, e sabe que a situação realmente preocupa, principalmente os moradores da área rural. Os dois médicos acreditam que essa preocupação é tão grande, que muitos casais têm

hoje filhos indesejados, por não programarem a família. Mas o número de desinformados, a respeito dos métodos de controle da natalidade, está sendo reduzido.

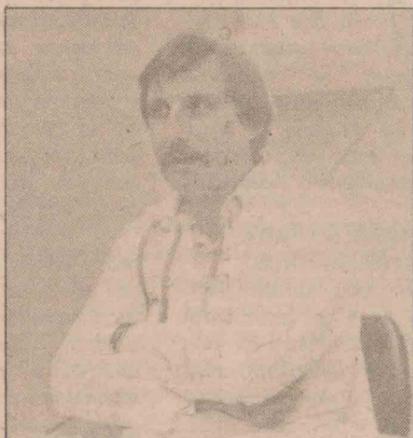
### A PÍLULA

Isso acontece com uma intensa busca de recomendações para o uso da pílula, que é o método mais comum, o mais utilizado. A pílula é considerada também a forma mais eficaz de controle, mas tem vantagens e desvantagens. Entre as vantagens, estão a comodidade para seu uso; é relativamente barata; pode ter sua utilização interrompida, sem alterações no organismo; e após a interrupção do controle permite meses depois, que a mulher engravide novamente.

As desvantagens: pode provocar náuseas, vômitos, dor de cabeça e nervosismo. Causa sangramentos, problemas circulatórios e paradas nas menstruações, após determinado tempo de uso. A pílula não é aconselhada para mulheres que tenham pressão alta, diabetes (açúcar no sangue) ou mais de 35 anos de idade. Também as que tiverem problemas circulatórios, de coração, cerebrais ou câncer devem evitar seu uso.

### BOATOS

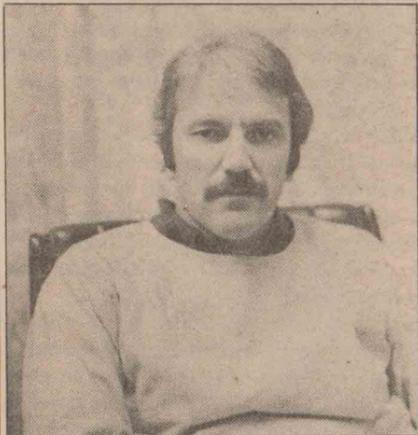
De acordo com o estado de saúde e resistência orgânica de cada cliente, a pílula é indicada pelo médico, pois nem todas são bem toleradas. Por isso, o comprimido só deve ser consumido após indica-



Naldo: muitos pedidos de ligação de trompas.

ção do especialista, e a cada seis meses, ou no máximo um ano, a mulher precisa ser submetida a exames ginecológicos.

Paulo de Tarso vem clinicando desde 1971, e até agora não tomou conhecimento de nenhum exemplo de masculinização do feto, provocado pela pílula. Ele lembra que o comprimido sempre provoca alguma reação, mas os boatos, de que pode masculinizar meninas em gestação, "não têm base científica". Segundo ele, talvez isso possa acontecer se a gestante continuar tomando a pílula, durante a gravidez, por descuido ou desinformação.



Paulo: a situação preocupa



# Pensando nos filhos antes mesmo de casar

Não só os fatores de ordem econômica, mas também outros motivos, como a adaptação do casal, antes do surgimento dos filhos, estão sendo considerados pelos agricultores e filhas de produtores que se preparam para casar. Um exemplo disso é o casal de noivos Carlos Meiger, 24 anos de idade, e Inês Jakoboski, 20 anos, que pretendem pensar muito antes de formarem a família.

Eles são de Povoado Santana, Ijuí, onde vão morar na granja do pai de Carlos, que tem 70 hectares. Inês já pensou em tomar a pílula, mas acha melhor esperar a orientação que receberá no curso de noivos da Matriz da Natividade. Ela e Carlos querem "ter liberdade" após o casamento, e por isso não pensam em ter filhos de imediato.

Essa indecisão não atinge, no entanto, Ivo Shöffel, 27 anos, e Aldina Scheffer, 29



Ivo e Aldina: vão utilizar o método natural

anos, da Linha 8 Leste, em Ijuí. Eles já decidiram que vão utilizar o método natural de controle da natalidade, pois também não pretendem ter filhos. Dari Mötke, de Augusto Pestana, e Marli Maas, de Ijuí, já pensam diferente, mas anunciam que pretendem ter apenas dois filhos.

Dari, que está com 23 anos, e planta em sociedade com um tio, em 29 hectares de Ponte Branca, já decidiu com

Marli, que tem 20 anos, que o primeiro filho virá logo. Depois virá o segundo, e estará definida a família. "Hoje em dia está muito difícil de ter filho, com essa situação toda", explica Dari.

## ASSUNTO INTERESSANTE

O coronel reformado Thomas de Aquino Moraes, que há cinco anos vem coordenando os cursos de noivos da Natividade, junto com sua mulher, dona Léa, assegura que o



Carlos e Inês: pensar antes de formar a família



Dari e Marli: apenas dois filhos

número de filhos vem realmente preocupando o pessoal novo. Tanto que a maioria aponta o controle da fertilidade como o assunto mais interessante do curso, e muitos pedem que as aulas sejam mais demoradas.

A maioria dos frequentadores do curso é da área rural. Os noivos ouvem explicações sobre vários aspectos do casamento, e têm informações a respeito de todos os métodos que evitam a gravidez. Mas há uma ressalva: a Igreja deixa a opção com o casal, sempre lembrando que é contrária ao controle feito com comprimidos, DIU e outros métodos artificiais. O coordenador do curso tem autoridade para defender essa posição, pois planejou a família de sete filhos através do

controle da fertilidade com métodos naturais. Segundo ele, dona Léa só recorreu às pílulas uma vez, por pouco tempo. Seu exemplo tem servido para os noivos, aos quais Moraes faz uma recomendação: "É preciso muita compreensão, muita colaboração por parte do homem".

"Nós entendemos que ninguém, nem a Igreja e nem o governo, tem o direito de dizer de quantos filhos deve ser uma família. Isso deve ficar a cargo do próprio casal", afirma ele. Segundo Moraes, "a Igreja apenas orienta, desperta o interesse dos noivos sobre as formas de planejamento familiar, considerando isso não só sob o aspecto do número de filhos, mas de uma forma global".

## Muitos filhos ou muitos pobres?

A Igreja tem assumido as posições mais radicais contra qualquer intenção de controle da natalidade no Brasil. Essa pregação, feita principalmente pela CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), com base em pronunciamentos do próprio Papa João Paulo II, é defendida na região por Dom Jacó Hilgert, bispo de Cruz Alta. Filho de agricultores, de uma família de 14 pessoas, Dom Jacó acha que não há nenhuma dificuldade para que sejam apontadas as verdadeiras pretensões dos defensores do controle da natalidade no país.

— O capitalismo não quer que nasçam mais crianças. As influências de fora do país exercem essa pressão, dando a entender que o crescimento da população deve ser controlado, a partir da constatação de que assim será reduzido o número de pobres.

Dom Jacó acha que esse argumento "é absurdo", por entender que a pobreza não será combatida dessa forma. "O que deve nos preocupar — diz ele — são realmente os filhos pobres do Brasil, mas sempre pensando numa melhor distribuição da renda, em mais educação, justiça social".

— O planejamento fami-

liar, a decisão sobre o número de filhos, é uma tarefa do casal, que não deve ser imposta. Por isso, nós temos que entender que os brasileiros necessitam de educação, de condições econômicas que lhes permitam avaliar essa situação. É uma questão de educação, que permita a compreensão dessas coisas.

### TERRAS: SÓ PARA ESTRANGEIROS

Dom Jacó, também não concorda com o argumento de que o crescimento da população deve ser controlado, porque não há espaços, pois a situação não é bem essa. "Pode faltar terra para os brasileiros, mas para os grupos estrangeiros parece que sobra", afirma o bispo, lembrando que o Brasil vem tendo áreas produtivas importantes invadidas por empresas de outros países.

— Esse argumento, sobre o controle do crescimento populacional, é refutado por países como o Japão, que tem 120 milhões de habitantes. É uma pequena nação, em termos de extensão territorial, onde o número de habitantes não implica em desajustes sociais.

O bispo de Cruz Alta lembra que, além dessa posição política, por ele defendida como

opinião pessoal, a Igreja considera também outras implicações do controle da natalidade. Sempre dizendo que isso não representa uma condenação pura e simples do capitalismo, e uma manifestação de simpatia ao comunismo, Dom Jacó acha importante salientar que o controle da natalidade fere princípios da Igreja.

— A Igreja condena métodos como a esterilização, o uso de pílulas e todas as formas de planejamento que não sejam naturais. Condenamos tudo o que venha contra a saúde, a dignidade e a lei de Deus.



Dom Jacó: questão de educação

## A situação no mundo

A situação mundial, quanto ao crescimento da população, divide os países em quatro grandes grupos, identificados pelo professor Jaeme Callai. Um dos grupos é formado pelas nações desenvolvidas, onde a população, com bons níveis de renda, de educação e de acesso às informações, adota o planejamento familiar sem interferências oficiais rigorosas. Este seria o caso dos Estados Unidos e países europeus.

No segundo grupo estão os países do chamado Terceiro Mundo, onde os pobres são a grande maioria e o controle da natalidade é imposto pelo governo. Entre estes estão as nações africanas, colonizadas pelos europeus, e a Índia. No mesmo grupo está a China, onde não há a pobreza dos demais países mas existe superpopulação.

No terceiro grupo estão os países ainda indefinidos em termos de acompanhamento do crescimento populacional. O Brasil está entre estes, além de outros da América Latina. Por último, o quarto grupo, em que, ao contrário dos demais, o aumento do número de habitantes é estimulado. Isso ocorre na Alemanha Ocidental, Suécia e Polônia, onde a população cresce a índices bastante baixos, ou nem mesmo chega a crescer.

Nessa divisão, pode ser resumida a situação dos países sob o domínio de nações capitalistas desenvolvidas, e que temem o aumento do número dos pobres, como já foi explicado antes. E também é registrada a situação dos países que enfrentam taxas de crescimento populacional negativas, como acontece na Suécia. Essas nações estimulam os nascimentos, para que não sejam invadidas por migrantes de outras regiões do mundo.

# DISPOSIÇÃO AO DIÁLOGO

A televisão já anda dizendo há muito tempo que os agricultores são os homens de confiança do Presidente da República. Mas o ministro Amaury Stábile decidiu afirmar isso pessoalmente, dia 5 de setembro, quando foi a Santo Ângelo acompanhado por um batalhão de homens dos escalões mais altos da área econômica em Brasília e Porto Alegre. Só que a visita do ministro não trouxe muita novidade, apesar de ter sido encarada como uma evidente disposição de diálogo.

Stábile e sua comitiva visitaram a região num dia não muito favorável para quem pretendia pedir apoio dos agricultores, como ele fez. Um dia antes, em Porto Alegre, o presidente Figueiredo havia dito que o produtor deveria pensar em ganhar menos e, com isso, favorecer uma redução nos preços dos alimentos. A declaração do presidente era assunto entre os agricultores, que desde o meio dia aguardavam o ministro na sede da Cotrisa.

No graneleiro onde aconteceu a reunião havia 400 cadeiras, e parece que os organizadores da recepção sabiam certo o pessoal que ia aparecer. Não sobrou nem faltou lugar. Antes do ministro falar, foram ouvidos muitos apelos do prefeito de Santo Ângelo, Carlos Wilson Schroeder, e do presidente da Cotrisa, Jandyr Schau de Araújo. O último reclamou da restrição do crédito para investimentos agrícolas, do preço mínimo do trigo, da falta de mercado para suínos, do dinheiro que não existe para incentivo à pecuária na região, dos juros bancários, da inexistência de estímulos à agro-indústria.

## UMA CONTA ABERTA

Stábile, por sua vez, começou o discurso atribuindo às medidas adotadas pelo governo, no ano passado, a boa safra de 51 milhões de toneladas de grãos, e disse que "continua nas mãos do agricultor a possibilidade do Brasil vencer suas atuais dificuldades". Para o ministro, os preços mínimos das próximas safras podem ser considerados bons, e só não conseguirá dinheiro no Banco do Brasil, para custeio, quem não quiser:

— No ano passado, nenhum agricultor encontrou portas fechadas no Banco do Brasil, para plantar. Este ano as portas continuam abertas.

Alguém, entre o pessoal que estava mais na frente, puxou um aplauso à afirmação de Stábile, mas as palmas não saíram com muita força. O ministro não ficou constrangido e continuou dizendo que "a conta está aberta", ou seja, não há nenhum obstáculo para que o agricul-



Os agricultores aguardaram desde o meio-dia a chegada do ministro

tor retire o que precisa para o plantio. Depois, ele afirmou que é preciso limitar a expansão do crédito, usando este argumento para justificar a não aplicação de recursos em investimentos e na pecuária.

## RECADO AO PRESIDENTE

Do graneleiro, Stábile foi para a sala de reuniões da Cotrisa. Na porta da sala, um funcionário fazia a triagem: só entravam os dirigentes de sindicatos, cooperativas e outras entidades, além da comitiva. Com isso, os poucos agricultores que foram ouvir o ministro saíram do graneleiro para casa, ou entraram nos bares de perto, improvisando um almoço depois das 3 da tarde. Entre eles, persistia uma indagação: por que a reunião com as lideranças não aconteceu no mesmo armazém? Um funcionário da Cotrisa explicava: "Quem programou isso foi o pessoal do Ministério".

No encontro com os representantes da região estavam cerca de 250 pessoas. Se os colonos tivessem entrado na sala, depois dos rápidos discursos no graneleiro, iriam ouvir o que não haviam escutado antes. O presidente do Sindicato Rural de Cruz Alta, João Antonio Dias da Costa, pediu, por exemplo, que Stábile entregasse o seguinte recado ao Presidente da República:

— Queremos que o senhor diga ao presidente João que o nosso lucro, como Sua Excelência imagina, não é o que ele pensa. O lucro desmesurado é o das multinacionais.

Virgílio Copetti, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santo Ângelo, diria quase a mesma coisa, logo depois. "O presidente" — afirmou ele — "não deve ter pensado em afirmar que o agricultor ganha demais. Ele pode ter pensado

em dizer outra coisa. Mas se não foi assim, nós temos que acreditar que ele está desinformado". Para explicar, Copetti abriu a mão e mostrou:

— É só olhar bem. Aqui (no dedo mingo) está o produtor. E aqui na ponta (no dedo polegar), o consumidor. Quem está no meio? E esses outros que ficam no meio não ganham nada?

Para Copetti, é preciso deixar de se encarar o agricultor como um chorão. Pedindo licença para falar "no linguajar bem franco", o presidente do Sindicato disse que a visita era "uma pequena chama de esperança". Segundo ele, os colonos recebiam com surpresa a comitiva, "pois o pequeno agricultor não acredita mais nas autoridades". Copetti também disse porque havia tão pouca gente na recepção: "O agricultor não participa disso, pois acha que vai ouvir tudo de novo, sempre as mesmas coisas".

## PIOR QUE ANIMAL

O endividamento do produtor foi lembrado por Copetti, para quem "não adianta empurrar dinheiro fácil pro agricultor, pois ele não sabe como é que tem que devolver esse dinheiro. No banco, o pessoal diz: assina aqui embaixo. Ninguém no banco explica que é preciso ter cuidado, que o dinheiro não é dado".

— O agricultor está em completo abandono. Até o animal do campo tem mais benefício. Aí então o colono decide ir pra cidade, pois como indigente tem mais segurança. E tem também a questão da terra, e é de se perguntar porque o pequeno não pode comprar nem cinco hectares. Se não houver uma mudança na estrutura fundiária, nós temos até que pensar numa coisa meia boba. Parece que não dão terra pro pequeno, prá que ele venha pra cidade e se transforme numa mão-de-obra barata. Às vezes a gente até que pensa essas bobagens. . .

Uma lista de reivindicações foi sendo encaminhada ao ministro. Uns reclamavam do preço do trigo, como Jarbas Machado, da Fecotrigo. Outros falavam da falta de "um tostão para os programas de integração lavoura-pecuária", como foi o caso de Luiz Vaz de Souza, do Sindicato Rural de Santo Ângelo. E a Associação Comercial e Industrial da mesma cidade pediu financiamento para a aquisição de máquinas e implementos, quando o presidente da entidade, Nery Pippi, fez comparações:

— O desemprego está aí, pois as indústrias de máquinas nada vendem por falta de dinheiro. Esta região é histórica, porque aqui muitos morreram lutando, mas se a situação persistir, agora muitos morrerão é de fome.

## SEM IMEDIATISMOS

Teve gente que pediu dinheiro para

os projetos de eletrificação rural, e depois das reivindicações mais urgentes foi a vez do presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva, lembrar que "medidas imediatistas não contornarão problemas que são causa e efeito".

— Este é um momento de auto-crítica, de busca das causas dessa situação. Não podemos esperar soluções que apenas contornem efeitos, mas sim programas a médio e longo prazo, que contemplem de forma global o interesse não só do produtor, mas do produtor e do consumidor.

Para o presidente da Cotrijuí, a disposição para o diálogo, entre governo e produtor, foi o aspecto mais importante da visita. Ele falou da crise da suinocultura, dos VBCs que devem ser ajustados à realidade de cada cultura, da falta de instrumentos para que a policultura seja executada. E disse esperar que o diálogo seja ampliado, e o Ministério da Agricultura tenha "poder de decisão, trabalho de base, sem o imediatismo de certas medidas".

## SETOR PRIVILEGIADO

O agricultor está reclamando do quê? Esta indagação pode resumir tudo o que o ministro disse ao final do encontro reservado. Segundo ele, a agricultura é o único setor da economia brasileira que não sofreu maiores restrições de crédito, apesar da inflação.

Além disso, segundo o ministro, nunca na história da agricultura brasileira os preços mínimos foram reajustados com índices tão altos, como aconteceu este ano. "O governo — afirmou — quer que a agricultura seja cada vez mais um bom negócio, e pede que o agricultor passe a reinvestir em sua atividade, sempre que puder ganhar com as safras.

Stábile não comentou as mudanças de base reclamadas por Copetti, mas respondeu à proposta do presidente da Cotrijuí. Ele assegurou que o governo sabe da necessidade de programas a médio e longo prazos, e disse que isso só não ocorre "por causa da inflação". Repetindo que, apesar de tudo, os preços mínimos são bons, o ministro pediu o apoio dos agricultores, que pode ser manifestado "com mais uma grande safra".

"O presidente quer que o agricultor ganhe bem, aumente sua produtividade e, com isso, possa influir na redução dos preços ao consumidor", explicou o ministro, ao comentar as queixas contra a declaração de Figueiredo. Às 6 da tarde, ele e sua comitiva retornavam a Porto Alegre, enquanto as lideranças da região diziam estar satisfeitas com a visita, apesar da "certa frustração", diante da inexistência de novos estímulos, como disse Jarbas Machado, da Fecotrigo. O saldo das conversas talvez esteja resumido na simplicidade dessa frase de Virgílio Copetti: "Salvar a agricultura não se consegue, se não se salvar o homem".

A Caravana da Produção era integrada pelo presidente do Banco do Brasil, Osvaldo Collin; presidente do INCRA, Paulo Yokota; delegado do Ministério da Agricultura no Estado, Cleber Canabarro Lucas; secretário substituto da Agricultura, Mário Wenderlich; presidente do BNCC, Toshio Shibuya; coordenador do INCRA no Estado, Alcione Burin; diretor da Emater, Lino Hamann. De Ijuí, foram a Santo Ângelo o presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva, e o vice Arnaldo Drews, além do presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Carlos Karlinski.



Stábile (de terno escuro) afirmou que o Governo quer que a agricultura seja um bom negócio

# ENCURTANDO AS DISTÂNCIAS

A reestruturação das linhas de leite está meio dando o que falar entre os produtores. Uns gostaram. Outros até estão prontos a desistir do negócio. O Otaliz de Vargas Montardo, veterinário do Departamento Técnico da Cotrijuí, sempre que fala das novas modificações nas linhas de leite, costuma lembrar os primeiros tempos do leite, lá por 77. "Naquele tempo tínhamos apenas 600 produtores em 13 linhas de coleta. Hoje, quase 3 anos depois, temos 3.200 produtores distribuídos em 38 linhas". A situação mudou muito e está exigindo novas adaptações. Aí se explica a reestruturação, envolvendo menor tempo de coleta e diminuição nos custos dos transportes.

O Otaliz conta que quando iniciou a atividade leiteira, o sistema tradicionalmente usado de se pegar, todos os dias o leite na casa de cada produtor, funcionava muito bem. O combustível era barato e correspondia a 43,6 por cento do valor de um litro de leite pago ao produtor. Com os constantes aumentos no preço do combus-

tível esse percentual já anda correspondendo a 154 por cento (dado de maio) do valor do litro de leite.

"É como disse um agricultor em uma reunião: os custos do transporte subiram pelo elevador enquanto que os do leite subiram pela escada", comenta o Otaliz. Só num ano em que o leite subiu duas vezes, os custos de transporte subiram 4 vezes. "Não podemos nos iludir pensando que os custos possam baixar. A tendência é aumentar cada vez mais. É um quadro nada bonito, mas é a realidade", comenta o veterinário.

## QUESTÃO DE CONSCIENTIZAÇÃO

É bom lembrar também que com o crescimento do número de produtores, as linhas de leite ficaram mais extensas, determinando um maior tempo de coleta. Essa demora na coleta acabou resultando num alto índice de leite ácido, principalmente no verão. No ano passado, por exemplo, tivemos 945.782 mil litros de leite ácido, com um prejuízo de quase Cr\$ 5 milhões (o leite é um produto altamente perecível).

É um dinheiro que deixou de entrar. "Com esse quadro pela frente, alguma coisa teria de ser feita e foi aí que começamos a pensar em redimensionar as linhas". A partir desta constatação se procurou fazer um esquema de coleta que diminuísse o percurso do caminhão, "visando não apenas diminuir os custos, mas principalmente o tempo da coleta".

O bom funcionamento das novas linhas de leite, de acordo com o pessoal do Departamento Técnico, é uma questão de conscientização do próprio produtor em levar o seu leite até a parada mais próxima. A questão é que com as modificações, o caminhão não vai mais parar em todas as propriedades como fazia anteriormente. As plataformas foram implantadas (ou paradas) em distâncias que variam de 500 a 1.300 metros e de acordo com a produção diária de cada produtor.

Se um produtor produz, por exemplo, 20 litros diários, é quase certo que terá de levar o leite até a plataforma. Se produz mais de 100 litros, o leite poderá ser transportado de casa. O certo é que as pequenas entradas, com raras exceções, desaparecerão, e a maioria dos produtores terá de levar o leite na estrada principal, onde passa o caminhão. "Com essas modificações", explica o Otaliz, "nós buscamos um trabalho coletivo. Se não houver uma organização por parte dos produtores, daqui algum tempo eles vão trabalhar só para pagar o transporte. Aquele negócio de pegar o lei-

te em casa, se tornou impossível em função dos altos custos de transporte".

## RETROCESSO

A implantação dessas modificações nas linhas de leite não está sendo nada fácil. Os próprios técnicos comentam que está havendo alguma resistência. "O problema, comenta o Santo Desordi do departamento de Comunicação e Educação, da Universidade de Ijuí, é que a maioria dos associados ainda estão na dependência do trigo/soja e não vê a pecuária leiteira como um fator de rentabilidade para a propriedade". O Santo ainda levanta outro aspecto, dizendo que o produtor está oferecendo resistência pelo simples motivo de que acha que carregar o leite com as mãos, de carroça ou de cavalo é retroceder no processo de modernização. "Alguns produtores não estão querendo enfrentar este risco de parecer que estão regredindo e acham então que a solução é colocar o leite em cima do trator e levar até a estrada. Se isso realmente acontecer, parece que não há razão de economizar no transporte".

## NÃO É CASTIGO

O Ervino Neuhaus, presidente da Associação dos Transportadores de Leite - Atralei - em contato diário com o produtor, comenta que tem muito pessoal achando que essas modificações foram feitas só para prejudicar os menores, "até estão tomando como se fosse um castigo". Já o Otaliz faz questão de dizer que não é a cooperativa que não está querendo ir até as

## O assunto está dando o que falar

*Estou entregando o leite quase na porta da minha casa. Tive sorte de que com as modificações, o caminhão tá passando aqui na frente. Como dá pra ver, não tenho maiores problemas, mas acredito que essas modificações que aconteceram nas linhas de leite devem ter prejudicado muita gente, que vai ter que caminhar um bom trecho para levar o leite até a parada. O meu vizinho tem que caminhar uns 400 metros pra trazer o leite na parada. Antes das modificações eu levava o leite lá no estradão, dá uns 500 metros. E levava a pé. Mas gostei muito que diminuíram o número de paradas. Claro que desde que não prejudique demais alguns produtores. Se a diminuição das paradas vai ajudar a baixar o índice de acidez do leite, como estão dizendo, eu não sei. Me parece que o problema de acidez no leite é coisa do próprio produtor. Se ele manter sempre limpa as vacas, tiver cuidados com o leite, fizer sempre a higiene da vaca bem direitinho, a acidez meio que desaparece. Se o produtor é caprichoso e cuidadoso, o leite nunca fica ácido. (Silvino José Góti - Rincão dos Góti. Entrega 14 litros diariamente)*

*A nossa linha de leite é bastante curta e nunca teve muitos problemas. Mesmo com as modificações ela não mudou quase nada. Só que agora anda mais rápido. O caminhão que pega o nosso leite vem de Augusto Pestana. Passa aqui na frente aí pelas 8:30 horas e quando são*

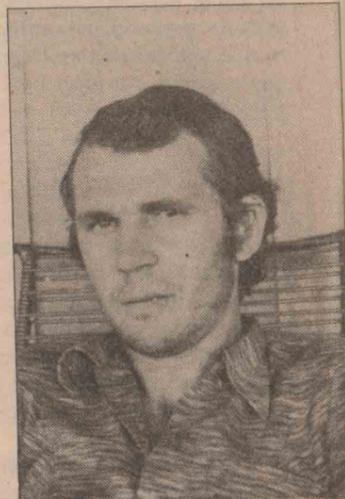
*9:00 horas, já tá chegando lá no Posto. Prá mim continua do mesmo jeito, mas a gente tá sabendo que tem muito produtor meio revoltado com essas mudanças todas. Até acredito que essa revolta vai ser só nos primeiros dias, depois eles acostumam. Aqui na parada tem 5 produtores que trazem leite das redondezas, mas todos moram bem perto e não dá pra reclamar. Gostei muito dessas mudanças. O caminhão tá parando menos, não é mais como antes que parava em tudo quanto era lugar. E o melhor de tudo isso é que agora o frete não precisa subir tanto. (Acácio Copetti - Rincão dos Góti. Entrega 55 litros por dia)*

*Por enquanto ainda não colocaram em prática as tais de mudanças desta linha e o caminhão ainda tá vindo buscar o leite aqui em casa. Só quando*

*chove é que a gente leva lá no asfalto, porque a estrada é meia ruim pro caminhão entrar. Mas já tou sabendo que quando começar a funcionar a nova linha, terei de levar sempre o leite até a estrada e esse caminho dá uma distância de mais de 1.300 metros. Vai ficar muito ruim pra mim. Até já tou pensando em desistir de vender leite. Se tiver mesmo que levar até lá em cima, vou desistir mesmo. A gente perde muito tempo, porque quase sempre o caminhão atrasa. Ele desce no Rincão do Tigre e ainda tem que esperar uma carroça que faz uma sub-linha e só depois é que passa aqui. Nunca se sabe ao certo que horas ele vai passar. Tenho a lavoura pra cuidar e não dá pra perder tempo esperando o caminhão na estrada. Vou ter que desistir. Vai ser um negócio a mais pra gente deixar de ganhar. Me falaram que se eu au-*

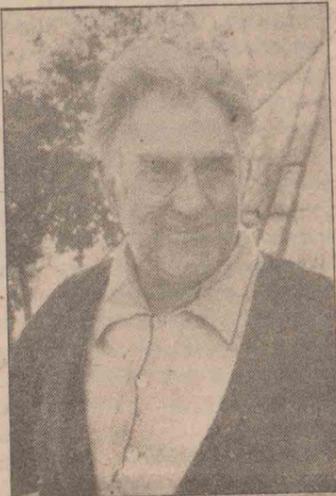
*mentasse a produção, o caminhão poderia descer até aqui, mas as coisas não estão fáceis. Até já andei dando uma pensada no caso, mas é preciso fazer projetos, pastagens, comprar novas vacas. Por enquanto não dá. É preciso andar meio devagar. A gente tá sabendo que essas modificações são medida de economia e servem até pra conservar mais ou menos fixo o preço do frete. Só que acho que baratearia muito mais o frete se o caminhão recolhesse o leite de 2 em 2 dias. O pessoal compraria um refrigerador e guardaria ali o leite. Leite congelado não azeda tão fácil. (Leonir Becker - Rincão do Tigre. Entrega diariamente 43 litros de leite).*

*O meu pai (Emílio Kromberger) parou de entregar leite. Isso faz uns 15 dias, porque queriam que ele fosse levar o leite*



Rui: ir com calma

*na parada da Esquina São João, a uns 1.200 metros de distância. Carregar 30 litros de leite nos braços não é fácil. De carro, não compensa levar. Eu também ia começar a entregar leite, agora estou esperando e pleiteando para que o caminhão passe mais aqui por perto. Tem outro morador aqui de perto que também tá querendo vender leite. Mas desse jeito, acho que ele vai desistir. Nós estamos fazendo queijos, natas e o resto do leite estamos dando pros porcos. O que se vai fazer? A gente entende muito bem a posição do pessoal em mudar as linhas para diminuir o número de paradas, só que eles deveriam procurar entender um pouco também o produtor. Sei que eles estão apertando para que a gente aumente a produção de leite, mas é preciso ver que nós estamos saindo de duas frustrações. . . então as coisas não podem ser assim tão depressa. Temos que andar meio com calma. Dívidas demais não dá muito certo. (Rui Kromberger - Linha 11 Este).*



Silvino: tive sorte

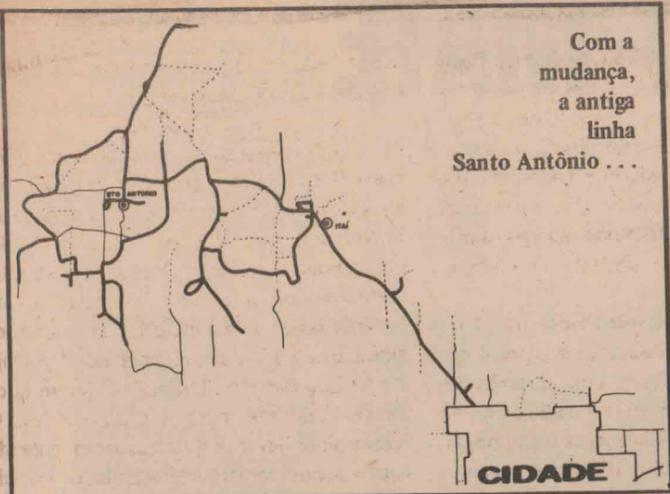


Acácio: pouco mudou

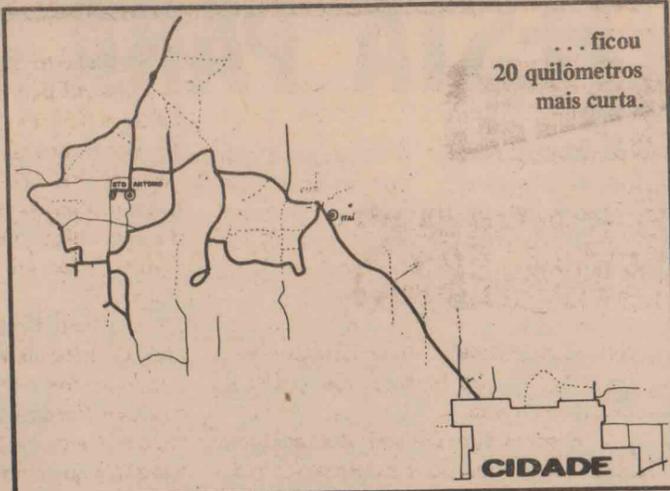


Leonir: vai ficar ruim

## Mudanças na coleta do leite



Com a mudança, a antiga linha Santo Antônio...



... ficou 20 quilômetros mais curta.

propriedades pegar o leite.

— Houve uma mudança em todos os sentidos e o produtor de leite precisa se adaptar a realidade. Em hipótese alguma o preço do leite poderá acompanhar a evolução do preço do óleo diesel.

Tanto o Santo como o Otaliz concordam, que mesmo que os novos traçados das linhas tenham sido feito conjuntamente com os produtores, é muito difícil de agradar a todos ao mesmo tempo. Aqui entra a questão envolvimento de cada produtor junto a atividade. "O envolvimento de cada produtor é diferente, e o pessoal menos interessado vai desistir mesmo de produzir leite".

Embora nem todas as novas linhas implantadas estejam funcionando, o Ervino

conta que têm produtores que não estão vendo vantagens nas reestruturações, principalmente aqueles que entregam uma média de 20 litros de leite por dia (esses produtores correspondem a uma média de 60 por cento). "Tem gente desistindo e tem gente que vai ficar por mais algum tempo, até que possa se desfazer das vacas".

### ESTRADAS EM PRECÁRIAS CONDIÇÕES

O encarecimento do transporte tem colocado produtores e freiteiros em choque, já que os constantes aumentos dos combustíveis fazem com que os freiteiros estejam sempre pedindo reajustes nos preços dos fretes. O próprio Ervino diz que do jeito que estava, não dava mais pra continuar. "Nós não podemos trabalhar com prejuí-

zo". Conta que um problema que têm contribuído para o encarecimento do frete são as precárias condições das estradas.

— Tem pontes, boeiros caindo em pedaços. As estradas, nem dá pra falar... Nós gastamos em média um pneu por mês. Amortecedor, se põe hoje, amanhã tá pifado. O transporte do leite é uma ilusão. O pessoal vê o nosso ganho, que em números é tentador e acha que estamos ganhando demais. Só que tem os descontos, os gastos com combustível, as prestações do caminhão... e no final das contas não sobra nada.

No sentido de diminuir os custos do transporte, o Santo Desordi explica que estão sendo feito estudos para se chegar a um custo de valor por quilômetro. "Acontece

que tem muitos freiteiros com um ganho que satisfaz e outros não, pois existem linhas boas e linhas ruins". Para evitar essa diferenciação de preços para linhas diferentes, está se pensando num mesmo preço, pago pelos produtores, enquanto que os freiteiros receberiam o frete, pelas variáveis (distâncias, condições das estradas e quantidade de leite transportado). "Essa diferença daqueles que receberiam menos ficaria como um fundo de reserva para ajudar as linhas que estão iniciando ou então para aqueles que em certos períodos do ano tiveram prejuízo. Seria uma maneira de evitar um aumento exagerado do frete".

### O QUE REDUZIU

Ainda não se pode fazer uma avaliação dos resultados das linhas modificadas. Meio por alto, dá pra dizer que no geral o número de paradas diminuiu uns 12 por cento. Em termos de distância, em 12 linhas funcionando, a redução anda por volta de 150 quilômetros. Por exemplo, a Linha Santo Antonio, tinha uma extensão de 130 quilômetros. Depois das modificações ficou com 110 quilômetros. A redução foi de 20 quilômetros. Se antes o freiteiro levava 4:30 horas para cumprir o trajeto, hoje ele leva coisa de 3:30 horas. As paradas que eram em número de 88, baixaram para 70. A média de litros de leite entregue por produtor subiu de 16,5 para 30 litros diários. A linha Santo Antonio possui 127 produtores, que entregam em média 2.100 litros diariamente.



Silvestre: levo a pé

Olha, entrego o leite a uns 400 metros daqui de casa e não vejo dificuldade nenhuma em fazer isso. E ainda levo a pé. Antes das mudanças eu já fazia esse carregamento, então pra mim não mexeu com nada. A gente tá sabendo que tem uma turma grande lá pelos lados da barca do rio Ijuí que vai deixar de vender leite, pela distância que ficou a parada. Mas as mudanças foram boas. Tem menos paradas e o caminhão chega bem mais cedo na cidade e o leite corre menos risco de ficar ácido. Acho que o produtor, uma vez ou outra, tem que se sacrificar um pouco. É claro que levar o leite numa parada que fica a 2 quilômetros de distância não é vantagem. Aí vai ter gastos com o carro e em vez de diminuir os gastos, só aumenta.

Computando tudo, onde é que vai parar o preço do frete? Trabalhar só para pagar frete não dá. O leite não é a minha atividade principal, mas dou igual atenção, porque é uma maneira de defender o rancho no final do



Marli: levo de trator

mês. (Silvestre Antonello Netto — Linha 13 Leste. Entrega 35 litros diariamente)

Nós sempre entregamos o nosso leite lá na estrada, a uns 500 metros de distância. Levamos o leite de trator. Até queríamos que o caminhão descesse até aqui, mas como somos os únicos produtores por esses lados ele não pode vir. A não ser que a gente aumentasse muito a produção. Pra nós continua do mesmo jeito. A mudança não mexeu com nada. O caminhão continua passando sempre no mesmo horário. Em certos pontos foi boa essa mudança, principalmente para aquelas linhas compridas que tinham paradas demais. Assim o caminhão anda mais rápido e chega mais cedo no Posto. Ruim ficou para esse pessoal que tem de levar o leite em paradas bem distantes. A mudança não vai compensar muito porque vão perder tempo, o leite terá de ser levado de carro e os gastos vão aumentar. (Marli Copetti — Linha 3 Leste. Entrega 30 litros de leite por dia)

# Chega de luta.

**Depois do carrasco, surgiram punições, fuzilamentos, xerifes... Mas quem mata mesmo, e por lei, é Blazer, o carrasco das ervas de folhas largas da soja.**

Blazer, o carrasco, vem a público para levar outra vez ao cadafalso, o Amendoim Brabo, os Leitões, o João, o Carurú, a Corda de Viola, a Baldoieira, o Carreleiro de Carneiro, a Trapoeraba, o Pico Preto, o Pico Branco.

Blazer, o carrasco, é um herbicida de pós-emergência com a ação de contato, que não deixa nenhuma de folhas largas que resistem.

Blazer, o carrasco, mata sem piedade. Mata o que tem que matar, na hora certa e dá proteção à plantação sem estragar a terra. Seus efeitos podem ser vistos um dia após a aplicação.

Blazer, como sempre, você pode aplicar com pulverizadores ou através de aplicações aéreas.

Blazer, o carrasco, deve ser aplicado sempre sobre lavuras já tratadas com gramíneas, pois sua ação sobre capins é secundária.

Vamos... Procure mais uma vez dentro da lei. Faça justiça com as mãos do carrasco. Acabe com as ervas de folhas largas da soja com Blazer.

**ROHM IHAAS**  
FABRICANTE DE BLAZER, DITHANE, STAM, KALTHANE, KARATHANE E GOAL.

# UMA FESTA PARA O MATE

Coronel Bicaco é um município com pouco mais de 15 anos de emancipação política e área não muito maior que 500 quilômetros quadrados. Localizado entre os municípios de Santo Augusto, Campo Novo, Redentora, Braga e Palmeira das Missões, Bicaco tem como atividade econômica principal a agricultura (trigo, soja e milho). No passado já teve muita expressão na produção da erva-mate, coisa de antes da corrida pela soja. Depois os ervais foram cortados ou então abandonados. Vendo que as coisas não andam fáceis e as frustrações andaram acontecendo uma atrás da outra, Bicaco resolveu incentivar a cultura da erva-mate. E o que decidiu fazer, só para começo de assunto? Uma Feira Exposição Nacional da Erva-Mate, onde esta-

riam presentes produtores, viveiristas, industrialistas e autoridades ligadas ao assunto, não só do Estado, mas também de Santa Catarina.

A Fenamate teria como objetivos reativar nos Estados do sul a cultura da erva-mate, incutir no brasileiro não só o hábito do chimarrão, mas também do chá e do refresco e mostrar que a erva-mate também pode ser usada no reflorestamento.

Foram três dias de festa, com rainhas, visitas de autoridades para a abertura oficial da Feira, apresentações folclóricas, exposição de máquinas, de móveis, butiques de roupas e até um Parque de Diversões com roda-gigante e tudo o mais. Os estandes, distribuídos nos dois pavilhões ou mesmo fora deles, davam gosto de se ver.

A erva-mate estava em todos e o chimarrão corria solto. Também era uma coisa que não podia faltar em plena festa do mate. Houve até quem distribuisse folhetins falando sobre a origem e os efeitos no organismo exercidos pela erva-mate. Conta um folheto que a erva foi um elemento básico da alimentação dos índios Guaranis e que a origem do nome "mate" veio da substituição feita pelos espanhóis da palavra guarani "Cai-guá".

Para o pessoal mais novo, que sempre morou pelas cidades, não faltou um aprendizado de como se beneficiava a erva nos tempos mais antigos. Um manjolo (o mais primitivo instrumento de beneficiamento da erva) e o soque feito de madeira, bem como se usava antigamente,



O estande da Cotrijuí na Fenamate

funcionavam o dia inteiro. E o pessoal ia dando as explicações para quem demonstrasse interesse. Mas a Fenamate não foi só de festa. Aconteceram debates, reuniões técnicas, trocas de informações e palestras. O pessoal não foi lá só para se divertir, ver coisas bonitas ou tomar chimarrão. Também foi para trocar experiências, adquirir novas e, quem sabe, até aprender.

## ECONOMIA FRÁGIL

Como toda a festa, a Fenamate também começou atrasada. Mas nem por isso deixou de ter sucesso. A abertura oficial foi feita pelo Secretário da Agricultura, Balthazar do Bem e Canto, que visitou a Feira acompanhado de Paulo de Souza, representante do Ministro da Agricultura, Amaury Stábile e do presidente da Emater, o agrônomo Lino Hammann.

O prefeito Jacinto Luciano de Souza, um dos donos da festa recebeu

seus convidados lembrando os objetivos da Feira. O presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva, na sua conversa frente às autoridades e produtores, lembrou a recente geadada que poderá levar a produção de trigo deste ano a mais uma frustração. "O nosso passado, bem recente, nos tem mostrado quanto é frágil a nossa economia". E hoje queremos estabelecer uma agricultura com a efetiva participação do agricultor. Quem sabe até caminhar com mais lentidão, mas com muita base e segurança. Ruben deixou claro que ninguém estava ali para substituir culturas, "o que pretendemos é que a erva volte a ser mais um dos componentes da nossa economia. Seria interessante que tirássemos um pouco da soja, do trigo, e diversificássemos com mais culturas, mesmo que não signifiquem, a curto prazo, grandes rentabilidades. →



## Todo inseticida devia controlar as lagartas da soja com a mesma economia de Pounce. Sorte de quem usa Pounce.

Solução definitiva significa um produto perfeito. E o que Pounce é no controle das lagartas da soja. Pounce é o insuperável inseticida piretróide da FMC. Seu alto poder inseticida e prolongado efeito residual permite utilizar baixas dosagens e diminuir o número de aplicações, garantindo já na 1ª aplicação uma considerável economia. Pounce só não faz economia quando controla as lagartas da soja. Nisto ele é insuperável. Seu largo espectro age de modo fulminante por contato e ingestão, resultando em comprovada eficiência nas áreas tratadas. Pounce apresenta ainda, como vantagem adicional, baixa toxicidade, oferecendo segurança ao aplicador, à fauna e ao meio ambiente. Se para plantar você usa de critério, faça o mesmo para garantir a colheita. Mude para Pounce: quando um inseticida é fulminante na ação, os lucros só podem ser fulminantes no seu bolso.



Pounce 384 CE é o inseticida lagarticida da FMC, próprio para as culturas de: algodão; soja; café; milho; tomate e brássicas (couve, couve-flor, repolho).

**FMC** Divisão Agroquímica  
Produtos Eficientes

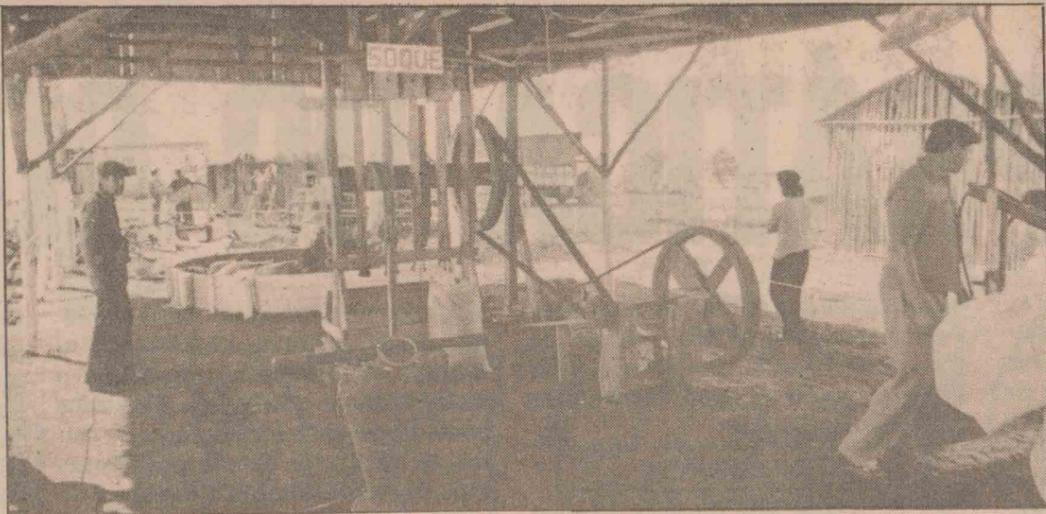
Av. Paulista, 1274 - 7º andar  
São Paulo - SP - Brasil

\*Pounce é marca registrada da FMC Corporation



O chimarrão não podia faltar

Paulo de Souza, Secretário Nacional da Produção Agropecuária e representante do Ministro da Agricultura, levou aos presentes uma mensagem de confiança, enaltecendo a união de todos num verso de Martin Fierro. Disse ainda que estava ali não só para falar, mas também para ouvir aqueles que estavam se movimentando no sentido de reerguer a cultura da erva-mate na região.



O soque, como o de antigamente, funcionava o dia inteiro

do em que o preço não compensava para os produtores, eles começaram a diminuir as suas áreas, a fazer cortes. Durante esse tempo todo, o consumo não mudou. Apenas diminuiu a produção. Então houve essa defasagem no preço porque o mercado passou a exigir um produto que não existia.

O Nilo se preocupou mais com a parte técnica, como produção de sementes, de mudas, plantio, poda. . . Diz o Nilo que toda a semente que for plantada em solo rico de matéria orgânica (de início, a erva-mate é uma cultura um tanto exigente) se desenvolve em melhores condições. Fez observações sobre o cuidado com as mudas, sempre com terra úmida por volta para que se desenvolva com maior vigor, sobre as covas, a poda, e assim por diante.

Representando o Departamento Técnico da Secretaria da Agricultura Sídio Schuch fez uma análise

do que está sendo feito em termos de pesquisa voltado para a erva-mate.

#### UMA POLÍTICA DEFASADA

O Delegado Estadual do IBDF, Paulo Campos iniciou a sua conversa, dizendo que não existe quase nada de política erva-teira no país. "A que existe está totalmente defasada em termos de tempo e tecnologia". Disse o Delegado que foram muito poucos os presidentes do IBDF que se preocuparam em fazer alguma coisa pela erva-mate. "Estamos criando uma nova política erva-teira, com orientação sobre poda, cadastro de novas indústrias. . . Esta nova legislação vai permitir até o cadastro do próprio barbaquá".

Alguns produtores já andam se preocupando com uma possível saturação no mercado da erva-mate, já que o pessoal está começando a reerguer seus velhos ervais ou então implantar novos. Paulo Cam-

pos disse que em economia tudo é possível, mas que se existir uma promoção de consumo, dificilmente acontecerá uma saturação no mercado. "A erva tem grandes qualidades medicinais e é um dos poucos produtos que é isento de qualquer outro produto químico. O mate é um produto totalmente natural e nós temos pela frente um mercado bastante ávido". O Sídio aproveitou e levantou a questão de que é interessante que o produtor faça sua cultura de erva sempre consorciada com outras culturas. É como disse um produtor:

— "Não podemos confiar só num braço. Não dá para plantar só a erva e ficar esperando a colheita. Temos que meter outras culturas no meio para equilibrar".

#### CONTRA INCENTIVOS INDUSTRIAIS

No segundo dia de Fenamate foi a vez dos produtores se reunirem para discutir os rumos da po-

lítica da erva-mate. No final ficou constituído um "Conselho de Produtores de Erva-Mate", formado pelos produtores Erni Schünneman, de Redentora; Floriano Boner, de Campo Novo; Aureo Cavallini, Flori Rodrigues de Souza, Francisco Vieira e Manoel João Goulart, todos de Coronel Bicaco. Esta Comissão ficará encarregada de fazer uma análise da realidade da erva-mate e também ter certa influência na definição da política da erva-mate.

Os produtores conversaram por um bom tempo e discutiram muitos aspectos da erva-mate. No final da reunião puseram as conclusões todas no papel para ser encaminhada ao IBDF. Neste documento final, os produtores estão manifestando a sua preocupação e posição contrária ao uso de incentivos fiscais para reflorestamento com erva-mate por parte de grupos industriais. No pensamento dos produtores, se isto acontecer, será uma forma de limitar a expansão e perspectivas da cultura da erva-mate nas pequenas propriedades rurais. Por outro lado, os produtores estão considerando que os ervais não devam passar de 1 hectare por produtor. Também consideram fundamental o desenvolvimento da pesquisa no setor, "notadamente no que diz respeito à utilização de culturas intercalares e sistema de condução do erval"



# VILLARES

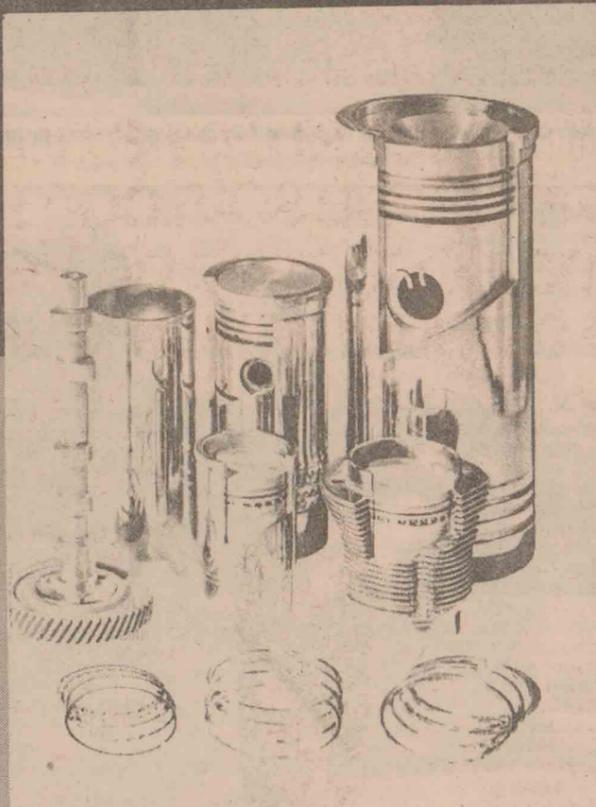
## Ferropeças Villares SA



PERFECT CIRCLE

Anéis  
Kits  
Camisas  
Eixos de Comando

Procure as peças Villares nas Lojas COTRIJUI



# A PRÁTICA DO PODER

Durante mais de um ano o assunto "estrutura do poder" foi discutido em reuniões, seminários, nas canchas de bochas, nos encontros de senhoras. Não que a discussão fosse sobre a necessidade de modificar o exercício do poder dentro da Cooperativa, com uma participação maior dos seus associados. Isto já é pacífico e já foi prático discutido e aprovado pelos associados. As conversas giravam agora em torno de uma avaliação da experiência que vem sendo desenvolvida desde maio do ano passado, quando foram eleitos pela primeira vez os representantes de todo o quadro social. Além de avaliar a experiência, se procurava deixar mais claro também como funcionará realmente a tal da estrutura do poder.

Pois todas estas definições acabaram aparecendo num Seminário Central, que aconteceu dia 16 de agosto em Ijuí. Deste Seminário participaram quase todos os 59 representantes eleitos pelo quadro social no ano passado e mais alguns líderes apontados em cada Unidade durante

a realização dos seminários regionais. Para a reunião final veio o pessoal de toda a área de ação, tanto na Região Pioneira, como de Dom Pedrito e do Mato Grosso do Sul.

## AS DISCUSSÕES

O pessoal veio disposto a brigar para fazer valer as opiniões e as decisões tomadas nos seminários regionais. É claro que a briga foi no bom sentido, sem nada destas coisas de gritos, palavrões, tapas ou empurrões. Se "brigou" argumentando para fazer valer as opiniões.

Algumas definições foram pacíficas. Foi assim no caso de clarear as funções dos representantes, um assunto que teve mais de um ano para ser amadurecido junto às bases (veja o quadro abaixo, onde aparecem todas as normas para a nova estrutura do poder na Cotrijuí). Foi fácil também decidir sobre a forma de realizar as eleições, pois a opinião de praticamente todo o quadro social era de fazer prevalecer o mesmo sistema adotado no ano passado quando foram

escolhidos os primeiros representantes: urnas volantes, percorrendo as localidades do interior para que o maior número possível de associados possa eleger seu representante. A forma de realizar a eleição dos Conselhos de Administração e Fiscal e a diretoria executiva (presidente, vice-presidente e superintendente) foi também uma opinião bastante amadurecida nas discussões de base: todos os associados terão direito a voto e não só os representantes.

## UMA QUESTÃO DIFÍCIL

Houve apenas um ponto, na verdade, que provocou diversas manifestações durante o Seminário: o número de representantes e o critério para defini-lo.

Na região pioneira sempre prevaleceu a idéia de que a proporção de representantes seria em relação ao número de associados de cada unidade. Mas o pessoal do Mato Grosso

veio firme e unido em torno de uma só opinião: não é apenas a pessoa que conta, mas também a produção. Por isto eles fizeram suas propostas sempre relacionando o número de representantes com a extensão de terras de cada localidade.

Uma das propostas apresentadas era a seguinte:

Um representante para cada grupo de 150 associados na Região Pioneira. No Mato Grosso do Sul e em Dom Pedrito, dois representantes por unidade, mais um por cada grupo de 500 associados e mais um para cada 10.000 hectares de terra cadastrados na Cooperativa.

Outra proposta era de no mínimo dois representantes por Unidade, mais um para cada 150 associados e fração de 50 por cento deste número mais um (ou seja, mais de 75 associados) e ainda mais um representante para cada 20.000 hectares.



O plenário discutiu e aprovou a proposta da estrutura do poder

## OS ARGUMENTOS

Aí o plenário pegou fogo. Os representantes do Mato Grosso lembravam que eles ainda são em pequeno número de associados se comparados ao número existente na Região Pioneira. Eles lembravam que mesmo sendo poucos associados, representam uma produção quase igual à de toda a Região Pioneira e, seguramente, nos próximos anos, superarão a produção

aqui obtida. Desta forma, eles entendiam, seria preciso mais representantes para fazer valer suas opiniões. Isto sem contar que sua região é muito grande, tornando difícil o trabalho do representante de entrar em contato com os associados.

Os representantes da Região Pioneira levantaram em peso contra esta proposta. Segundo eles — e foram várias as pessoas que se manifestaram contra a idéia de uma propor-

## As normas aprovadas

As propostas de cada um dos seminários regionais foram reunidas num só documento para ser analisado e discutido durante o Seminário Central. Seus participantes foram divididos em 10 grupos e estudaram todas as alternativas propostas. Mais tarde, em plenário, estas alternativas foram votadas, surgindo finalmente as decisões sobre as normas para a nova estrutura do poder na Cotrijuí. Muitas destas normas são semelhantes ao procedimento adotado no ano passado, quando da primeira eleição dos representantes. Elas são as seguintes:

### 1 — FUNÇÕES DOS REPRESENTANTES

1-1) Ouvir os associados nas suas bases, através de reuniões e contatos. Conhecer os problemas e necessidades dos associados e a situação da Cooperativa. Analisar esta situação com os demais associados, funcionários (técnicos) e com eles traçar planos, tendo como base de atuação a unidade de acerto de conta.

1-2) Formar um órgão consultivo dos Conselhos de Administração e Fiscal, mantendo-se fiel às bases.

1-3) Organizar-se por regiões. Os representantes e conselheiros regionais poderão convocar reuniões com a diretoria regional e sua administração a nível de diretoria e/ou a nível de Unidades Receptoras, para analisar investimentos, contas, avaliar serviços e propor alternativas a nível de unidade, região e conselhos. Realizarão um encontro anual de representantes e, no dia seguinte, uma reunião com os Conselhos de Administração e Fiscal.

1-4) Representar os demais associados, quando em reunião de maioria absoluta dos membros do Conselho de Representantes, com o poder de decisão sobre:

- Balço, investimentos, patrimônio e serviços. No período de 30 dias antes da decisão, o balanço deverá estar em poder dos representantes para ser discutido com os demais associados.
- Organização de chapa, ou chapas, para a eleição dos Conselhos de Administração e Fiscal e diretoria executiva.

### 2 — REALIZAÇÃO DAS ASSEMBLÉIAS

2-1) Antes da Assembléia encaminhar através dos representantes ou conselheiros, aos núcleos e/ou Unidades a ordem do dia,

para que seja discutida. Lavar atas da presença dos associados às reuniões e trazê-las para as reuniões de representantes, conselheiros e assembleias.

2-2) Nas Assembleias Ordinárias de decisão sobre balanço, investimentos, patrimônio e serviços, os representantes eleitos têm direito a voto, respeitando as decisões da base. Outros associados podem participar e discutir durante as assembleias, mas sem direito a voto.

2-3) Nas Assembleias Ordinárias para eleição dos Conselhos de Administração e Fiscal e diretoria, se adotará o seguinte procedimento:

— Os representantes organizarão chapas

— A chapa ou chapas concorrerão às eleições, sendo assegurado a todos os associados que operaram com a Cooperativa no último exercício o direito de votar.

— A votação será secreta.

— Cada associado terá direito a um voto.

— Para facilitar o exercício do voto, as urnas deverão percorrer todas as unidades da Cooperativa e outras localidades do interior, a critério dos representantes e conselheiros.

2-4) Nas Assembleias Extraordinárias, os representantes decidirão sobre todos os assuntos da ordem do dia previsto no artigo 36, parágrafo 1º, do estatuto social, com exceção de:

- fusão ou incorporação,
- mudança de objetivo
- dissolução voluntária da cooperativa e suas consequências.

(Neste caso, como está previsto no

artigo 36, § 1º, apenas a Reforma dos Estatutos poderá ser decidida em reunião só dos representantes. Os outros itens exigirão a consulta e voto de todos os associados).

### 3 — ELEIÇÕES

3-1) Os representantes deverão divulgar a nominata dos componentes da chapa, ou chapas, pelo menos 15 dias antes do início da votação.

(Ao aprovarem este item, os representantes aumentaram de 5 para 15 dias o espaço de tempo para os associados tomarem conhecimento das chapas que concorrerão às eleições. O período de 5 dias é previsto no estatuto em vigor. Além das chapas organizadas pelos representantes, um grupo de 15 associados também pode formar a sua chapa).

3-2) Em tempo hábil os representantes providenciarão a composição das mesas receptoras de votos, com pelo menos 2 associados e 1 funcionário.

3-3) Com o auxílio do Departamento de Comunicação e Educação providenciarão no material necessário para o processo eleitoral (urnas, cédulas e outros materiais de controle).

3-4) Indicarão pelo menos 5 associados para acompanhar, escrutinar e fiscalizar as urnas, e divulgar imediatamente os resultados das eleições.

3-5) Em caso de chapa única, os representantes organizarão chapa, ou chapas, sempre que exista mais da metade dos votos brancos e nulos somados.

3-6) Quando da renovação anual, prevista nos estatutos, de parte do Conselho Fiscal, caberá aos representantes eleger esta

parte em reunião válida com a presença da maioria absoluta.

### 4 — ELEIÇÃO DOS REPRESENTANTES

4-1) Realizar eleições de representantes na primeira quinzena de dezembro de 1980, e de três em três anos a partir desse período.

4-2) Eleger 1 representante para cada 150 associados e seu respectivo suplente, e mais 1 para cada fração igual ou superior a 50% desse número. As unidades de recebimento com menos de 150 associados terão direito a 1 representante e seu respectivo suplente.

4-3) Poderão votar e ser votados os associados que operaram com a Cooperativa no último exercício, salvo aqueles que foram admitidos nesse período.

4-4) Cada matrícula terá direito a um voto, que poderá ser delegado à esposa ou parceiro.

4-5) A esposa poderá ser votada.

4-6) Serão contados todos os votos recebidos pelo associado, independentemente da unidade e, se eleito, representará a unidade onde obteve maior número de votos.

### 5 — AJUDA DE CUSTOS

5-1) Os representantes terão direito a receber, a título de ajuda de custos, as despesas de viagem efetuadas para participar uma vez por mês de reuniões na Unidade, de acordo com comprovantes, e mais 10 por cento do valor do salário mínimo regional. Quando a reunião ocorrer fora da unidade, receberão as despesas de viagem e mais 20 por cento do valor do salário mínimo.

ção por terra — a cooperativa é feita de pessoas e não de capital. O capital é importante, mas não é por aquilo que a pessoa tem que ela vale mais ou vale menos dentro da Cooperativa.

— Ajuda de custos. Os representantes têm despesas de locomoção para participarem das reuniões. Acontece ainda, em muitos casos, de o serviço em casa ficar completamente parado, enquanto o associado está defendendo os interesses dos demais associados. Assim, eles acabam tendo prejuízo pessoal ao serem eleitos representantes.

— Manifestação mais emotiva, porém, foi do seu Chico Farinha, associado de Dom Pedrito. Ele praticamente pôs um fim à discussão quando afirmou:

— Nós não estamos preocupados com o número de representantes. Nós vamos cuidar e nos preocupar com a nossa família Cotrijuí, em pensar com que ela cresça. Até dá uma certa tristeza ver esta ansiedade de número, de maior número ou de menor número. O que importa é que o representante defenda a idéia de uma grande família, onde um não pode ser mais do que o outro. O que interessa é a pessoa e não o que ela tem.

Quando na verdade a situação já estava praticamente definida, prevalecendo a idéia de eleger um representante para cada 150 associados, mais um para cada fração igual ou superior a este número (assegurando também nas unidades com menos de 150 associados a eleição de um representante), foi pedida a manifestação do presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva. Ele frisou que dava sua opinião não como presidente da Cooperativa, mas sim como associado, mostrando-se favorável a manter a proporção apenas em torno do número de pessoas. E justificou:

— O capital deve estar ao nosso serviço, e não nós a serviço do capital. A grande remuneração que o capital pode dar a uma cooperativa é a sua boa aplicação em serviços que ela preste ao corpo social.

— Comparando com a experiência do ano passado pouca coisa mudou em relação às eleições dos representantes e todo processo de participação dos associados nas definições da vida da Cooperativa.

As principais alterações foram as seguintes:

— Proporção de um representante para cada grupo de 150 associados. Ano passado a proporção foi de 1 por 300.

— Eleições de representantes de 3 em 3 anos. Na eleição passada ainda não fora definido por quanto tempo duraria o mandato do representante, que pode também ser reeleito.

— A esposa poderá ser votada.

Esta decisão torna o voto um direito da família e não apenas do seu chefe. A esposa do associado passa a ter o direito de ser eleita representante de um grupo de associados.

— Urnas volantes para a eleição dos Conselhos de Administração e Fiscal e diretoria executiva. O direito ao voto não foi tirado dos associados. Só que a eleição, no lugar de acontecer apenas durante a Assembleia, acontecerá em todas as localidades onde exista um grupo considerável de associados. Assim, mais gente poderá votar para escolher os conselheiros e dirigentes da Cooperativa.

— Estas mudanças, que agora passam a ser incorporadas na estrutura da Cotrijuí, terão por enquanto apenas efeito prático. É que ainda não foi possível modificar os estatutos sociais da Cooperativa, pois, para isso, será preciso também que mude a legislação do sistema cooperativista. Tanto que, ainda neste ano, a Cooperativa deverá solicitar aos órgãos competentes uma autorização para executar esta experiência.

Os órgãos competentes são o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) e o CNC (Conselho Nacional de Cooperativismo). Primeiro a consulta será feita junto ao INCRA. Caso ele não se considere competente para julgar a questão — ou mesmo se o INCRA der parecer contrário — será preciso recorrer ao CNC, que é o órgão mais importante do sistema cooperativista brasileiro.

Cônsua aprovação, será possível também modificar o estatuto e fazer da estrutura do poder uma realidade não apenas prática, mas também de lei, na Cotrijuí. Enquanto não vier a aprovação, ou mesmo se ela não chegar, a estrutura do poder pode apenas ser posta em prática. Basta porém, que os associados resolvam voltar atrás nas decisões do Seminário, ou mesmo utilizarem as definições do atual estatuto, para que estas normas, e sempre que o estatuto for utilizado prevalecerá sobre elas.

Caso se encontrar amparo legal, com aprovação destas normas, e depois de testada mais amplamente a estrutura do poder, deverá ser realizado um plebiscito em 1984. Neste plebiscito, os associados votarão pelo SIM ou pelo NÃO para que a estrutura do poder deixe de ser apenas uma experiência para que se torne uma realidade prática e legal dentro da Cotrijuí.

## EMOÇÃO

— Efeito prático. Mas só por enquanto

## EFEITO PRÁTICO. MAS SÓ POR ENQUANTO

— Estas mudanças, que agora passam a ser incorporadas na estrutura da Cotrijuí, terão por enquanto apenas efeito prático. É que ainda não foi possível modificar os estatutos sociais da Cooperativa, pois, para isso, será preciso também que mude a legislação do sistema cooperativista. Tanto que, ainda neste ano, a Cooperativa deverá solicitar aos órgãos competentes uma autorização para executar esta experiência.

Os órgãos competentes são o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) e o CNC (Conselho Nacional de Cooperativismo). Primeiro a consulta será feita junto ao INCRA. Caso ele não se considere competente para julgar a questão — ou mesmo se o INCRA der parecer contrário — será preciso recorrer ao CNC, que é o órgão mais importante do sistema cooperativista brasileiro.

Cônsua aprovação, será possível também modificar o estatuto e fazer da estrutura do poder uma realidade não apenas prática, mas também de lei, na Cotrijuí. Enquanto não vier a aprovação, ou mesmo se ela não chegar, a estrutura do poder pode apenas ser posta em prática. Basta porém, que os associados resolvam voltar atrás nas decisões do Seminário, ou mesmo utilizarem as definições do atual estatuto, para que estas normas, e sempre que o estatuto for utilizado prevalecerá sobre elas.

Caso se encontrar amparo legal, com aprovação destas normas, e depois de testada mais amplamente a estrutura do poder, deverá ser realizado um plebiscito em 1984. Neste plebiscito, os associados votarão pelo SIM ou pelo NÃO para que a estrutura do poder deixe de ser apenas uma experiência para que se torne uma realidade prática e legal dentro da Cotrijuí.



As propostas dos seminários regionais foram discutidas em grupo



O pessoal estava atento durante as colocações do presidente



## TODA FORÇA AO ALGODÃO

*Um hectare com algodão dá maior lucro do que a mesma área plantada com soja. Produtores de Maracaju, que fizeram suas primeiras experiências em lavouras extensivas, estão bastante otimistas com as possibilidades de crescimento da cultura. Mas também se mostram preocupados com duas coisas: colheita e comercialização.*

"No mundo inteiro a exigência de algodão é cada vez maior. Estão voltando a usar o algodão em roupas e tudo o mais. Então, eu acredito que a aceitação do produto será bem maior". Quem pensa assim é o produtor Gerardos Franciscus Henricus de Wit, de Maracaju no Mato Grosso do Sul, ao contar quais as razões que o levaram a diversificar mais sua produção.

Uma das coisas foi exatamente esta procura de fibras naturais para a confecção de roupas. Isto que ainda se extrai óleo comestível do caroço do algodão. Mas o mais importante, talvez, seja o rendimento que apresenta o algodão. Ele chega a ser superior ao rendimento por hectare que se consegue com a soja. Gerardos, assim como vários outros produtores da colônia holandesa de Maracaju, co-

meçaram a experimentar a cultura do algodão no ano passado. Isto em áreas extensivas, pois ele é um produto cultivado já há anos nas regiões de pequenas propriedades no sul do Estado, onde existe um bom mercado para a colocação do produto.

O Gerardos, que cultivou 100 hectares na última safra, conta:

— Primeiro nós fizemos um ano de experiência, eu e outros holandeses. Mesmo sendo experimental, nós chegamos à conclusão de que o algodão será uma das principais culturas daqui a alguns anos. Na produtividade de 110 arrobas por hectares (1.650 quilos) nos deu um lucro comparado a 32 sacos de soja. E para a soja alcançar 40 sacos é bem mais difícil do que o algodão chegar a 130 ou 140 arrobas.

Outra comparação que ele faz é tomando como base o preço mínimo de um produto e de outro. Para a soja ele é de Cr\$ 660,00 o saco de 60 quilos e para o arroz de Cr\$ 475,20 a arroba:

— Logo se nota que com 125 ou 130 arrobas de algodão pode-se lucrar o que se conseguiria com 36 sacos de soja. Com arroz eu não posso comparar, pois vai ser a primeira vez que planto.

Também bastante confiante nas potencialidades do algodão está um outro produtor de Maracaju, o Berent Villen Bouwman, que também plantou pela primeira vez algodão na última safra:

— Ele dá mais lucro que a soja, pois nós colhemos 110 arrobas e o máximo que conseguiríamos seria 40 sacos de soja. E isto que a produção de algodão não foi boa, pois pode-se chegar tranquilo a 150 ou 180 arrobas por hectare. Colhemos menos por falta de experiência, conhecimento. Houve também um atraso de 3 semanas no adubo. Agora já sabemos que é necessário comprar antes. Em Maracaju, ele explica que alguém tinha que começar a tentar novos produtos. E Berent está satisfeito de ter começado:

— A primeira experiência foi um sucesso do ponto de vista da produção.

### O DIFÍCIL É COLHER

Apesar de andar tão satisfeito com a colheita, Berent conta que não vai plantar este ano. E isto por uma razão muito simples:

— Falta mão de obra para colher. Este é o grande problema. Máquina também não tem, senão nós fomos plantar de

novo. Eu e meu vizinho, Kriny, fomos adquirir uma, mas não tem para vender aqui.

Berent está pensando em importar uma máquina. Ele e outros produtores da colônia holandesa interessados em desenvolver o plantio do algodão estão tratando de fazer alguns contatos para importar uma máquina dos Estados Unidos e conseguir financiamento através do Banco do Brasil.

Na safra passada eles arrendaram uma colhedeira John Deere que veio especialmente de São Paulo para fazer a colheita. A máquina garante uma colheita no tempo certo, mesmo que o produtor perca alguma coisa na qualidade do produto. Tanto Berent como Gerardos calculam em 5 por cento as perdas de colheita mecanizada. A colheita manual exige muita gente para não se perder a produção se virar o tempo. Em compensação, o tipo do algodão é mais valorizado.

### COMERCIALIZAÇÃO

Além dos problemas de colheita, existem ainda sérias dificuldades na comercialização. Conta o Gerardos:

— Nós aqui chegamos a receber Cr\$ 280,00 por arroba vendendo para a Sanbra em Dourados. O preço mínimo era Cr\$ 201,00 na safra. Mas ficamos sabendo que outros em São Paulo chegaram a vender o produto a Cr\$ 350,00 agora no mês de julho. O frete daqui a São Paulo não é tão caro assim que não pudessem nos pagar Cr\$ 300,00. Mas no ano que vem acho que vai ser melhor.

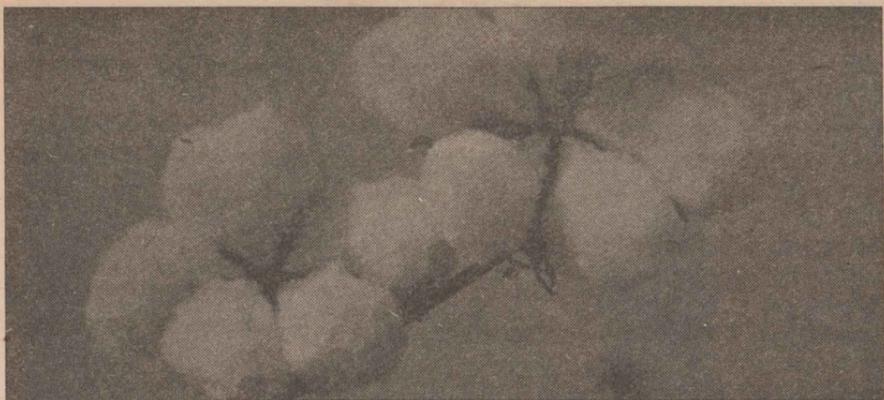
Para este problema de comercializa-



Gerardos: mais lucro que a soja



Berent: foi um sucesso



A maior dificuldade é a colheita

ção, o Berent encontra uma explicação:

— É aquela velha história: entrega nas firmas e a gente nunca recebe o que deveria. Pois a mania aqui é a de que o produtor de algodão sempre foi pequeno agricultor, que geralmente é explorado. Quem compra é quem faz o preço. Apesar do frete caro, poderíamos ter levado até Abaré, em São Paulo, onde temos patrícios que nos pagariam melhor preço. Mesmo assim, vendemos aqui, ainda tivemos lucro.

O que atrapalha um pouco este negócio de frete é que o algodão faz volume mas não dá peso. Um caminhão cheio de plumas, como conta o Berent, só carrega 6 mil quilos de algodão. Agora, se o produto fosse enfardado, pode-se chegar a 13 mil ou a 15 mil quilos, o que eliminaria o problema de alto custo do frete. Diz o Berent:

— O que precisamos mesmo, e já falamos isto aí com o gerente da Cotrijuí, é de uma enfardadeira. Aí se entrega na Cooperativa enfardada e leva para vender.

Isto vai depender certamente do interesse dos associados em produzir um volume de algodão que justifique a aparelhagem para o recebimento do produto.

**INVESTIMENTOS**

O Gerardos fez um controle do que custou para formar sua lavoura de algodão. O custo variou de Cr\$ 23 a Cr\$ 27 mil por hectare:

— Dependendo da terra, pois o algodão necessita no mínimo, em terras que tem o pH 5, de 500 quilos de adubo e também uma cobertura de Nitrogênio na

época em que o algodão completa 45 dias ou antes da florada. O lucro não foi muito grande, porque os gastos foram maiores do que os esperados. Mas foi muito importante conhecer a cultura dentro do município, sabendo que ela aceita o clima, resiste bem às secas.

Colhendo 110 arrobas, a um preço de Cr\$ 280,00 a arroba, o resultado da safra foi de Cr\$ 30.800,00, o que ainda deixou um pouquinho de lucro.

**CONFIANÇA**

Os dois produtores também se mostram muito confiantes no crescimento da cultura. Fala o Gerardos:

— Em Maracaju, eu acredito que todos entendam que o algodão é uma opção de mais culturas, pois só depender da soja é muito arriscado. Este ano mesmo nós não conseguimos os preços esperados na soja. A diversificação é muito importante e eu espero vencer com o algodão, mesmo sendo novato no ramo agrícola. É que sou otimista.

Já o Berent, também muito otimista, faz a seguinte colocação:

— O preço mínimo do algodão sempre será bom, pois este é um produto de exportação. Além disso, existe Proagro. Se for resolvido o problema de importação de máquina eu vou comprar uma e plantar 150 hectares. Estou muito otimista quanto ao futuro da cultura, pois o clima daqui é muito bom e a terra favorece muito. Os gaúchos da região já demonstraram também grande interesse. Se fosse para colher com máquina comum, acredito que haveria uma grande adesão à cultura.

**A técnica dos produtores**

O algodão cultivado pelos produtores de Maracaju foi plantado no período do final de outubro até meados de novembro. A época mais certa, como observa o Gerardos, é de 5 a 20 de outubro. Ele reparou uma grande incidência de pragas, como o pulgão, o ácaro e a lagarta rosada. Já Berent coloca que isto não foi problema, já que existem preventivos que resolvem os ataques de pragas.

Tanto Gerardos como Berent contam de sua experiência. Primeiro fala o Gerardos:

— No começo a planta precisa de mais carinho, pois tem problema de fungos do solo quando é nova. Plantamos a variedade IAC-17 em seis lugares diferentes, em solo já cultivado com soja, com pH de 4, 5 a 6, e os resultados foram bem claros. Dependendo do que se usa para o pH 5, aumenta-se a produção. Este ano estou usando esterco de frango para ajudar no Nitrogênio e na matéria orgânica. O algodão também precisa de adubo NPK em grande escala, na média de 400 quilos por hectare, mais uma cobertura de Nitrogênio. Dependendo da análise de solo às vezes também precisa usar antes cloreto

de potássio. A semente já vem tratada, mas este ano vou colocar mais um fungicida contra o tombamento.

Berent plantou a mesma variedade IAC-17, em três locais diferentes:

— Dois dos locais plantado tinham um pH médio de 5,5. No terceiro o pH era 6 e notou-se grande diferença. Por falta de experiência tivemos que plantar duas vezes. Na primeira foi plantado muito junto e não pode ser assim. É melhor quase como a soja. O controle da erosão foi feito com terraços de base larga. Primeiro fizemos tratamentos culturais com controle químico e capinadeira. Deu pragas, como a lagarta da maçã, mas foi muito pouco, pois fizemos uma pulverização preventiva. A incidência de ácaro foi pequena, porque é cultura nova na região. Compramos semente limpa e tratada, mas é muito perigoso esse tratamento, que é feito com Furadan, que é altamente tóxico. Fizemos a correção do solo, pois na região a média é de pH 5 e verificou-se falta de fósforo e potássio. A terra necessita também de nitrogênio. O plantio foi todo mecanizado.

**O apoio à produção**

“A cultura do algodão no Mato Grosso do Sul já é uma realidade”, comenta Nelcy Rospide Nunes, diretor regional da Cotrijuí no estado. E ele mostra dados de produção para contar que, apesar da pouca tecnologia empregada pelos cotonicultores e a dificuldade na colheita, o Estado conseguiu a seguinte produção:

Em 1978, numa área de 47.800 hectares foram colhidas 50.400 toneladas de produto. Em 1979 a área cresceu para 50.600 hectares e a produção alcançou 49.350 toneladas. Esta redução na colheita motivou também uma diminuição na área plantada na safra deste ano, que foi de 44.100 hectares. A produção, porém, foi muito boa: 64.300 toneladas.

É por esta razão, na opinião de Nu-

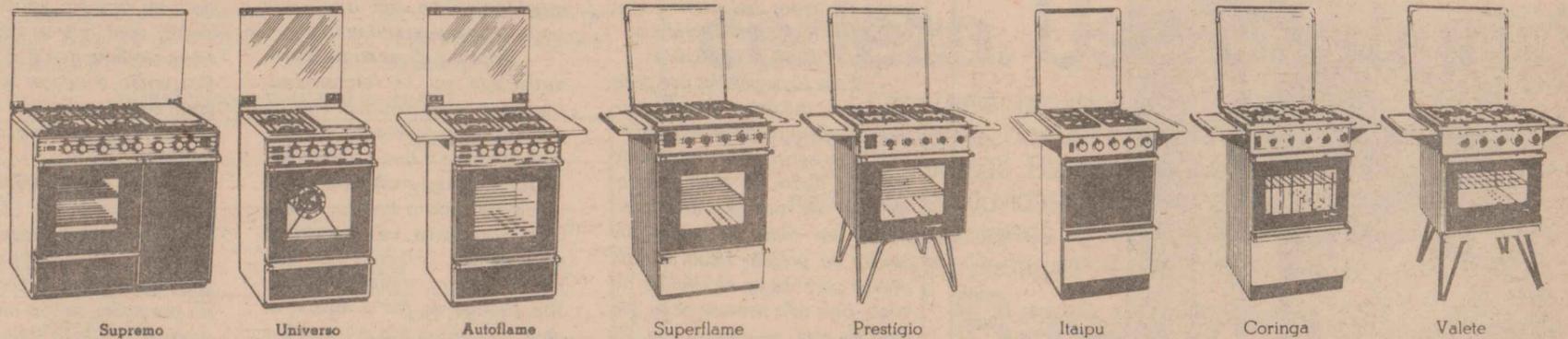
nes, que “cabe à Cotrijuí estimular ainda mais esta cultura e oferecer aos nossos produtores a orientação técnica e apoio adequado para que alcancem melhor índice de produtividade. Deverá igualmente a Cooperativa buscar novos canais de comercialização da produção”.

Nunes vê na cultura de algodão uma alternativa excelente para os produtores, com amplas perspectivas de desenvolvimento:

— O Governo do Estado, através da Agrosul, está cuidando da produção e distribuição de sementes selecionadas. Nós vamos cuidar do fomento e, futuramente, do beneficiamento e industrialização. Estamos desenvolvendo estudos de viabilidade econômica para justificar estes investimentos.

*Quem pensa em Geral,  
merece o Universo.*

Nós muito respeitamos os clientes com gosto exigente.



Para satisfazer os consumidores é que a Geral criou 8 modelos a sua escolha.

Visite as lojas Cotrijuí e escolha o modelo que mais lhe agrada

produtos da **Companhia Geral de Indústrias**

# TRABALHANDO PARA PAGAR AS CONTAS

A situação de Casemiro Pietrzak, da Linha 3 Leste em Ijuí, é de dar ciúme em qualquer um. Ele conseguiu chegar aos 68 anos de idade, sem nunca assumir dívidas, e até os investimentos feitos na granja, de 70 hectares, foram pagos à vista. Só que essa façanha do seu Casemiro não é coisa muito comum. A grande maioria dos produtores vem sendo envolvida em tantas dívidas, e hoje o pessoal começa a descobrir as saídas, para que não continue trabalhando só pra pagar conta.

Essas saídas podem não ser muito fáceis, mas existem, segundo Luiz Wildner, de Ponte Branca, Augusto Pestana, que nos últimos anos andou fazendo muitas contas. Ele conseguiu somar as vantagens e desvantagens de muita coisa, fazendo a contabilidade agrícola das atividades de 25 hectares arrendados. Desde 1977 ele anota tudo e, depois, vai chegando às conclusões sobre o que deve ser reduzido co-



Casemiro: tudo à vista

mo gasto, ou até eliminado dos custos da lavoura.

## O JURO COME POR UMA PERNA

Uma das conclusões do Wildner é a de que o agricultor andou, nesses últimos anos, fazendo muita coisa sem pensar, por falta de maiores informações. "Tem gente que pensa que os juros, por exemplo, são baratos. Mas depois vai ver que o juro come a gente por uma perna", afirma ele, dizendo que já tomou algumas decisões.

A soja, por exemplo, Wildner já decidiu que vai plantar com "quase nada de adubo". Ele não vai pedir custeio para a próxima lavoura, e por isso nem precisará de semente, de combustível. Vai utilizar o que já tem em estoque ou pagar tudo à vista, com o pouco que ganhou na última safra. Wildner — que está com 29 anos — acha que o pessoal novo anda descobrindo alguns "furos", pra se livrar do dinheiro caro oferecido ao agricultor.

— Se eu plantar uma saca, para colher cinco, sem usar adubo, ganho mais do que plantando uma saca para colher 10, com adubo. Pode reduzir a produtividade, mas eu saio ganhando.

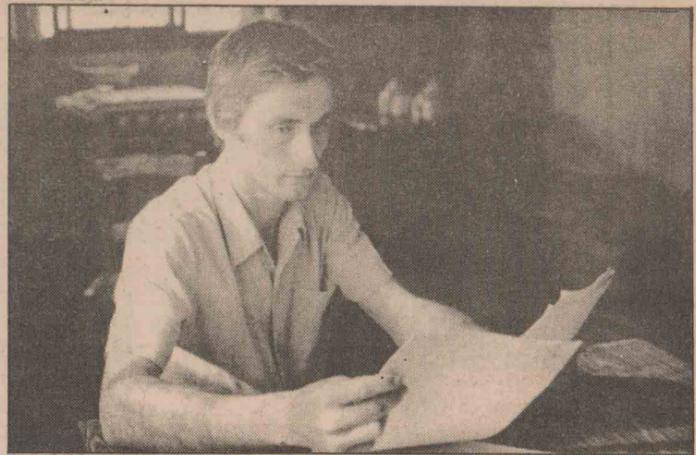
Wildner quer se livrar das contas, pois nos cinco anos em que vem plantando na terra arrendada descobriu que com todo o dinheiro ganho, se não tivesse que pagar dívidas, compraria apenas dois hectares. Agora, tentando uma saída, ele acha que pelo

menos vai amenizar sua situação, e ver se "sobra mais um pouco".

## TODO MUNDO SE QUEIXA

E não é só o pequeno que anda com vontade de se ver livre das contas. Simplício Schenkel, que também mora em Ponte Branca, onde administra 117 hectares de seu pai, acha que o agricultor mais novo está mesmo disposto a analisar melhor a situação. Simplício tem 31 anos e também está entre os produtores que fazem contabilidade. Segundo ele, "a contabilidade pode não deixar a situação melhor, de imediato, mas faz com que o agricultor fique melhor orientado".

Hoje, ele sabe que anda devendo em torno de



Luiz Wildner: se livrar das contas

200 mil cruzeiros, e notou que depois das altas dos juros "foi preciso mais cuidado para assumir as dívidas". Foi assim que ele já decidiu que da próxima lavoura de soja 80 por cento serão "por conta", sem recorrer ao custeio, "que já não é mais uma boa".

Em Vila Jóia, Fausto Furlan, que planta em 100 hectares junto com o pai, Remédio Furlan, segue a mesma orientação, reforçando a idéia de que o agricultor jovem está mais atento à situação. Fausto

está com 28 anos, e acha que chegou a hora de investir menos, "mesmo que o rendimento caia, porque se não a lavoura não compensa".

"Vou plantar pra mim, e não para pagar juros", diz ele, lembrando que nem mesmo para o médio produtor o dinheiro do custeio representa algum investimento hoje em dia. O pai, Remédio, acha que esta é a saída: deixar o financiamento para formação da lavoura de lado. Tanto que este ano, pela

## Na contabilidade, uma

O pessoal que vem sendo acompanhado pelo Projeto de Administração Rural Cotri-CeCA tem pelo menos um consolo: sabe o que ganhou e o que perdeu com as últimas safras, e está em melhores condições de analisar alguns aspectos, desde o plantio até a comercialização. O projeto foi implantado em 1977 e tem números e mais números e um palavreado meio difícil para explicar a situação do agricultor.

No início, em 1977, foram 56 os produtores que tiveram a contabilidade orientada pelo projeto, implantado através de convênio entre a Cotrijuí, a Fidene e o Centro de Ciências Agrárias. Hoje são 412 as propriedades que têm o acompanhamento dos técnicos. Além disso, as análises de cada produtor abrangido pelo programa servem como exemplo para todos, pois estão incluídos agricultores com propriedades de áreas variáveis.

### IDÉIA DA SITUAÇÃO

Essa abrangência, que pega pequenos, médios e grandes produtores, dá uma idéia da atual situação da agricultura, mostrando também dados de anos anteriores. Em 78, por exemplo, mais de 33 por cento do pessoal incluído no projeto ficou sem dinheiro para pagar as dívidas do trigo, pois não tiveram lucro. No caso da soja, no mesmo ano, 25 por cento também tiveram prejuízo. No ano passado, 97 por cento, não lucraram com o trigo, e mais de 23 por cento nada conseguiram com a soja.

Nas safras de 78, os produtores constataram que gastaram mais com fertilizantes para o tri-

go do que qualquer outra coisa. Na lavoura de soja, o que contou mais foram os gastos com máquinas e equipamentos. Eles acharam ainda que houve bastante despesa com sementes, e que os juros e taxas de financiamentos encareceram as lavouras.

### "LUCROS" DO TRIGO

A contabilidade rural vai provando, entre outras coisas, que a safra de trigo de 78 não foi tão boa para todos, como chegou a se dizer no início. A maioria dos produtores já sabe disso, mas só que o projeto mostra com números que muita gente teve prejuízos bastante grandes com o trigo naquele ano. E aí entra outro detalhe importante: quem fez as contas como os técnicos recomendaram, pôde ver que o trigo até chega a render bem na lavoura, mas não deixa muito dinheiro. São poucos os que conseguem um lucro que possa ser considerado bom.

A prova disso é que a produtividade em 78 foi razoável, porque o tempo ajudou. Nas 95 propriedades analisadas em Augusto Pestana e Ijuí, o rendimento foi inclusive maior do que a média de todo o Estado. Nesses dois municípios, os agricultores conseguiram colher 1.320 quilos por hectare, enquanto que no Rio Grande do Sul a média foi de 1.100 quilos. Em Ajuricaba, a produtividade foi de 1.098 quilos.

No ano passado, o trigo não deu mesmo, mas cinco produtores abrangidos pelo projeto até que conseguiram algum lucro. Das 213 propriedades, 111 tiveram um prejuízo de mais de

Cr\$ 3 mil por hectare. E os custos de produção foram 183 por cento superiores ao rendimento médio. Assim, deu para concluir que a maior produtividade foi alcançada pelas propriedades com áreas de mais de 150 hectares. Mas, como já vinha acontecendo não só com o trigo mas também com a soja, ficou muita coisa sem explicação.

### DESVENDAR MISTÉRIOS

O agricultor soma, diminui, divide, multiplica números. E vai constatando que isso não é suficiente. E por que não é? Porque não sabe, por exemplo, se deve gastar mais ou menos com fertilizantes. Se a produtividade tem alguma coisa a ver com os lucros, se a área de plantio deve estar de acordo com essas despesas. Num dos relatórios, está inclusive a constatação de que a utilização do adubo nem sempre deve ser feita em grandes quantidades, para que se consiga um bom rendimento. E o produtor fica, então, a indagar se o que ele gasta com fertilizantes não é um desperdício, se deve reduzir as despesas.

São essas indagações que passarão a merecer atenção para que tenham respostas, contando com as conclusões desses três anos do projeto. O coordenador do programa dentro da Cotrijuí, o tecnólogo João Valmir Cezimbra Lopes, diz que tudo isso já está sendo encaminhado. De início, nas reuniões periódicas que acontecem, vêm sendo feitas comparações, entre os resultados conseguidos por um e outro produtor.



Simplício: o custeio não é mais uma boa

primeira vez nas últimas safras, estão decididos que a soja será plantada com recursos próprios.

#### COMO SE LIVRAR?

Mas nem todos conseguem se livrar do dinheiro caro. Em Assis Brasil, interior de Ajuricaba, Santo Fernandes da Rocha anda tentando esta independência, sem muito sucesso até agora. Ele planta em 12 hectares, sendo que 10 destes são arrendados. "O agricultor — diz ele — precisava ser melhor orienta-

do para não assumir tanta dívida, e parece que hoje isso está acontecendo". O seu Rocha não consegue se ver livre dos juros altos, e na próxima lavoura de soja terá que recorrer novamente ao custeio, pois não tem nada para reinvestir na agricultura.

— Eu tenho um controlezinho como contabilidade, mas ainda não sei tudo o que entra e o que sai da lavoura. Mas dá pra ver que o produtor não tem sido dono de sua produção.



Na opinião dos Furlan a saída é deixar os financiamentos de lado.

#### O juro está alto demais. PAGANDO TUDO A VISTA

O seu Casemiro Pietrzak foi um dos poucos, nessa história toda das dívidas, que conseguiu ficar olhando de longe, sem dar atenção para o dinheiro oferecido. Ele nunca pegou financiamento, para custeio ou investimentos, mas também nunca deixou de plantar de tudo, numa área de 70 hectares, na Linha 3 Leste em Ijuí. Para seu Casemiro, parece que existe até um esquema pra fazer com que o agricultor compre a prazo:

— Dia desses eu queria pagar a extensão de luz à vista. Mas disseram que não, que tinha que ser a prazo. Mas se eu tenho o dinheiro pra pagar à vista, por que é que tem que ser a prazo?

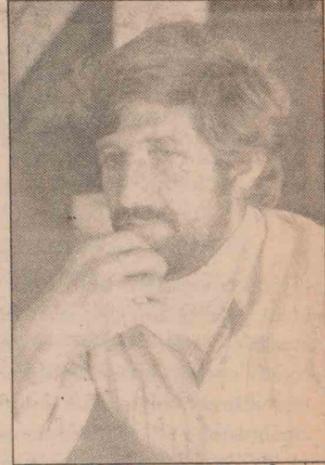
O filho de Casemiro, o Jacó Pietrzak, que está com 30 anos, vai seguindo os conselhos do pai, mas não conseguiu fugir do custeio. Ele ganhou 12 hectares do pai, para plan-



Jacó: não conseguiu fugir

tar, e nos quatro anos em que ficou independente teve que recorrer aos financiamentos, pois a terra é pouca e não sobrou ainda pra reinvestir. Mesmo sabendo que o juro está alto, ele já começou a pensar na compra de uma automotriz, por 600 mil cruzeiros, e terá que pegar empréstimo. Mas quando começou a sobrar, ele deixa o dinheiro emprestado de lado.

Jacó e todos estes agricultores que andam dormindo menos, para sa-



Santo: como se livrar?

bêr se é possível esquecer os juros caros por algum tempo, entendem que somente o trigo, por enquanto, fica dependendo de financiamento para custeio. Mesmo que possa estar sobrando dinheiro, eles preferem não arriscar. Se a safra não dá boa, tudo o que foi investido fica sem retorno, e sem a cobertura do Proagro. Se não for assim, o melhor é não plantar, como já fez o Luiz Wildner este ano, e como o Simplício Schenkel pretende fazer no ano que vem.

## idéia da situação

Comparando esses dados foi que os agricultores e os técnicos concluíram que as condições do tempo são o principal fator responsável pelas diferenças. Mas isso parece que o pessoal já estava sabendo, pois chove numa área e não chove nas demais e a produção sobe e baixa. Isso tem acontecido cada vez mais nos últimos anos, com chuvas boas numa lavoura e estiagem em outra propriedade não muito longe.

#### COMEÇA A INTEGRAÇÃO

O que os agricultores estão começando a saber é que os fertilizantes, os defensivos, as máquinas, os corretivos e outros componentes participam de várias formas na apuração dos custos. Segundo Lopes, o projeto serve para mostrar que não basta aplicar grandes quantidades de adubo, se o solo estiver compactado, endurecido pelo trabalho do trator. Há ainda que considerar a qualidade desse adubo.

A ociosidade das máquinas, que custam muito dinheiro e pouco são utilizadas, também vem sendo analisada. "O produtor tem que pensar muito antes de fazer investimentos", afirma Lopes, lembrando que uma máquina pouco utilizada tem boa participação no aumento dos custos. Essas observações, que ele e outros técnicos têm dirigido aos produtores, já estão apresentando reflexos positivos.

Nessa etapa de análise da contabilidade o projeto começa a ser integrado ao próprio Departamento Técnico da Cotrijuí. A integração teve que acontecer, principalmente a partir deste ano, pois se não fosse isso muita coisa continuaria sem resposta. Se o produtor gastou muito dinheiro em adubo para uma lavoura que teve o mesmo rendimento de outra não adubada, cabe ao departamento explicar porque isso ocorreu.

#### QUEM GANHOU, QUEM PERDEU?

TRIGO		SOJA	
SAFRA 78		SAFRA 78	
Lucro	Prejuízo	Lucro	Prejuízo
66,08%	33,92%	85,00%	25,00%
SAFRA 79		SAFRA 79	
Lucro	Prejuízo	Lucro	Prejuízo
02,35%	97,65%	76,65%	23,35%

Os números acima são percentuais tirados do total de produtores abrangidos pelo projeto COTRI-CeCA. O maior prejuízo desses três anos de programa foi registrado na safra de trigo de 79, como dá pra ver na tabelinha: 97,65 por cento dos produtores ficaram sem nenhum dinheiro para pagar as dívidas da lavoura.



## Use a certeza. Use Basagran.

Com Basagran você elimina definitivamente vários problemas da sua lavoura: invasoras, fitotoxicidade, capina e erosão. Basagran age só sobre as invasoras, não deixando dúvidas na terra e na soja. E ainda aumenta em pelo menos 10% o rendimento da lavoura.

Use Basagran, o herbicida da certeza.

## Basagran. O herbicida da certeza.



Tecnologia BASF  
Impulso na produção agrícola

BASF

# MUDARAM OS DESCONTOS

A Diretoria de Operações da Cotrijuí vai colocar em prática, já a partir da atual safra de trigo, algumas alterações na classificação do produto. Essas mudanças foram decididas pelo conselho de administração da Cooperativa, e atingirão principalmente a tabela utilizada para o cálculo do desconto da umidade, que será reduzido. A quebra técnica será igualmente reduzida, e haverá alterações até no Recibo de Entrega do Produto, o REP.

Tudo o que mudou vale para a Região Pioneira e Dom Pedrito, e no caso da quebra técnica serve também para a soja. Mas o que interessa agora é explicar as alterações válidas para o trigo, e que são, segundo a Diretoria de Operações, favoráveis ao produtor. Essas modificações são bem significativas para o desconto da umidade e no percentual da quebra técnica.

### UMIDADE

Até agora, o grau de umidade vinha sendo calculado com diferenças de cinco décimos. Mas a partir desta safra cada décimo servirá de base para o desconto, pois o sistema de cálculo foi aperfeiçoado. Por exemplo, o trigo que apresentava um grau de 14,2 era considerado na faixa entre 14,1 e 14,5 e o desconto vinha sendo de 1,7 por cento. Agora, o cálculo é feito exatamente sobre os 14,2 e o desconto será de 1,4 por cento.

Essa mudança não altera, no entanto, o cálculo para definição do aumento do PH, pois nesse caso não foram feitas modificações. Quer dizer que para o PH o sistema continua sendo o mesmo da safra anterior, considerando o grau de umidade de cinco em cinco décimos. As demais tabelas, válidas para cálculo da taxa de secagem e desconto de impurezas, também continuam inalteradas.

### RECIBO

O Recibo de Entrega do Produto também terá algumas novidades, para que o agricultor não encontre tantas dificuldades no momento de fazer as contas. Até agora o REP apresentava apenas as gramas de impureza, e a partir deste ano terá o percentual de desconto. A Diretoria de Operações entende que assim ficará mais fácil para o produtor consultar as tabelas.

O PH inicial também vinha constando do recibo com as gramas, e este ano terá no REP o peso real. Isso quer dizer que, no caso da impureza, onde aparecia, por exemplo, 17,0 como número referente às gramas, vai ser colocado 2,4 por cento, que é o desconto. No PH, onde constava, também como exemplo, 182 gramas, irá aparecer 72,30, ou seja, o peso hectolítrico real.

### QUEBRA

O recibo também vai apresentar redução no desconto para a quebra técnica.

É que foi alterado o percentual de desconto da quebra, que estava em 1 por cento. Passa a valer o desconto de 0,5 por cento (meio por cento), e para isso há uma explicação técnica.

O produtor terá um menor desconto porque a Cotrijuí chegou à conclusão de que a porcentagem poderia ser reduzida, sem que isso implicasse em prejuízos para a cooperativa. A mudança acontece agora, depois de considerar os resultados de um levantamento dos últimos 10 anos de operações e o melhor aproveitamento de impurezas. No recibo, vai aparecer a quebra de 0,5 por cento para todos, pois nesse caso não há variações, diferenças de desconto. Essa é a mudança que vale também para a soja.

Depois do recebimento do REP, o produtor terá a Nota Fiscal, como já vem acontecendo. Só que a nota continua igual, com os mesmos ítems que já vinha registrando. A Diretoria de Operações explica as alterações como forma de esclarecer ainda mais o agricultor, de tornar não muito difícil o entendimento desses números. E, além de facilitar algumas mudanças, também resultam em benefícios

que já vinham sendo aguardados, como ocorreu com a nova classificação do desconto da umidade.

PESO HECTOLÍTRICO	PREÇO - Cr\$/60 KG
84	Cr\$ 754,10
83	Cr\$ 746,60
82	Cr\$ 739,30
81	Cr\$ 731,90
80	Cr\$ 724,70
79	Cr\$ 717,50
78	Cr\$ 710,40
77	Cr\$ 703,30
76	Cr\$ 696,30
75	Cr\$ 689,30
74	Cr\$ 682,40
73	Cr\$ 675,60
72	Cr\$ 668,80
71	Cr\$ 662,10
70	Cr\$ 655,50
69	Cr\$ 639,00
68	Cr\$ 623,50
67	Cr\$ 608,00
66	Cr\$ 593,00
65	Cr\$ 578,50

TABELA PARA AUMENTO DO PH - TRIGO SAFRA/80

GRAU DE UMIDADE	AUMENTO DE PH	GRAU DE UMIDADE	AUMENTO DE PH
13,5 a 14,0	1,00	28,1 a 28,5	9,25
14,1 a 14,5	1,50	28,6 a 29,0	9,50
14,6 a 15,0	2,00	29,1 a 29,5	9,75
15,1 a 15,5	2,50	29,6 a 30,0	10,00
15,6 a 16,0	3,00	30,1 a 30,5	10,00
16,1 a 16,5	3,25	30,6 a 31,0	10,00
16,6 a 17,0	3,50	31,1 a 31,5	10,00
17,1 a 17,5	3,75	31,6 a 32,0	10,00
17,6 a 18,0	4,00	32,1 a 32,5	10,00
18,1 a 18,5	4,25	32,6 a 33,0	10,00
18,6 a 19,0	4,50	33,1 a 33,5	10,00
19,1 a 19,5	4,75	33,6 a 34,0	10,00
19,6 a 20,0	5,00	34,1 a 34,5	10,00
20,1 a 20,5	5,25	34,6 a 35,0	10,00
20,6 a 21,0	5,50	35,1 a 35,5	10,00
21,1 a 21,5	5,75	35,6 a 36,0	10,00
21,6 a 22,0	6,00	36,1 a 36,5	10,00
22,1 a 22,5	6,25	36,6 a 37,0	10,00
22,6 a 23,0	6,50	37,1 a 37,5	10,00
23,1 a 23,5	6,75	37,6 a 38,0	10,00
23,6 a 24,0	7,00	38,1 a 38,5	10,00
24,1 a 24,5	7,25	38,6 a 39,0	10,00
24,6 a 25,0	7,50	39,1 a 39,5	10,00
25,1 a 25,5	7,75	39,6 a 40,0	10,00
25,6 a 26,0	8,00	40,1 a 40,5	10,00
26,1 a 26,5	8,25	40,6 a 41,0	10,00
26,6 a 27,0	8,50	41,1 a 41,5	10,00
27,1 a 27,5	8,75	41,6 a 42,0	10,00
27,6 a 28,0	9,00		

TAXA DE SECAGEM PARA O TRIGO SAFRA/80

UMIDADE	Cr\$ P/60 kg	UMIDADE	Cr\$ P/60 kg
Até 13,4	não incide	22,6 a 23,0	15,60
13,5 a 14,0	7,92	23,1 a 23,5	16,08
14,1 a 14,5	8,28	23,6 a 24,0	16,56
14,6 a 15,0	8,64	24,1 a 24,5	17,04
15,1 a 15,5	9,00	24,6 a 25,0	17,52
15,6 a 16,0	9,36	25,1 a 25,5	18,00
16,1 a 16,5	9,72	25,6 a 26,0	18,48
16,6 a 17,0	10,08	26,1 a 26,5	18,96
17,1 a 17,5	10,44	26,6 a 27,0	19,44
17,6 a 18,0	10,80	27,1 a 27,5	19,92
18,1 a 18,5	11,16	27,6 a 28,0	20,40
18,6 a 19,0	11,52	28,1 a 28,5	20,88
19,1 a 19,5	11,88	28,6 a 29,0	21,36
19,6 a 20,0	12,24	29,1 a 29,5	21,84
20,1 a 20,5	12,60	29,6 a 30,0	22,32
20,6 a 21,0	12,96	30,1 a 30,5	22,80
21,1 a 21,5	13,32	30,6 a 31,0	23,28
21,6 a 22,0	13,68	31,1 a 31,5	23,76
22,1 a 22,5	14,04	31,6 a 32,0	24,24

Até 13,4 . . . s./desc.	18,1 . . . . 5,9	22,8 . . . . 11,3	27,5 . . . . 16,7
13,5 . . . . 1,1	18,2 . . . . 6,0	22,9 . . . . 11,4	27,6 . . . . 16,8
13,6 . . . . 1,1	18,3 . . . . 6,1	23,0 . . . . 11,5	27,7 . . . . 16,9
13,7 . . . . 1,1	18,4 . . . . 6,2	23,1 . . . . 11,6	27,8 . . . . 17,0
13,8 . . . . 1,1	18,5 . . . . 6,3	23,2 . . . . 11,7	27,9 . . . . 17,1
13,9 . . . . 1,1	18,6 . . . . 6,4	23,3 . . . . 11,8	28,0 . . . . 17,2
14,0 . . . . 1,1	18,7 . . . . 6,6	23,4 . . . . 12,0	28,1 . . . . 17,4
14,1 . . . . 1,3	18,8 . . . . 6,7	23,5 . . . . 12,1	28,2 . . . . 17,5
14,2 . . . . 1,4	18,9 . . . . 6,8	23,6 . . . . 12,2	28,3 . . . . 17,6
14,3 . . . . 1,5	19,0 . . . . 6,9	23,7 . . . . 12,3	28,4 . . . . 17,7
14,4 . . . . 1,6	19,1 . . . . 7,0	23,8 . . . . 12,4	28,5 . . . . 17,8
14,5 . . . . 1,7	19,2 . . . . 7,1	23,9 . . . . 12,5	28,6 . . . . 17,9
14,6 . . . . 1,8	19,3 . . . . 7,2	24,0 . . . . 12,6	28,7 . . . . 18,0
14,7 . . . . 2,0	19,4 . . . . 7,4	24,1 . . . . 12,8	28,8 . . . . 18,2
14,8 . . . . 2,1	19,5 . . . . 7,5	24,2 . . . . 12,9	28,9 . . . . 18,3
14,9 . . . . 2,2	19,6 . . . . 7,6	24,3 . . . . 13,0	29,0 . . . . 18,4
15,0 . . . . 2,3	19,7 . . . . 7,7	24,4 . . . . 13,1	29,1 . . . . 18,5
15,1 . . . . 2,4	19,8 . . . . 7,8	24,5 . . . . 13,2	29,2 . . . . 18,6
15,2 . . . . 2,5	19,9 . . . . 7,9	24,6 . . . . 13,3	29,3 . . . . 18,7
15,3 . . . . 2,6	20,0 . . . . 8,0	24,7 . . . . 13,4	29,4 . . . . 18,9
15,4 . . . . 2,8	20,1 . . . . 8,2	24,8 . . . . 13,6	29,5 . . . . 19,0
15,5 . . . . 2,9	20,2 . . . . 8,3	24,9 . . . . 13,7	29,6 . . . . 19,1
15,6 . . . . 3,0	20,3 . . . . 8,4	25,0 . . . . 13,8	29,7 . . . . 19,2
15,7 . . . . 3,1	20,4 . . . . 8,5	25,1 . . . . 13,9	29,8 . . . . 19,3
15,8 . . . . 3,2	20,5 . . . . 8,6	25,2 . . . . 14,0	29,9 . . . . 19,4
15,9 . . . . 3,3	20,6 . . . . 8,7	25,3 . . . . 14,1	30,0 . . . . 19,5
16,0 . . . . 3,4	20,7 . . . . 8,9	25,4 . . . . 14,2	30,1 . . . . 19,7
16,1 . . . . 3,6	20,8 . . . . 9,0	25,5 . . . . 14,4	30,2 . . . . 19,8
16,2 . . . . 3,7	20,9 . . . . 9,1	25,6 . . . . 14,5	30,3 . . . . 19,9
16,3 . . . . 3,8	21,0 . . . . 9,2	25,7 . . . . 14,6	30,4 . . . . 20,0
16,4 . . . . 3,9	21,1 . . . . 9,3	25,8 . . . . 14,7	30,5 . . . . 20,1
16,5 . . . . 4,0	21,2 . . . . 9,4	25,9 . . . . 14,8	30,6 . . . . 20,2
16,6 . . . . 4,1	21,3 . . . . 9,5	26,0 . . . . 14,9	30,7 . . . . 20,3
16,7 . . . . 4,3	21,4 . . . . 9,7	26,1 . . . . 15,1	30,8 . . . . 20,5
16,8 . . . . 4,4	21,5 . . . . 9,8	26,2 . . . . 15,2	30,9 . . . . 20,6
16,9 . . . . 4,5	21,6 . . . . 9,9	26,3 . . . . 15,3	31,0 . . . . 20,7
17,0 . . . . 4,6	21,7 . . . . 10,0	26,4 . . . . 15,4	31,1 . . . . 20,8
17,1 . . . . 4,7	21,8 . . . . 10,1	26,5 . . . . 15,5	31,2 . . . . 20,9
17,2 . . . . 4,8	21,9 . . . . 10,2	26,6 . . . . 15,6	31,3 . . . . 21,0
17,3 . . . . 4,9	22,0 . . . . 10,3	26,7 . . . . 15,7	31,4 . . . . 21,1
17,4 . . . . 5,1	22,1 . . . . 10,5	26,8 . . . . 15,9	31,5 . . . . 21,3
17,5 . . . . 5,2	22,2 . . . . 10,6	26,9 . . . . 16,0	31,6 . . . . 21,4
17,6 . . . . 5,3	22,3 . . . . 10,7	27,0 . . . . 16,1	31,7 . . . . 21,5
17,7 . . . . 5,4	22,4 . . . . 10,8	27,1 . . . . 16,2	31,8 . . . . 21,6
17,8 . . . . 5,5	22,5 . . . . 10,9	27,2 . . . . 16,3	31,9 . . . . 21,7
17,9 . . . . 5,6	22,6 . . . . 11,0	27,3 . . . . 16,4	32,0 . . . . 21,8
18,0 . . . . 5,7	22,7 . . . . 11,1	27,4 . . . . 16,6	32,1 . . . . 21,9

TRIGO SAFRA/80  
TABELA PARA DESCONTOS DE IMPUREZAS  
Amstras de 500 gramas

GRAMAS	DESC. %						
5	—	54	9,8	103	19,6	152	29,4
6	0,2	55	10,0	104	19,8	153	29,6
7	0,4	56	10,2	105	20,0	154	29,8
8	0,6	57	10,4	106	20,2	155	30,0
9	0,8	58	10,6	107	20,4	156	30,2
10	1,0	59	10,8	108	20,6	157	30,4
11	1,2	60	11,0	109	20,8	158	30,6
12	1,4	61	11,2	110	21,0	159	30,8
13	1,6	62	11,4	111	21,2	160	31,0
14	1,8	63	11,6	112	21,4	161	31,2
15	2,0	64	11,8	113	21,6	162	31,4
16	2,2	65	12,0	114	21,8	163	31,6
17	2,4	66	12,2	115	22,0	164	31,8
18	2,6	67	12,4	116	22,2	165	32,0
19	2,8	68	12,6	117	22,4	166	32,2
20	3,0	69	12,8	118	22,6	167	32,4
21	3,2	70	13,0	119	22,8	168	32,6
22	3,4	71	13,2	120	23,0	169	32,8
23	3,6	72	13,4	121	23,2	170	33,0
24	3,8	73	13,6	122	23,4	171	33,2
25	4,0	74	13,8	123	23,6	172	33,4
26	4,2	75	14,0	124	23,8	173	33,6
27	4,4	76	14,2	125	24,0	174	33,8
28	4,6	77	14,4	126	24,2	175	34,0
29	4,8	78	14,6	127	24,4	176	34,2
30	5,0	79	14,8	128	24,6	177	34,4
31	5,2	80	15,0	129	24,8	178	34,6
32	5,4	81	15,2	130	25,0	179	34,8
33	5,6	82	15,4	131	25,2	180	35,0
34	5,8	83	15,6	132	25,4	181	35,2
35	6,0	84	15,8	133	25,6	182	35,4
36	6,2	85	16,0	134	25,8	183	35,6
37	6,4	86	16,2	135	26,0	184	35,8
38	6,6	87	16,4	136	26,2	185	36,0
39	6,8	88	16,6	137	26,4	186	36,2
40	7,0	89	16,8	138	26,6	187	36,4
41	7,2	90	17,0	139	26,8	188	36,6
42	7,4	91	17,2	140	27,0	189	36,8
43	7,6	92	17,4	141	27,2	190	37,0
44	7,8	93	17,6	142	27,4	191	37,2
45	8,0	94	17,8	143	27,6	192	37,4
46	8,2	95	18,0	144	27,8	193	37,6
47	8,4	96	18,2	145	28,0	194	37,8
48	8,6	97	18,4	146	28,2	195	38,0
49	8,8	98	18,6	147	28,4	196	38,2
50	9,0	99	18,8	148	28,6	197	38,4
51	9,2	100	19,0	149	28,8	198	38,6
52	9,4	101	19,2	150	29,0	199	38,8
53	9,6	102	19,4	151	29,2	200	39,0

O REP — Recibo de Entrega de Produtos — está diferente nesta safra. Agora ficou mais fácil de entender, na hora, qual o desconto que vai mais tarde aparecer na Nota Fiscal. Até a safra passada o REP apresentava apenas as gramas de impureza. Agora já aparece o desconto que o produto sofre neste ítem. O pH inicial, que também aparecia em gramas, agora consta com o seu peso hectolítrico real.

cooperativa regional tritícola serrana ltda.  
COTRIJUI

RECIBO DE ENTREGA DE PRODUTOS

BRUTO 15180kg \*\* 254 181X80  
TARA 06660kg \*\* 254 181X80

ASSOCIADO NELSON CALGARO  
MUNICIPIO TENENTE PORTELA J 254

PRODUTO TRIGO  
MODALIDADE ESPECIFICO  
PLACA DO VEICULO XI-5169  
MUNICIPIO TTE PORTELA

TRANSPORTADOR Valmir Piccinini

DECLARO TER ACOMPANHADO A ANÁLISE DE ESPECIFICAÇÃO DA PRESENTE CARGA ESTANDO PLENAMENTE DE ACORDO COM OS DESCONTOS

ASSINATURAS DATA 18/09/80

EMPREENHIDO

CONTROLE 1432805688

cooperativa regional tritícola serrana ltda. POSTO - 03 \*\* TENENTE PORTELA

POSTO: TENENTE PORTELA  
ENDEREÇO: FAIXA DO DAER - K- 3.  
CGCMF: 90.726.506.0017-32  
NATUREZA: RECEBIMENTO

CIDADE: TENENTE PORTELA  
CGCIM: 143-000131.0  
TRANSP.: RODOVIÁRIO

RECEBIDO DE

NOME: NELSON CALGARO 11 10 50  
ENDEREÇO:  
MUNICIPIO: TENENTE PORTELA  
CGCMF:

MATRÍCULA: 8024.10  
CIDADE: TENENTE PORTELA  
ESTADO: RS  
CGCIM: 143-103120.5

NOTA FISCAL DE ENTRADA  
SÉRIE ÚNICA  
NÚMERO 028251  
DATA EMIS. 19/09/80  
1ª VIA - ASSOCIADO

PRODUTO	MODALIDADE	UNID.	P.H. %	G.UMID.%	IMP.%	SACARIA	BRUTO	TARA	PESO LÍQUIDO	PREÇO UNITÁRIO	PREÇO TOTAL
TRIGO	1. PR.ESPEC.	KG	73,75				15.180	6.660	8.520	P/ 60KG	
		INICIAL	73,75								
		AUMENTO	5,50								
		SOMA	79,25								
		CORRIGIDO	79,00	20,6	0,2					717,50	

DESCONTOS

UNIDADE	IMPUREZA	SACARIA	Q. TÉCNICA	PESO DESCONTOS	PESO TOTAL	VALOR LÍQUIDO
741	17		39	797	7.720	92.354,20

DEDUÇÕES

CAPITAL		FUNERAL		CUSTEIO		TAXA		VALOR		TOTAL DEDUÇÕES	
TAXA	VALOR	TAXA	VALOR	TAXA	VALOR	TAXA	VALOR	TAXA	VALOR	TAXA	VALOR

CRÉDITO DE I.C.M., QUANDO DE DIREITO, CALCULADO A ALÍQUOTA DE % - Cr\$

VALOR DA NOTA 92.354,20

TRANSPORTADOR VIDE RECIBO DE ENTREGA  
ENDEREÇO FUNERAL - RESPONSABILIDADE DE RECOLHIMENTO DA COTRIJUI  
PLACA VEICULO

EMITIDA EM 4 VIAS POR PROCESSAMENTO DE DADOS

IMPRESSÃO EM PAPEL RECICLADO...  
 COTRIJUI - RUA...  
 FONE...  
 CEP...

COTRIJUI  
 COTRIJUI

# A INVASÃO DOS FEDE-FEDE

Fede-fede na lavoura de soja não é novidade, agora fede-fede no trigo é coisa que muito agricultor nunca tinha visto. E tanto isso é verdade que o próprio agrônomo da Cotrijur em Santo Augusto, Antônio Vieira dos Santos, conta que muito associado anda procurando saber se fede-fede é ou não uma praga que precisa ser combatida.

— O associado não tem conhecimento do estrago que o fede-fede pode causar no trigo.

Na verdade o fede-fede não apareceu agora. Ele é uma herança da soja. O Antônio é quem conta como é que apareceu tanto fede-fede lá pelos lados de Santo Augusto, chegando mesmo a "invadir a cidade".

— O ataque de fede-fede ou do percevejo, como também é conhecido, começou mesmo foi na lavoura de soja precoce. Como o ataque foi pequeno e a soja já estava em fase de maturação, não houve combate. O pessoal colheu a soja sem se preocupar com a praga. Ele voltou a atacar a soja tardia, obrigando os agricultores a fazerem diversas aplicações de inseticidas.

Mais tarde o fede-fede se reproduziu e se alojou nas próprias lavouras ou matos vizinhos para passar o inverno. Enquanto o trigo não nascia, ele atacava as laranjeiras e bergamoteiras. O seu Olívio Roppa, de Santo Augusto, conta que lá na sua casa o pomar sofreu muito com o fede-fede. Não ficou uma laranja no pé, porque o fede-fede sugava todo o suco e a fruta caía murcha no chão. E não foi só na laranja que o fede-fede incomodou o seu Olívio. Ele conta, meio chateado, assim como quem perdeu uma batalha, que não sabe mais como vai terminar com o fede-fede da sua lavoura de trigo:

— Já gastei um bom dinheiro com esta praga e não adiantou de nada. É um bichinho bem ingrato. Só prá ver: af na minha lavoura na beira do mato, como o ataque tava grande, fiz uma aplicação de inseticida. Pois não é que os danados correram todos pró mato? Gastei veneno em vão. Vê se não é de entristecer a gente. E o pior é que depois de alguns dias, quando o efeito do veneno tinha passado, eles voltaram tudo de novo prá lavoura.

## UNS POUCOS DE CRUZADA

Lá em São Valentim, Santo Augusto, o seu Ivo Gonçalves de Lima anda mais tranquilo. Seu Ivo conta que até hoje ainda não tinha visto tanto fede-fede assim, do jeito que apareceu este ano.

— É só a gente levantar uma tábua do chão ou então olhar numa fresta da casa que tá cheio de fede-fede. Até um vizinho me contou que a praga andou sugando as espigas verde do milho plantado no tarde.

Embora encontre fede-fede por todos os lados, o seu Ivo ainda não encontrou na sua lavoura, por isso a sua despreocupação. Os poucos que apareceram não incomodaram.

— Eu vi uns poucos assim de cruzada, mas me pareceu que eles não tão prejudicando.

Se o ataque de fede-fede ainda não está preocupando o seu Ivo, lá por São Valério, uma localidade a poucos quilômetros de São Valentim, já anda alarmando muito agricultor. O seu Darci João Moresco conta que na safra da soja o fede-fede andou atacando violentamente. Só não combateu porque pensou que ia ficar por isso mesmo. Agora já anda bem arrependido. Numa área de 45 hectares de trigo, seu Darci já gastou um bom dinheiro, com aplicações para matar a praga. O gasto foi coisa de Cr\$ 20 mil só de inseticida. Como diz o seu Darci, isso é um gasto que não estava previsto e serve para tirar outro pouco do lucro do agricultor. Ainda bem que o seu Darci teve mais sorte que o seu Olívio:

— A gente andava no meio da lavoura depois da aplicação, e encontrava de 6 a 8 fede-fede mortos, por metro quadrado. Daí dá prá ver a quantidade que tinha na lavoura.

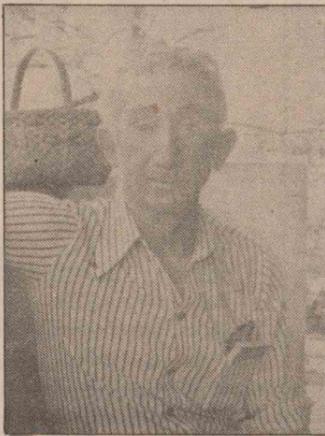
Também o seu Darci anda achando que o fede-fede é uma praga bem inteligente. Se o pessoal chega meio ligeiro na lavoura, fazendo muito barulho, não vê nada.

— A gente tem que chegar na lavoura muito devagar e silencioso prá poder enxergar o fede-fede. Senão ele se esconde e a gente acaba pensando que a lavoura não tem nada.

## OS ESTRAGOS

O fede-fede começa a incomodar mesmo e causar estragos nas plantações e pomares quando ainda ele tem uma coloração meio escura, estando todo pintadinho.

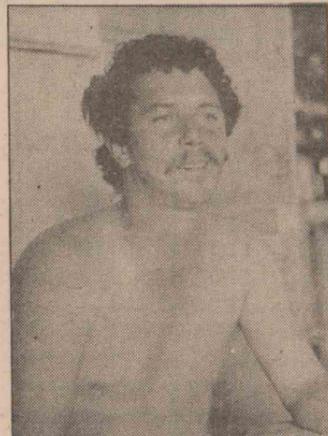
O Antônio explica também que os estragos na lavoura, pelo fede-fede, vão desde a transmissão de doenças fúngicas (provocadas por fungos) até o enrugamento do grão. É que o fede-fede suga a vagem, e o grão fica enrugado. Isso vem causar uma boa quebra na produção e mesmo na qualidade do produto. Na soja, a vagem fica seca, pronta para ser colhida, mas as folhas permanecem



**Olívio: perdendo o sono verdes.**

— No trigo, como o fede-fede é uma novidade, não sabemos ainda se acontece a mesma coisa.

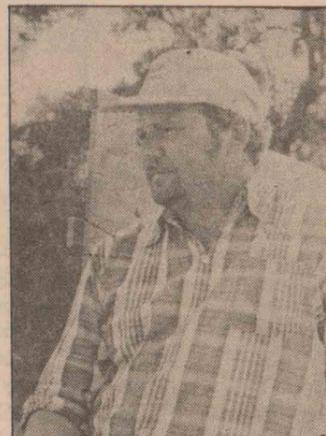
O seu Darci foi um que teve grandes prejuízos na lavoura de soja só por causa do fede-fede. Ele conta que numa área de 18 hectares, onde tinha plantado soja para semente, perdeu perto de uns 200 sacos e no final das contas não deu para semente porque os grãos estavam todos enrugados:



**Ivo: só de cruzada**

— Foi um ataque dos violentos. E o que não sai da minha cabeça, é que se a gente não der um jeito, vamos tomar ferro na próxima safra. Do jeito que já está, no verão o ataque de fede-fede só pode ser pior.

E não é só o seu Darci que já anda pensando na soja. A preocupação é quase que geral. O seu Olívio já anda coçando a cabeça e se perguntando o que vai ser da soja, da lavoura de feijão, do milho, . . . com tanto fede-fede por aí.



**Darci: pior ano que vem**

No trigo, o fede-fede começou a atacar bem na época de formação da espiga, como diz o Antônio, bem no ponto crítico. "É um estágio difícil de aplicar veneno. Quando o trigo estava em crescimento vegetativo não recomendamos nenhuma aplicação porque acreditamos que com a geada o fede-fede ia acabar morrendo. Infelizmente isso não aconteceu. Não sabemos se a geada não foi suficiente ou a praga já criou resistência ao frio."

O Brasil precisa de uma grande produção agrícola. Precisa de alimentos para o povo ter mais fartura na mesa.

Precisa de produtos para conquistar mais divisas com a exportação. O Brasil precisa produzir mais do que nunca. É sabe que pode confiar na força da sua terra e da sua gente.

O Governo está dando todo apoio aos produtores.

Financiando cada palmo de chão, do preparo da terra até a colheita. Garantindo um preço justo e conhecido para toda a safra.

Oferecendo segurança contra acidentes que possam destruir a plantação.

Os agricultores já demonstraram que o Brasil pode confiar neles, com a certeza de que cada um vai continuar dando sua contribuição para o País vencer o desafio da nova safra.

Afinal, este é um desafio para todos. E, dando a mão, vamos aumentar a produção.



## TODOS DANDO A MÃO PARA AUMENTAR A PRODUÇÃO.

PLANTE MAIS: O BRASIL PRECISA. VOCÊ GANHA.

# VALE A PENA COMPRAR NA FEIRA?

A Exposição Feira de Gado Leiteiro de Ijuí é considerada uma das Feiras de maior expressão do interior do Estado. Só nesse ano, por exemplo, estiveram à venda 305 animais, vindos de 18 municípios. A Feira foi criada com o espírito de alcançar ao produtor um gado de qualidade, com um preço bem acessível. Só que com o tempo houve inflação do mercado e o preço subiu demais. Os produtores mesmo já não estão vendo muita vantagem nas Feiras de Gado. O seu Ademar Desbescel, de Rincão dos Becker, comenta que Feira só é boa para o vendedor. "As Feiras não têm trazido vantagem para os compradores, principalmente estas últimas".

Comparando a Feira do ano passado com a deste ano, dá para se notar que houve uma diminuição na procura. O Waldir Groff, veterinário da Cotrijuí e um dos organizadores da Feira, explica essa diminuição na procura dos animais. Segundo ele existe uma grande oferta por parte de vendedores particulares e mesmo da Cotrijuí durante quase todo o ano:

— O mercado já está saturando e o pessoal está somente preenchendo as vagas existentes. Estão comprando apenas para substituir vacas de produção mais baixa por animais de produção mais elevada.

O Waldir ainda vê vantagens nas Feiras: "É uma ocasião em que existe uma grande oferta de animais e os compradores podem escolher à vontade". Já o Otaliz de Vargas Montardo, também veterinário e organizador da Feira, não acredita muito em saturação do mercado. "A pecuária leiteira está se consolidando e a procura é muito grande". E o Otaliz diz que mesmo existindo inflação nos preços, "porque leilão é leilão", é preciso que a Feira seja preservada.

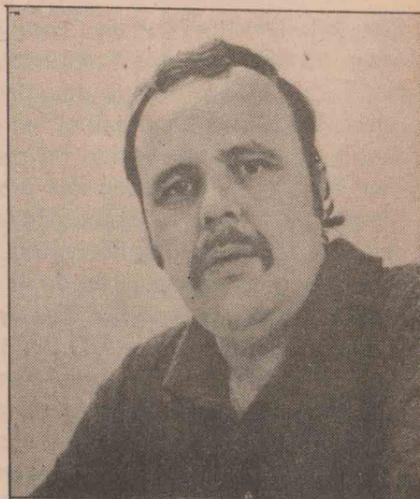
— Dá para se notar que a cada ano que passa aumenta a participação de produtores da região. A grande campeã da Feira passada foi da região, e até acredito que daqui alguns anos Ijuí possa se tornar o Centro de vendas de animais da região. Já é uma das Feiras mais conceituadas pelo volume de capital e pelo volume de qualidade dos animais expostos.

Os produtores comentam que o sistema de leilão das feiras só serve para encarecer os animais. "Existe muita competição", diz o seu Modesto Dalla Rosa, de Colonia Santo Antonio, "e o pessoal paga por um animal até o que ele não vale. O associado, muitas vezes compra beleza e não qualidade".

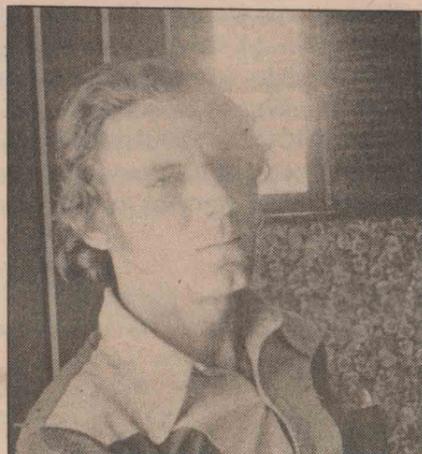
O importante, na criação da Feira, segundo o Otaliz, foi facilitar o comércio de animais para a região. "O pessoal vê vantagens e desvantagens nas Feiras". O Otaliz explica que numa Feira de Gado Leiteiro só podem entrar animais com certos requisitos, como apresentação de exame de brucelose, tuberculose, atestado de prenhez. . . Só isso já é uma vantagem para o produtor. Numa Feira oficializada, só entram animais de qualidade e o produtor pode comprar descansado".



A Feira de Ijuí é considerada a de maior expressão no Estado



Otaliz: leilão é leilão



Ademar: bom para quem vende

Outro aspecto bastante positivo é que as Feiras têm financiamento assegurado". Uma das grandes desvantagens das Feiras, porém, segundo o Otaliz, são os leilões. "Os preços se elevam muito e a disputa deixa de fora muitos produtores". Já o Waldir Groff tem uma opinião diferente. Ele até conta o caso de um animal que foi vendido ao preço de Cr\$ 150 mil. "Não acho que foi um preço inflacionário, se compararmos com o preço do gado de corte, que dobra de ano para ano".

## É VANTAGEM COMPRAR EM FEIRAS?

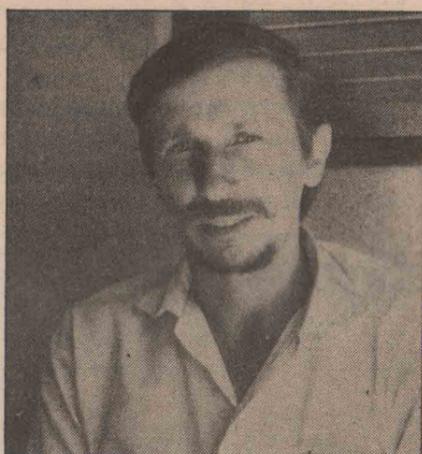
O seu Leonir Kislich diz que já comprou muita vaca em Feiras e sempre teve sorte porque os animais deram bons. Nestas últimas Feiras não quis mais saber de comprar e tem os seus motivos: "tenho um bom plantel formado e outra é que o preço da vaca anda alto demais". O seu Leonir comenta que a desvantagem dessas feiras de gado, é que o animal já vem com um preço muito alto:

— Se uma vaca vale Cr\$ 30 mil, eles vendem por Cr\$ 60 mil, isso sem falar nos juros que se tem que pagar e que andam lá em cima. Do jeito que anda inflacionado os preços dos animais, não é mais vantagem comprar gado em Feira.

O seu Modesto Dalla Rosa também tem essa opinião a respeito dessas Feiras de Gado Leiteiro:

— Pelo menos prá mim não tem vantagem. Sempre vou dar uma olhada nas Feiras, mas não consigo comprar nada. Acho que Feira não é pra pequeno".

O seu Modesto acredita, que para os grandes produtores, em condições de fa-



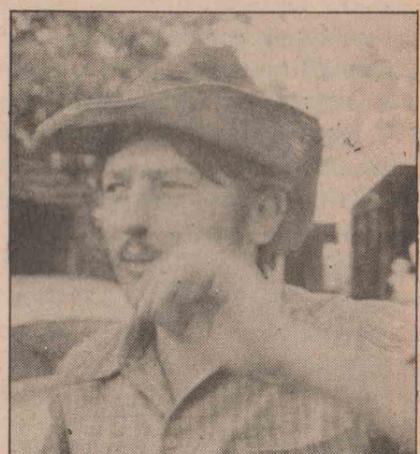
Modesto: paga o que não vale

zer grandes investimentos, as Feiras têm lá suas vantagens. Ele até conta que sempre que pode vai dar uma olhadinha nas Feiras e fica namorando um bom negócio. Na última Feira gostou muito duma novilha, "muito bonita e pura" e quando pensou em oferecer uns Cr\$ 12 mil de lance, o preço já andava em Cr\$ 15 mil e no final das contas foi vendida por Cr\$ 35 mil.

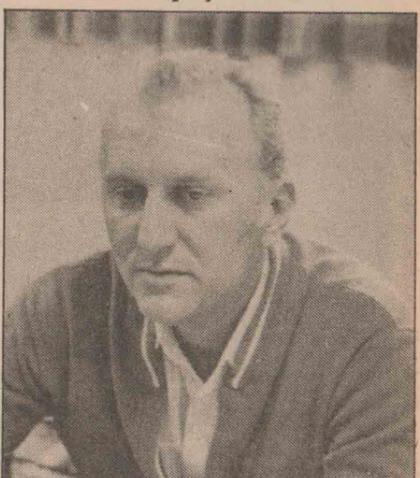
## UM NEGÓCIO PARA GRANDE

Quem gosta de comprar em Feiras, deve ter muito cuidado, alerta o seu Modesto. "O pessoal que expõe nestas Feiras nem sempre leva os melhores animais. Os animais de qualidade superior só ficam em exposição. No fundo, no fundo, a minha opinião é de que estas Feiras são tudo uma exploração. Agora, tem aquele negócio de que ninguém é obrigado a comprar. E seu Modesto fica espantado quando vê alguém pagar até Cr\$ 150 mil por uma vaca. "Eu até assisti a venda e só aí já fica claro que Feira é um negócio prá grande".

O Ademar Desbescel também não acredita muito na validade de Feiras de Gado, "principalmente estas últimas". Houve um tempo, coisa de 3 anos atrás, que os irmãos Ademar e o Leonir andaram comprando alguns animais. "Naquele tempo os preços não andavam tão alto e os juros eram mais baixos". Outro aspecto levantado pelo Ademar é a qualidade dos animais vendidos nas Feiras. "Se vende muito animal mestiço por puro, igual aos que estamos criando em casa. A gente sabe que tem animais de excelente quali-



Leonir: preço alto demais



Waldir: escolher à vontade, mas não são todos".

No geral, os produtores que possuem pouca terra não gostam muito de comprar animais em Feiras. "Não compensa. É preciso investir em pastagens e os preços nem sempre correspondem ao animal", diz Ademar. Já o seu Modesto diz que uma Feira que realmente tenha o objetivo de beneficiar o pequeno tem que ser feita com preço menos inflacionado e mais justo.

Mesmo com as críticas que vêm recebendo, as Feiras vêm atraindo a atenção de produtores de vários municípios. Tanto o Otaliz como o Waldir explicam, que à nível regional, a Feira vai ter muita importância em termos de futuro mercado para os produtores locais. "Os produtores terão na Feira um mercado certo para vender para outras bacias leiteiras o seu excesso de animais".

# A COMUNIDADE PESQUISA O PROBLEMA DA TERRA

A Comunidade da Linha da Paz em Tenente Portela, com o apoio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais andou fazendo uma pesquisa. O assunto da pesquisa foi o problema terra, no sentido de melhor conhecer a realidade dos problemas existentes na comunidade. A Linha da Paz reúne 65 famílias, totalizando uma população de 456 pessoas, sendo que destes, 326 são filhos (7 por família) e 130 são os pais. 184 são filhos menores. Apenas 76 dos filhos que residem na Comunidade estão estudando.

Das 65 famílias, 33 possuem terra própria, constituindo um total de 222 hectares. A média de terras aproveitáveis por família é de 7 hectares. 78 hectares são constituídos de terras não aproveitáveis. Das 32 famílias que não têm terra própria, 19 são agregadas e 14 famílias arrendam terras. Três famílias vi-

vem como empregados rurais.

Nenhuma dessas famílias da Linha da Paz possui trator; 30 possuem junta de bois e carroça; 38 famílias possuem arado e 12 possuem trilhadeira. Somente 32 famílias possuem em suas propriedades alguma benfeitoria como galpão, chiqueiro, galinheiro, estrebaria ou paiol.

## SAÚDE

No aspecto da saúde, 16 famílias têm alguém doente em casa (24%).

O número de famílias que tem alguém aposentado em casa é 16 (24%), sendo que 6 são por idade, 6 por viuvez e 4 por doença. 19 famílias tem doença séria em casa (29%).

No aspecto associativismo, a pesquisa mostrou que 37 famílias (56%) estão associadas ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais e 28 famí-

lias não estão associadas ao Sindicato. As razões são as mais diversas, desde a falta de condições (caso de 18 famílias), porque tem INPS (2 famílias) até ao motivo "não vê necessidade". A Cooperativa, apenas 22 famílias são associadas (36%). Duas dessas famílias disseram que são associadas para poderem participar dos recursos oferecidos. 16 famílias não são associadas à Cooperativa, porque não têm produto para entregar; 2 porque acham que a Cooperativa faz muitas exigências; 16 não têm condições e 7 não deram justificativas.

O número de famílias associadas à Igreja é bem maior: são 54 (83%). Das 11 famílias que não estão associadas à Igreja, 6 dizem que é porque não tem recursos.

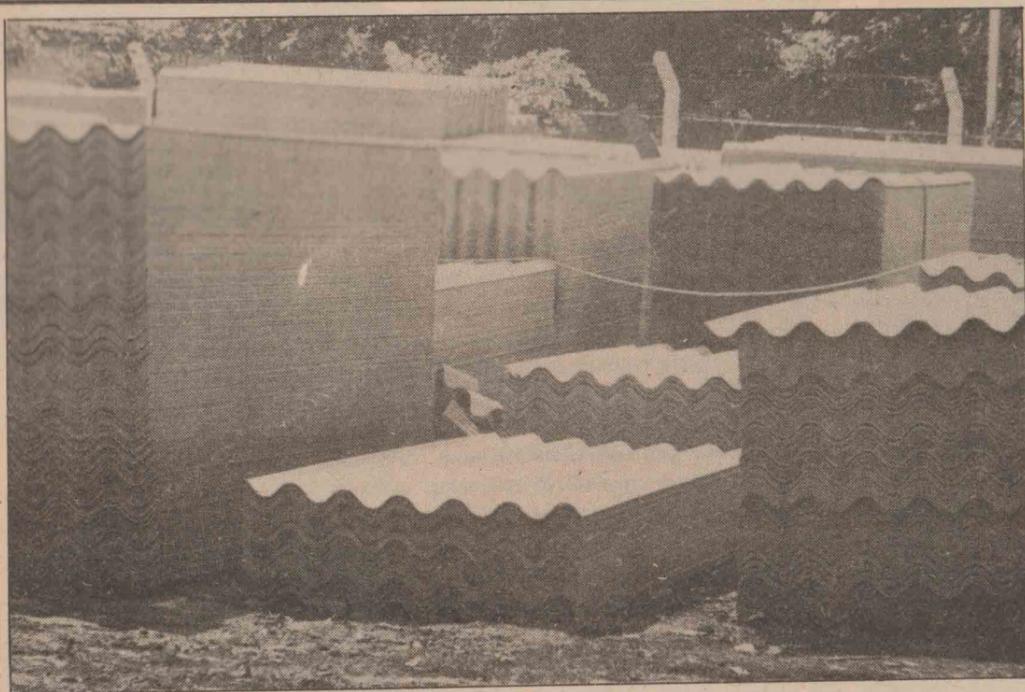
## MAIORES PROBLEMAS

Os maiores problemas apontados pelas 65 famílias pesquisadas

estão assim distribuídos: falta de terra — 61 famílias; falta de recursos financeiros — 44 famílias; preços injustos — 23; estudo da 5a. série em diante — 19; assistência médica e odontológica — 18; pobreza — 10; falta de luz elétrica — 8; doença — 8; preço alto nos combustíveis — 5; melhor aposentadoria — 4; falta de moradia — 4; falta de alimentação — 3; preço alto nos insumos — 2, e falta de trabalho — 1.

## A SITUAÇÃO É GRAVE

No final da pesquisa, 11 famílias pediram que o Sindicato leve esse tipo de trabalho a outras comunidades, para que elas também identifiquem seus problemas; 5 famílias pediram que o Sindicato defenda a classe e reivindique melhores soluções e 2 famílias alertam, dizendo que a situação é grave e que precisa melhorar.



Para qualquer tipo de construção que você idealizar existe um modelo de telha



Há mais de 40 anos garantindo os produtos que fabrica

Procure as telhas BRASILIT nas lojas COTRIJUI

— Ijuí — Santo Augusto — Dom Pedrito — Tenente Portela —

\* Nas demais Unidades sob encomenda

## Gente nova em Miraguaí

Tem gente nova na direção do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Miraguaí. As eleições, que aconteceram dia 28 de agosto apontaram como vencedora a seguinte chapa:

Alivo João Rebelatto, presidente; Guilherme Waldemar Skalee, secretário; João Batista Moreira, tesoureiro. Os suplentes da diretoria são Willi Arthur Hartk, Evalte Borth e Osmar Brescovit. São conselheiros fiscais efetivos Pedro Onofre B. de Jesus, Nicanor dos S. Vargas e Adão Pretto. Os suplentes são Ivo Gadens, Armínio Alfredo Schwanz e Selvino Morcelli. Delegados junto a Federação: Arnaldo Hermann e Guilherme Waldemar Skalee

(efetivos); Alivo João Rebelatto e João Batista Moreira (suplentes).

A nova diretoria assumiu com muita vontade de tocar o trabalho sindical para a frente. Alivo conta que a primeira coisa a fazer será incentivar a participação de todos associados na discussão de seus problemas, especialmente da política que existe para a agricultura e o agricultor. Ele explica:

— Nosso maior problema é que o agricultor está por fora da luta do Sindicato. Um dos nossos objetivos será fazer o pessoal saber o que é mesmo um Sindicato e que ele não está aí só para dar assistência.

## Sede própria em Chiapetta



Numa assembléia que aconteceu no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Chiapetta foi decidida a construção de uma sede própria do Sindicato. A assembléia foi realizada dia 9 de setembro. Ali se definiu que todos associados vão pegar junto nesta tarefa, inclusive trabalhando em mutirão na obra de fazer a sua sede.

## Consumo: um desafio em Porto Alegre

"Um desafio, acompanhado de muita coragem, persistência, convicção, idealismo e trabalho". É assim que o Waldir Zardin, diretor de Compras e Abastecimento, enxerga a tarefa de administrar um supermercado em plena Porto Alegre.

Pois desde o mês de agosto a Cotrijuí está administrando o supermercado da Cooperativa Regional de Consumo dos Bancários do Rio Grande do Sul, a Cooban, que fica quase no centro da capital do Estado. O Zardin explica:

— A diretoria da Cooban, orientada pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), convidou a Cotrijuí para administrar os des-

tinios da gestão econômica e operacional daquela Cooperativa pelo prazo de 24 meses. Será apenas administrar. Para isso, a Cotrijuí receberá um valor mensal que corresponde aos serviços prestados na administração.

A Cooban tem um supermercado de 15 caixas e mais uma sobre-loja de confecções e vestuário. Seu supermercado foi o primeiro de Porto Alegre. O objetivo da Cotrijuí ao aceitar esta tarefa, foi o de fazer uma integração Cooperativa de Produção com Cooperativa de Consumo. Objetivo, por sinal, que também era da Cooban. Lá em Porto Alegre a Cotrijuí colocará diretamente a produção de seus associados, sem qualquer intermediário.

## O golpe do censo

O pessoal de Vila Jóia andou há pouco tempo desconfiado com visitas. É que apareceram pelo distrito dois moços simpáticos e bem falantes, identificados dias depois como falsos recenseadores. Os moços, um loiro e outro moreno, altos e com 25 a 30 anos de idade, deixaram o pessoal meio medroso, pois cada estranho que chegasse era visto como um possível golpista.

Só que em Vila Jóia os falsos recenseadores não conseguiram o que queriam. Eles visitaram muitos agricultores, e quase aplicaram o golpe em Ângelo Pilatto, que pagou o levantamento realizado em sua granja com um cheque de 120 cruzeiros. Os estelionatários alteraram o cheque para 120 mil cruzeiros, mas na agência do Banco do Brasil de Tupanciretã o caixa desconfiou e não entregou o dinheiro. Os dois fugiram e nunca mais foram vistos.

Mas os golpistas podem voltar. Por isso, é bom que os agricultores fiquem prevenidos, pois em Ajuricaba esse mesmo golpe foi aplicado com sucesso. A vítima, o seu Firmino Cezimbra, perdeu 100 mil cruzeiros, ao dar um cheque de 100 cruzeiros, que foi alterado.

O golpe pode valer também para outros tipos de fraudes, sempre com a utilização do cheque. Os agricultores devem ter cuidado ao receber visitas suspeitas, e ao preencherem cheques não podem deixar

espaços entre as palavras, quando escreverem o valor por extenso. Nesses espaços, os falsários geralmente colocam a palavra "mil", multiplicando os números, como aconteceu com o seu Cezimbra.

## CUIDADO COM A NOTA

Todo o produtor agropecuário que de-seja obter um talonário de "Notas Fiscais de Produtor - Modelo 4 (ex-modelo 15)", deverá providenciar a sua inscrição junto a Fiscalização do ICM do município onde está localizada a sua lavoura ou então rebanho. É interessante observar que o produtor deverá ter um talonário de notas para cada município onde ele tem lavoura ou rebanho. As vendas de cada lavoura ou de rebanho devem ser feitas através de notas fiscais do talonário correspondente. A nota fiscal de Produtor deverá ser emitida antes das saídas dos produtos da propriedade, tanto para operações de vendas, transferências, doações, remessas.

Ao preencher a nota fiscal o produtor deve ficar atento para que todos os dados estejam corretos. Deve começar preenchendo com o nome e endereço completo e inscrição Estadual do CGC - MF do destinatário - cooperativa ou outro comprador. Para facilitar o preenchimento, o produtor poderá retirar os dados das Notas Fiscais de Entrada - contranotas anteriores emitidas pelo mesmo comprador.

No espaço destinado a descrição dos produtos por unidade deve se colocar a quantidade, espécie, qualidade e peso - quando for do conhecimento do produtor - e o preço unitário e total dos produtos. Se durante o ato de emissão da nota o preço for desconhecido, nas operações entre o associado e a cooperativa, deve-se colocar em vez de preço, a expressão "a rendimento". Neste caso, deve-se escrever por extenso a quantidade de produtos saídos (quilos, sacos...).

O produtor deve ter muito cuidado

NOTA FISCAL DE PRODUTOR Nº 488126

DESTINATÁRIO DA MERCADORIA

Nome: **Cooperativa Regional Tricolor Serrana Ltda**

Endereço: **Rua das Chácaras, 1513**

Município: **Ijuí** Estado: **RS**

Inscr. no C. G. C. (MF): **90.726.506/CCO1-RS** Inscr. Estadual: **065/000770**

Unidade	Quantidade	Preço Unitário	DESCRIÇÃO DOS PRODUTOS	PREÇO	
				Unitário	Total
			10000kg trigo - agnel		
			a rendimento		

DESCRIÇÃO DO PRODUTO: **trigo - agnel**

VALOR TOTAL DA NOTA: **10 09 80**

IMP. DE CIRCULAÇÃO DE MERCADORIAS: **10 09 80**

ICMS: **10 09 80**

DATA DE EMISSÃO: **10 09 80**

REMETENTE DA MERCADORIA: **Antonio de Novaes**

Placa do veículo: **FF 4417**

ATENÇÃO: Esta Nota só pode ser emitida até:

Nome do Transportador: **Antonio de Novaes**

Endereço: **Ijuí - RS** Placa do veículo: **FF 4417**

Marca	Número	Quantidade	Espécie	Peso Bruto	Peso Líquido

UBRAM: Companhia Brasileira de Arroz - Rua Cel. Aguiar Borges, 2.099 - Insc. Est. 096/011000 - C.G.C. 47.043.010/00134 - 100.000.0010 - 000.000.00000000 - 0000 - An. p. Imp. N.º 06/1.000/78

durante a emissão das notas. As datas são muito importantes, tanto as de emissão, como as de saída. Se o produtor não puder tirar o produto da lavoura no mesmo dia em que emitiu a nota, ele deverá colocar no espaço reservado para "saída de produtos", a data efetiva da saída. Se durante o transporte do produto, a nota fiscal estiver com o espaço reservado para "saída dos produtos" em branco ou então com data anterior, a fiscalização entende que o produtor está fazendo duas cargas com uma mesma nota.

Na nota fiscal ainda deve constar a natureza da operação (se for venda, transferência...), o nome do transportador, com endereço e número da placa do veículo, e a forma de acondicionamento (ensacados ou a granel) dos produtos, espécie, peso bruto e peso líquido.

## Laço<sup>CE</sup> não faz distinção: acaba com as folhas largas e estreitas com a mesma segurança e economia.



Sejam simples e objetivos: enquanto você não usar Laço<sup>CE</sup> na sua plantação de soja, milho, café, cana, amendoim ou algodão, as folhas largas e estreitas vão tomar muito dinheiro seu. Se não tomarem sua cultura inteira.

Mas é só aplicar Laço<sup>CE</sup> logo após o plantio, com a terra limpa, que as folhas largas e estreitas não nascem.

Nem seria possível, porque Laço<sup>CE</sup> atua nas sementes de trapoeraba, guanxuma, caruru, picão preto, capim colchão ou milhã, capim pé-de-galinha e capim carrapicho, assim que elas iniciam seu processo de germinação.

Com Laço<sup>CE</sup>, além da eficácia, você vai confirmar que não é preciso utilizar o trator para incorporar. O que significa ganho em combustível, tempo e mão-de-obra.

Além da economia e eficiência, há o fato de que você está aplicando segurança em suas terras. Como Laço<sup>CE</sup> não causa danos ao solo, qualquer cultura pode ser plantada em seguida à colheita da cultura tratada.

Em termos de terra, ou a segurança é total - por baixo e por cima - ou não há segurança.

Não é à toa que Laço<sup>CE</sup> não faz distinção com o mato, seja folha larga ou estreita. Com toda segurança e economia.



**Monsanto**

Rua da Consolação, 881 - CEP 01301 - Tel.: (011) 257-7966 - São Paulo - SP  
Laço<sup>CE</sup> é marca de Monsanto Company. - © Monsanto Co., 1980.

## Cenoura sem segredo

A cenoura é a mais rica fonte de vitamina A que se conhece. Esta raiz comestível ainda reúne significativas quantidades de sais minerais, como o fósforo, potássio, magnésio, cálcio e sódio. Sua maior importância nutritiva, porém, está na vitamina A.

Quem tem geladeira em casa pode guardar a cenoura na gaveta própria para legumes e frutas. Fora da geladeira ela deve ser conservada em locais secos e ventilados. Desta maneira a cenoura conserva-se bem, sem perder seu valor nutritivo, durante duas semanas. Em nossa região são cultivadas basicamente 3 variedades de cenouras, permitindo a sua produção durante o ano inteiro.

A cenoura deve ser raspada e nunca descascada, pois junto da casca é que estão a maioria dos nutrientes que ela contém. Seu cozimento varia de 30 a 40 minutos, cortada em rodela ou inteira. Quando a cenoura for nova, usa-se pouca água e menos tempo de cozimento.

Com a cenoura crua podemos preparar sucos, saladas, patês e sobremesas. Quando cozida ela serve para suflês, purês, sopas, doces, etc.

### BOLO DE CENOURA

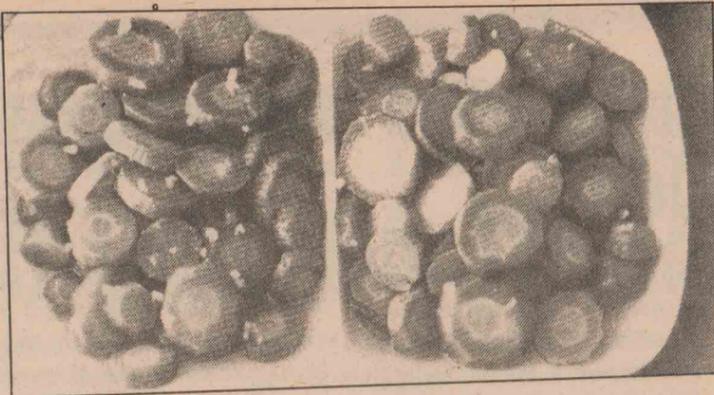
**INGREDIENTES:** 4 cenouras cruas picadas e passadas no liquidificador ou ralador.

- 4 ovos
- 1/2 xícara (de chá) de óleo
- 1/2 xícara (de chá) de nata
- 1 colher (de sopa) de royal
- 1 1/2 xícara (de chá) de açúcar.

- 2 xícaras de farinha de trigo (mais ou menos o suficiente para dar o ponto da massa).

### MODO DE FAZER:

- 1 - Bata no liquidificador ou à mão, azeite, nata, cenoura ralada e o açúcar.
- 2 - Acrescente a farinha peneirada e o royal, misturando levemente.
- 3 - Unte com gordura uma forma e polvilhe com farinha. Leve a assar em forno moderado.
- 4 - Depois de assado, faça a seguinte cobertura.



### INGREDIENTES:

- 4 colheres (de sopa) de açúcar.
- 3 colheres (de sopa) de nescau ou chocolate.
- 6 colheres (de sopa) de leite
- 1 colher (de soja) de manteiga.

### MODO DE FAZER:

Misture todos os ingre-

dientes em uma panela pequena, deixe ferver sem mexer.

Quando estiver no ponto de bala dura, retire do fogo e derfame sobre o bolo, espalhando a calda rapidamente.

Sirva com chá ou sucos naturais de frutas ou batidas de frutas ou até mesmo com o chimarrão.

### MAIONESE DE CENOURAS

**INGREDIENTES:** 1 kg de cenouras cozidas, 1 xícara de cenoura crua ralada, 4 ou 5 batatas inglesas, 1 chuchu cozido, 2 ou 3 tomates, 2 ou 3 pepinos, 1 cebola picadinha, 1 maço de salsa, 1 pimentão picadinho, 4 ovos cozidos, 1 ovo cru, sal, pimenta e vinagre a gosto, óleo suficiente para fazer a maionese.

**MODO DE FAZER:** Depois de cozinhar com sal a batata, cenoura e chuchu, descasque e pique-os. Junte-os aos demais ingredientes também picadinhos.

Faça a Maionese com as gemas cozidas e o ovo cru.

Misture tudo muito bem e tempere com sal, pimenta e vinagre a gosto.

## O que faz a Vitamina A

A vitamina A também é conhecida pelo nome de vitamina anti-infecciosa e vitamina anti-oftálmica, pois ela torna o organismo resistente às infecções e evita também determinadas doenças dos olhos. A vitamina A mantém a pele e as mucosas saudáveis.

A falta de vitamina A no organismo de uma pessoa provoca uma série de problemas de visão. São eles a cegueira noturna, que é identificar quando uma pessoa consegue

enxergar bem durante o dia mas fica sem visão à noite; a xerofthalmia, que é a cegueira total causada pela falta da vitamina A, deixando os tecidos dos olhos secos pois não há produção de lágrimas (que é o lubrificante dos olhos); dificuldade de enxergar na penumbra, ardência nos olhos e deslumbramento, que é uma cegueira frente à luz intensa (como a de faróis dos carros).

Outros problemas de falta de vitamina A são o cresci-

mento retardado das crianças, cabelos opacos, unhas quebradiças e pele seca e áspera.

Além da cenoura, ainda se encontra a vitamina A em todos os alimentos de origem animal que sejam gordurosos (leite, manteiga, queijo, óleos, fígado, gema de ovo); nos vegetais de cor verde ou amarela (tomate, pepino, espinafre, batata doce, alface, repolho) nas frutas (mamão, laranja, abacaxi) e em cereais (milho amarelo, farinha de milho).

## UM CURSO DE EDUCAÇÃO

O que é educar? Como educar os filhos, já que não são todos iguais? De quem é a responsabilidade pela educação? Será ainda da família?

Estas e mais uma porção de outras perguntas foram questões que apareciam em basicamente todos os núcleos onde o Departamento de Comunicação e Educação vem desenvolvendo um trabalho com senhoras e filhas de associados. Desde que iniciou o trabalho, em 1976, na região de Vila Jóia, Augusto Pestana, Ijuí e Ajuricaba, as discussões sobre o assunto educação têm sido freqüentes. Aparecem os problemas de relacionamento entre pais e filhos, educação sexual, influência da televisão na educação dos filhos, o ensino no meio rural e uma série de outros assuntos.

O difícil sempre vinha sendo aprofundar estas discussões. Por sua seriedade, estes assuntos não poderiam ser abordados apenas superficialmente. Era necessário contar com o apoio de quem entendesse realmente de educação. A mulher do meio rural se mostrava interessada em discutir o problema da educação dos filhos, procurando mais informações, já que a realidade modifica-se dia a dia.

Este apoio o Departamento de Comunicação e Educação foi buscar junto à equipe de professores do Departamento de Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Fidene. A partir de abril deste ano uma equipe de três professores vem acompanhando as comunicadoras da Cooperativa nas reuniões mensais com os nú-

cleos do interior. No primeiro semestre do ano foram atingidos 11 núcleos, e no segundo se está trabalhando com 14 núcleos.

Nestas reuniões têm sido possível manter um diálogo franco, levantar questionamentos, debater e aprofundar, de forma mais ordenada, o assunto educação. Para isso acontecem palestras, ilustradas muitas vezes por audio-visuais, e depois em debate, desenvolvendo-se assim um verdadeiro curso, com um movimento de atualização e cultura.

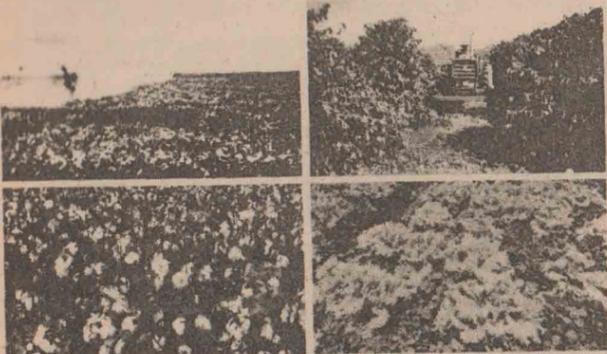
Nas reuniões estão sendo apresentadas e debatidas as Fases de Desenvolvimento e Evolução da Criança (características físicas, sociais e psíquicas; necessidades e interesses; sexo em cada fase; a prática educativa em cada fase) e Relacionamento-Pais e Filhos.

Noemi Huth, coordenadora do trabalho que o Departamento de Comunicação desenvolve com os núcleos femininos da Cotrijuí comenta:

- Com a discussão destes assuntos não significa que nestes núcleos não se discuta mais o assunto educação. No meu entender esta etapa vai fazer com que o grupo amadureça algumas idéias. A partir daí talvez questione e procure realmente discutir não só educação, mas a própria participação da mulher no processo de produção. A mulher como força de trabalho, seus direitos, sua valorização como pessoa atuante na sociedade, suas conquistas dentro da própria história, sua participação no sistema cooperativista como aconteceu até hoje e como poderá ser no amanhã.



# DIPEL

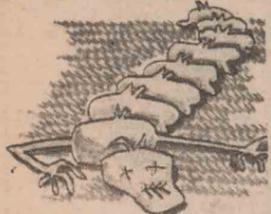


## QUESTÃO DE VIDA



Dipel é um lagarticida natural, sem elementos químicos, que não põe em risco a vida de animais, pássaros, peixes, abelhas e outros insetos benéficos. Não oferece qualquer perigo à saúde de quem o aplica, nem problemas de resíduos tóxicos nos alimentos. Sua função é única e exclusivamente a de se aliar aos inimigos naturais das lagartas, acabando com elas antes que elas acabem com sua plantação. Use Dipel, em alto ou baixo volume. O resultado será uma colheita mais lucrativa e cheia de vida.

## OU MORTE



A danada da lagarta é um bichinho de morte, esfomeado, que devora a plantação em três tempos, se você deixar. Mas Dipel dá um jeito nisso, naturalmente, sem envenenar a lavoura nem prejudicar o meio-ambiente. Duas horas após ingerir o Dipel pulverizado nas folhas, a lagarta para de comer, não causando mais danos à lavoura, mesmo que possa ficar viva ainda por 3 dias. Pegue a lagarta pelo estômago, com Dipel. O resultado será o fim da lagarta, um futuro próspero e farto a sua lavoura e maiores lucros para você.

Dipel - a última refeição da lagarta



ABBOTT LABORATÓRIOS DO BRASIL LTDA.  
Divisão de Produtos Químicos e Agrícolas  
Rua João Rangel Sampaio, 245 - Tel. 240-1322  
CEP 04560 - São Paulo, SP - Brasil

# HORTA DO MÊS

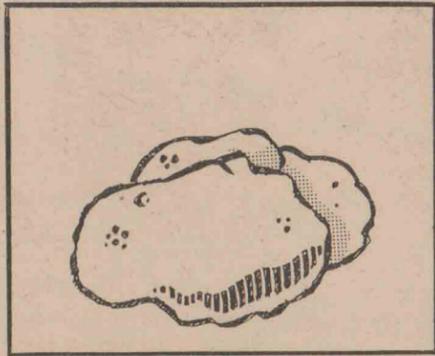


## ALHO

O ataque de trips, divulgado no mês anterior, realmente foi e ainda está sendo muito significativo, tendo causado grandes prejuízos em diversas lavouras. Isto se deve a dois fatos: o desconhecimento de alguns produtores de seu ataque, vindo a observá-lo somente quando os danos já eram consideráveis; a baixa eficiência de alguns inseticidas usados, os quais atingiam somente a população adulta, tornando a lavoura a reinfestar-se logo em seguida.

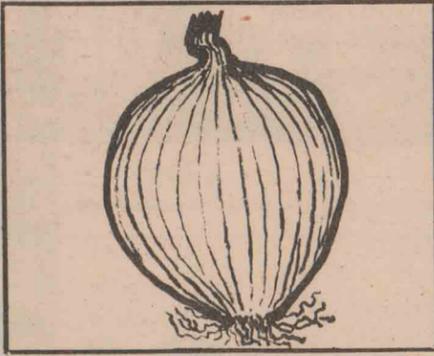
O recebimento de alho pela Cotrijuí dar-se-á no período de 10 de novembro a 15 de dezembro, devendo o produto estar bem curado, limpo e classificado. Somente nestas condições é que poderá ser comercializado.

Associados produtores de alho não participantes do programa e que interessem comercializar seu produto pela Cotrijuí, devem inscrever-se junto ao Departamento Técnico.



## BATATA

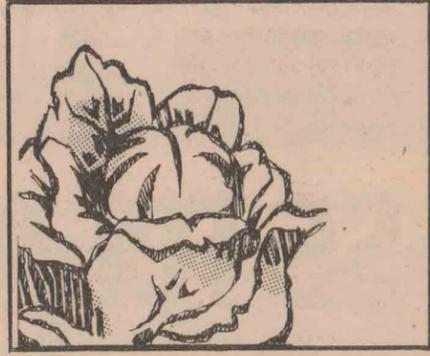
Conforme observamos em relação as hortaliças, também os batatais foram severamente atingidos pela geadas, principalmente os plantios efetuados em fins do mês de agosto. Dependendo do desenvolvimento da planta há possibilidade de ocorrer o rebrote, desde que a haste principal já não tenha consumido a maior parte das reservas do tubérculo (batata). Se isto não aconteceu, surgem novas brotações, as quais podem ainda produzir certamente, porém os rendimentos serão menores. As lavouras prejudicadas pela geadas e que tenham possibilidades de rebrotar devem receber uma aplicação de uréia nos próximos dias, na razão de 40 kg/ha. Este tratamento também deverá ser realizado nas lavouras não prejudicadas. Esta aplicação pode ser efetivada juntamente com a amontoa — chegada de terra à planta — que assim se obterá os melhores resultados.



## CEBOLA

As lavouras de cebola continuam apresentando bom desenvolvimento, não tendo sido prejudicadas pelas condições climáticas. Algumas lavouras onde houver muita aplicação de nitrogênio — uréia — estão agora com desenvolvimento exagerado. Isto poderá vir a prejudicar a qualidade dos bulbos, além de dar mais condições ao surgimento de doenças nas folhas; em consequência, lembra-se que a partir deste período não devem ser realizadas mais aplicações em cobertura com adubos nitrogenados, pois os resultados podem ser negativos para as plantas e a produção.

Quanto ao ataque de trips observado no mês anterior na cebola, não está sendo muito significativo. Recomenda-se porém que as plantas sejam observadas atentamente para se verificar sua presença e caso exista deve ser imediatamente combatido.



## HORTALIÇAS DIVERSAS

As geadas ocorridas durante o mês de setembro prejudicaram muitas plantas "do cedo" de hortaliças, como melão, pepino, melancia, tomate, batata e outros, os quais agora deverão ser ressemeadas para se obter produção no verão. Lembremos que os plantios de verão devem ser realizados com variedades adaptadas a esta época. A sugestão é: alface maravilha verão; cenoura kuroda; beterraba maravilha; rabanete redondo vermelho; tomate kada; repolho matzukaze. E assim por diante nas diversas espécies.

A relação da variedade certa melhora as possibilidades de se obter uma produção mais animadora. É preciso observar a sementeira bem preparada, abundante irrigação, matéria orgânica em no mínimo 4 quilos por metro quadrado e limpeza, para evitar que os insetos possam competir com a cultura.

### VENDE-SE

Vende-se uma colheitadeira Class Kommers, 8 pés. Tem motor diesel Perkins e está totalmente reformada. Preço e condições a combinar. Tratar com Leonardo Hanusch, na Linha 28, em Ajuricaba.



**COTRIEXPORT —  
CORRETORA DE  
SEGUROS LTDA.**

**MAIS UM ELO  
DE UNIÃO**

**PARA FAZER SEGURO  
EXIJA O MELHOR**

A Cotrijuí através de sua Corretora de Seguro presta todas as informações e assistência nas diversas modalidades de seguro.

Em Ijuí: Sede da Cotrijuí — fone 332-2400 — ramal 364  
Em P. Alegre: Av. Júlio de Castilhos, 342 — fone 33-50-32



**Lexone L.<sup>®</sup>**  
**Um líquido  
tão importante  
para a soja  
quanto a chuva.**

"Lexone é marca registrada da Du Pont"



Lexone L é como a chuva: só traz benefícios à sua lavoura.

Mas com uma diferença fundamental: enquanto a chuva passa, Lexone L fica controlando as ervas de folhas largas, desde a emergência até o completo fechamento da soja. Isso sem afetar a cultura subsequente.

Aplicado em pré-plantio incorporado ou em pré-emergência, Lexone L acaba com o problema da concorrência das ervas daninhas com a soja, que, como você sabe, se inicia com a própria plantação.

Isso tudo com muita praticidade, já que, sendo líquido, Lexone L mistura mais fácil e permite que você estabeleça as doses corretas de aplicação.

O resultado final é o que você sempre desejou: uma grande produtividade com muitos lucros.

Use Lexone L, o líquido tão importante quanto a chuva.



**AGROQUIMICOS**

Trigo

# COM A GEADA SE FOI A ESPERANÇA



A quebra só será totalmente conhecida na hora da colheita

A situação geral da lavoura até que era boa, mas a pouca expectativa que havia em torno da safra deixou de existir em apenas um dia. A geada de 16 de setembro pode ter arrasado com o trigo, e contribuído para que, mais uma vez, os agricultores fiquem com medo dessa cultura. Afinal, somente por acaso ela tem dado boas colheitas. E tudo isso acontece depois da formação da lavoura a muito custo, por causa dos baixos VBCs e preços mínimos, pois não sobrou outra saída.

Os que não conseguiram abandonar a lavoura de trigo este ano estão olhando de longe o estrago que a geada deve ter feito. Só que por enquanto está difícil de se dizer quais foram os prejuízos, segundo o diretor técnico da Cotrijuí, Nedy Borges. Somente com o início da colheita é que isso será possível.

## PELADINHO

Até agora há informações de que a geada não prejudicou tanto as lavouras de Tenente Portela, como aconteceu nas demais áreas da região pioneira. Naquele município a área de 16.832 hectares tem 70 por cento da lavoura plantados com a variedade "peladinho", semeada no cedo. Por causa disso é que Portela deverá inverter a situação de antes da geada do dia 16. O trigo de lá vinha apresentando a incidência de ferrugem, enquanto nos outros municípios isso não acontecia.

Agora, o "peladinho" poderá apresentar melhor rendimento, se comparado com o resto da área. Nedy Borges lembra que na lavoura de Portela a geada não prejudicou tanto agora, como em outras vezes, pois o município tem condições climáticas diferentes dos demais. Além disso, a altitude é baixa e por perto está o rio Uruguai, que afasta as geadas fortes.

## MARINGÁ

No resto da região pioneira, a geada não deve ter poupado quase nada. Isso porque cerca de 70 por cento dos 172 mil hectares deste ano foram plantados com a variedade Maringá. Esse trigo é o que vem apresentando melhor rendimento, suporta doenças, é resistente, mas não agüenta uma geada forte, como foi esta do dia 16.

Isso é o que dá pra ser considerado até agora, sobre as condições da lavoura, sem fazer previsão de quebra. Borges lembra que, além desses fatores, deverão ser analisados outros, como a localização do trigo, já que as áreas mais baixas sofreram mais com as geadas. Tem também o estágio de desenvolvimento da planta, mesmo que se saiba que a grande maioria estava na fase de espigamento ou início do espigamento, quando a geada aconteceu. E nessa etapa o trigo é facilmente aniquilado pela geada.

## NATUREZA

A geada foi mais um susto no pessoal, segundo João Carlos Ceratti, de Ijuí, para quem o que aconteceu no dia 16 vai fazer com que os agricultores pensem mais sobre os riscos do trigo. Ele, pelo menos, acha que está na hora de parar, "pois não adianta querer brigar com a natureza".

— Eu plantei 16 hectares e a lavoura estava bonita como a gente nunca tinha visto. A geada pegou tudo, de alto a baixo, e não sobrou nada.

Ceratti já andava às voltas com o Proagro, dia 23, pensando em largar o trigo, a partir do próximo ano. Essa mesma idéia anda rondando o seu Estanislau Novachinski, que plantou 8 hectares, em Coronel Bicaco. Para ele, já dá até "para esperar que o governo não financie o trigo, que é pro povo deixar de plantar e ter prejuízo".

— Não dá pra aventurar sempre com prejuízo. Nós precisamos é partir pra novas culturas, com mais garantia. Eu estou decidido que não vou plantar mais, mes-

mo com o Proagro. Ainda tem os juros pra pagar, e no fim das contas não compensa.

## MURCHANDO

O seu Estanislau esperava colher 15 por um. Hoje ele sabe que não vai dar nem cinco por um, lembrando que a geada deste ano só pode ser comparada a uma de 1973. O agricultor diz que, se a lavoura for examinada agora, até que não se nota diferença. Mas daqui a pouco ele poderá ver, nos oito hectares, o que já está acontecendo em alguns cachos com grão formado, que começam a murchar.

Antonio Novachinski, irmão de Estanislau, plantou 15 hectares, também em Coronel Bicaco, e acha que a geada foi uma judiaria. "Coisa mais linda é que estava o trigo", diz ele, que já andou dando uma olhada na lavoura, hoje toda amarelada. Ele não faz previsão sobre quebra, e só garante que a frustração vai ser grande. Itelvino Sperotto, de Santo Augusto, planta em Bicaco e arrisca uma estimativa, dizendo que a quebra vai passar de 60 por cento nos 130 hectares de sua

lavoura. Ele ainda vai perder quase toda a lavoura de milho, em Santo Augusto, e espera uma chuva grande para poder avaliar bem os prejuízos no geral.

## REDUÇÃO

A área total do trigo, na região pioneira, chegou a 172 mil hectares este ano, contra os 229.500 do ano passado. A redução na área chegou a 30 por cento, porque houve indefinições e atrasos na mudança do VBC. Isso fez com que muita gente desistisse de plantar, pois o Valor Básico de Custeio era muito baixo, e quando foi aumentado já era meio tarde.

No Mato Grosso do Sul, a colheita está praticamente concluída, e a safra não chegou a confirmar integralmente as previsões, mas foi considerada boa. Deu geada em junho, faltou chuva e aconteceu a incidência de algumas doenças, e a previsão de 171 mil toneladas não se confirmou, pois a safra deve ter ficado em torno de 80 mil toneladas, segundo o agrônomo Natal Marchioro. Para os problemas que surgiram, nos nove municípios do Estado, a produção até que deu bem, afirma o Marchioro, que é da unidade de Dourados. O rendimento ainda ficou dentro de uma boa média: 1.200 kg/ha.

Em Dom Pedrito, a área do trigo continua bastante pequena. Este ano, os produtores dedicaram 1.300 hectares à cultura, e a quebra poderá ser grande. A lavoura pegou algumas doenças, e em setembro quase não choveu em Dom Pedrito. Segundo o técnico agrícola Erlei Dambros, no início do plantio, em junho e julho, ao contrário, choveu demais, e isso fez com que a lavoura, que poderia ser maior, ficasse nos 1.300 hectares. Só quando iniciar a colheita, em novembro, é que vai dar pra saber de quanto foi a quebra.

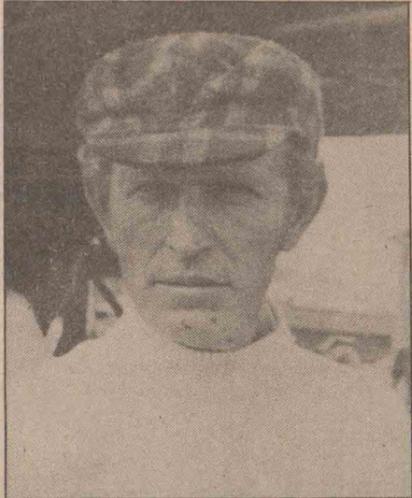
## OS RISCOS

O estrago da geada deixa o pessoal desesperançado, mas não deve provocar conclusões muito apressadas, como diz Nedy Borges. Apesar de tudo o que tem ocorrido, a lavoura não deve ser simplesmente abandonada por todos os agricultores. O diretor técnico da Cotrijuí lembra que é preciso adequar a lavoura à realidade da agricultura, corrigindo falhas constatadas, como as áreas grandes demais.

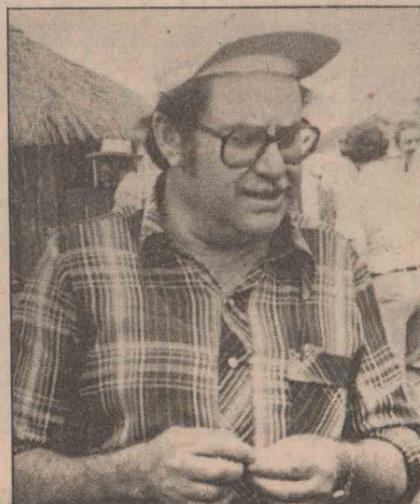
"Precisamos — diz Nedy Borges — reduzir os riscos, diante de uma possível frustração". O trigo pode não ser mais uma boa opção para os pequenos agricultores, mas ainda é uma alternativa muito boa para os médios e grandes. A saída agora é a diversificação, com a triticultura estando ainda nos planos da policultura. Só que com lavouras menores.



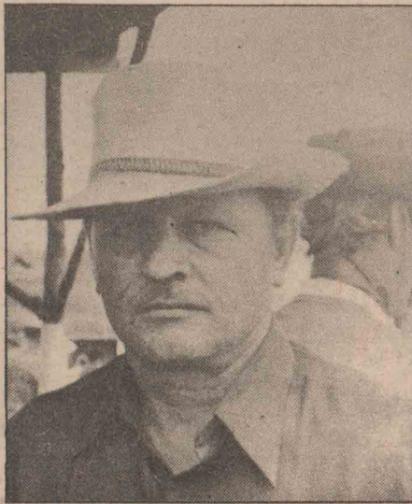
Ceratti: é brigar com a natureza



Estanislau: não planto mais



Itelvino: perder quase tudo



Antônio: foi uma judiaria



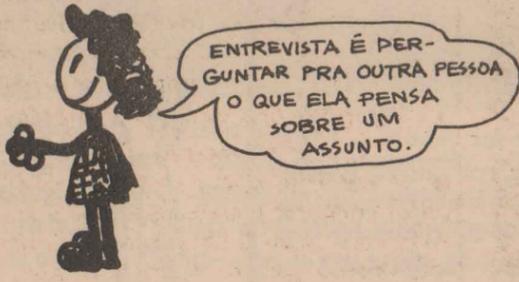
SUPLEMENTO INFANTIL

ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUI

ENTREVISTA:

# NAS ATITUDES DE GENTE GRANDE, CRIANÇA DÁ SUA OPINIÃO.

ASSUNTO: AS ÁRVORES



Cada vez mais percebemos a importância da árvore em nossa vida. Também percebemos que a nossa natureza vem sendo destruída gradativamente, em nome do progresso e do bem estar dos homens. Temos que nos conscientizar sempre do que a árvore representa em nossa vida e lutar para que as árvores não sejam destruídas.

Sabemos que no Dia 21 de setembro em muitas escolas são plantadas árvores, com pretensões de homenageá-las. Mas... se elas pudessem falar diriam a toda gente:

— "Por favor, não me maltratem assim, plantem-me na época certa!..."

As crianças do Povoado Santana, 1º Distrito de IJUÍ, com a colaboração da Professora Rosângela Tissot Frota, da Escola Monsenhor Pio José Buzanello, participaram de uma entrevista para falar sobre o tema: as árvores.

Assim, começou a entrevista com crianças iguais a vocês. Leia o que elas opinaram:

"A árvore é minha amiga, por isso não devemos maltratá-la, pois ela oferece tudo de bom". (Lidia — 12 anos).

"Eu penso que as árvores são que nem as pessoas, porque elas nascem, crescem, sofrem e morrem". (Marlei — 12 anos).

"A árvore é uma fonte de vida porque produz oxigênio". (Idacir — 13 anos).

"Elas são as maravilhas da Natureza". (Jorge — 13 anos).

"Eu acho que sem árvores não podemos viver". (Eloir — 14 anos).

"Ela filtra o ar que respiramos". (Tânia — 14 anos).

"Ela puxa o ar sujo e expele oxigênio". (Edson — 13 anos).

"Ela purifica o ar, fortalece as vertentes de água e os barrancos dos rios". (Ronei — 11 anos).

As crianças disseram, sem exceção, serem contra o desmatamento, mas acham que, às vezes, é necessário cortar árvores.

"Ah! Não, porque daqui algum tempo as pessoas vão morrer, porque o ar vai ficar muito poluído". (Tânia — 14 anos).

... "e a terra vai virar um deserto". (Edson — 14 anos).

... "e muitos tipos de árvores não vão mais existir". (Tânia — 14 anos).

"Não. Porque prejudica a natureza que é bela, a fauna e a flora (Silvino — 11 anos).

"Acho coisa injusta. Porque a natureza é nossa e ninguém tem o direito de tirar a vida das árvores". (Ilse — 10 anos).

"Eu acho certo cortar, mas só para o consumo e não derrubar todas as árvores para fazer roça". (Cláudio — 14 anos).

... "só algumas, porque precisamos cozinhar nossa comida". (Tadeu — 13 anos).

"É um absurdo! O homem deveria parar de derrubar porque senão isto vai virar um deserto". (João Alberto — 13 anos).

"O homem não pode desmatar para plantar soja. Um metro de lenha vale mais do que um saco de soja". (Tadeu — 13 anos).

"O desmatamento está deixando o Brasil muito pobre em matéria de Vegetação". (Idacir — 13 anos).

"Ninguém pensa nas conseqüências. Pegam o machado e começam a cortar". (Clarisse — 12 anos).

"O homem está destruindo as matas e não se dá conta dos prejuízos que está causando". (Angelo — 11 anos).

E com os rios o que vocês pensam que vai acontecer?

"Os rios vão secar, o barranco vai desmoronar e as águas vão ficar puro barro". (Lidia — 11 anos).

"As vertentes vão secar!" (Silvino — 11 anos).

"O rio vai ficar sujo... sujo que não vai dar pra tomar banho". (Paulo — 13 anos).

"Eu acho que o rio vai ficar "careca". (Adelar — 12 anos).

... "a água vai ficar choca, porque ela não tem sombra". (Luís — 12 anos).

... "as águas vão secar e acho que todos vamos morrer". (Sueli — 12 anos).

"Eu acho que deveria ter vinte metros de árvores na beira dos rios senão os rios vão derramar e ficar cheios de terra". (Tânia — 14 anos).

O que vocês pensam sobre o reflorestamento?

"Devemos plantar outras árvores no lugar das que são cortadas, para que os matos continuem crescendo". (Tadeu — 14 anos).

"Eu acho que se alguém cortar um pé de coqueiro deve plantar outro no lu-

gar e não plantar cinco eucaliptos". (Tânia — 14 anos).

"Muita gente planta um só tipo de árvore e ainda diz que faz reflorestamento". (Ronei — 11 anos).

"Eles arrancam dez espécies de árvores e plantam uma só. É reflorestamento só da boca para fora". (Clarice — 12 anos).

"Os passarinhos e os outros animais vão ficar contentes com mais árvores". (Paulo — 12 anos).

"Cortam árvores que tem boa sombra e boa lenha e plantam outra que não tem serventia". (Luís — 12 anos).

Descobrimos que estas crianças já plantaram árvores. Sabem onde?

"Ah! Eu plantei um pé de laranja perto do mato, onde é fresco". (Adelar — 12 anos).

"Eu também plantei na beira do mato". (Ilse — 10 anos).

... "na frente de casa" (Sueli — 12 anos).

... "na beira de um rio". (Silvino — 11 anos).

... "perto da sanga, foi um pé de cinamomo". (Luiz Augusto — 12 anos).

... "na beira de uma estrada". (Eloir — 12 anos).

... "eu plantei duas — No pátio e na lavoura". (Paulo Juarez — 13 anos).

"Na horta". (Inês — 12 anos).

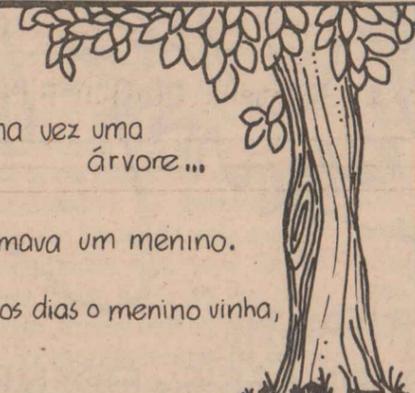
"na beira de um campo de Futebol". (Edson — 12 anos).

"na beira de uma calçada". (Marcos — 13 anos).

Mas uma coisa as crianças gostaram. E muito. De ter participado de uma entrevista onde puderam dizer o que estão pensando sobre as atitudes de gente adulta!

# A ÁRVORE GENEROSA

de Shel Silverstein  
Desenho: Jader Teixeira



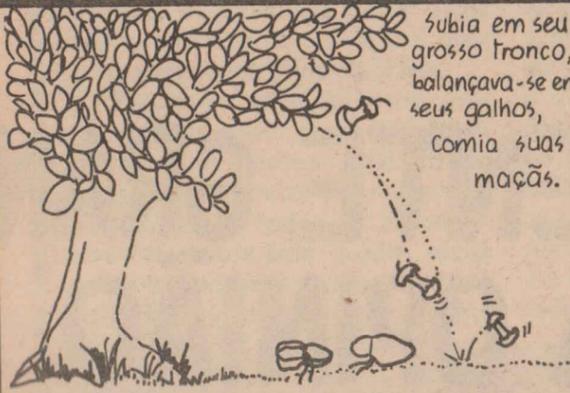
**E**ra uma vez uma árvore...  
... que amava um menino.  
E todos os dias o menino vinha,



juntava suas folhas



e com elas fazia coroas de rei;  
com elas brincava de rei da floresta.



subia em seu grosso tronco, balançava-se em seus galhos, comia suas maçãs.



E brincavam de esconder.  
Quando ficava cansado, o menino repousava à sua sombra fresquinha.

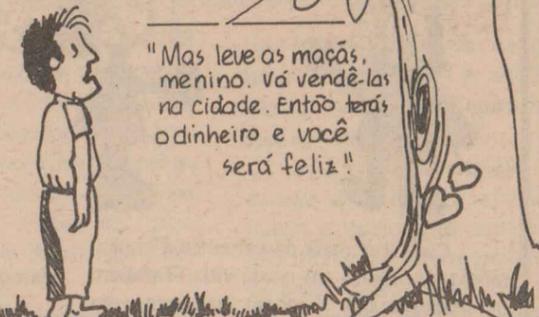


O menino amava a árvore profundamente. E a árvore era feliz.  
Mas o tempo passou. O menino cresceu.



E a árvore muitas vezes ficava sozinha.

Um dia o menino veio e a árvore disse:  
"menino, venha subir no meu tronco, balançar-se nos meus galhos, comer minhas maçãs, repousar à minha sombra e ser feliz."  
O menino respondeu: "Estou grande demais para brincar", "Quero comprar muitas coisas, eu quero me divertir e preciso de dinheiro. Você tem algum dinheiro que possa me oferecer?"  
"Sinto muito", disse a árvore, "mas eu não tenho dinheiro. Tenho apenas minhas folhas e tenho minhas maçãs."



"Mas leve as maçãs, menino. Vá vendê-las na cidade. Então terá o dinheiro e você será feliz!"



E assim o menino subiu pelo tronco, colheu as maçãs e levou-as embora. E a árvore ficou feliz.

Mas o menino sumiu por muito tempo... E a árvore ficou triste outra vez. Um dia, o menino veio, e a árvore estremeceu tamanha a sua alegria e disse: "Venha menino, venha subir no meu tronco, balançar-se nos meus galhos e ser feliz."  
"Estou muito ocupado pra subir em árvores", disse o menino. "Eu quero uma casa pra me abrigar, eu quero uma esposa, eu quero ter filhos, pra isso é preciso que eu tenha uma casa. Você tem uma casa pra me oferecer?"  
"Eu não tenho casa", a árvore disse. "A casa em que moro é esta floresta. Mas corte meus galhos e faça sua casa, e seja feliz!" O menino depressa cortou os galhos e levou-os embora pra fazer uma casa. E a árvore ficou feliz.  
O menino ficou longe muito tempo, e no dia que voltou a árvore ficou alegre, de uma alegria tamanha que mal podia falar. "Venha, venha meu menino sussurrou: venha brincar!"  
"Estou velho para brincar disse o menino, e estou também muito triste."



Eu quero um barco ligeiro que me leve pra bem longe. Você tem algum barquinho que possa me oferecer?"  
"Corte meu tronco e faça seu barco", a árvore disse. "Viaje pra longe e seja feliz!"  
O menino cortou o tronco, fez um barco e viajou.  
E a árvore ficou feliz...  
Mas não muito.



Muito tempo depois o menino voltou. "Desculpe menino" disse a árvore, "não tenho mais nada pra lhe oferecer." As maçãs já se foram. "Meus dentes são fracos demais pra maçãs" falou o menino. "já se foram os galhos pra você se balançar." a árvore disse. "já não tenho idade pra me balançar" falou o menino.  
"Já não tenho mais tronco pra você subir" a árvore disse. "Estou muito cansado e já não sei subir" falou o menino. "Eu bem que gostaria de ter qualquer coisa pra lhe oferecer" suspirou a árvore.



Mas nada me resta, e eu sou apenas um toco

sem graça. Desculpe... Já não quero muita coisa disse o menino. "só um lugar sossegado onde possa me sentar" pois estou muito cansado." "Bem bem" respondeu a árvore, enchendo-se de alegria. "eu sou apenas um toco, mas um toco é muito útil pra sentar e descansar. Venha menino, depressa, sente-se em mim e descansa."  
Foi o que o menino fez.  
E a árvore ficou feliz.



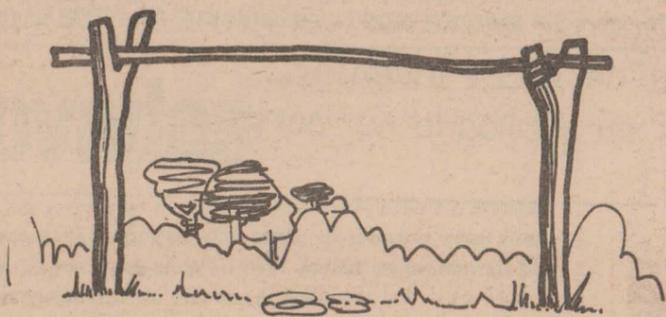
**fim**

Escreva p/ o COTRIJOL COMENTANDO SOBRE A HISTORINHA "A ÁRVORE GENEROSA". Aguardamos sua colaboração!

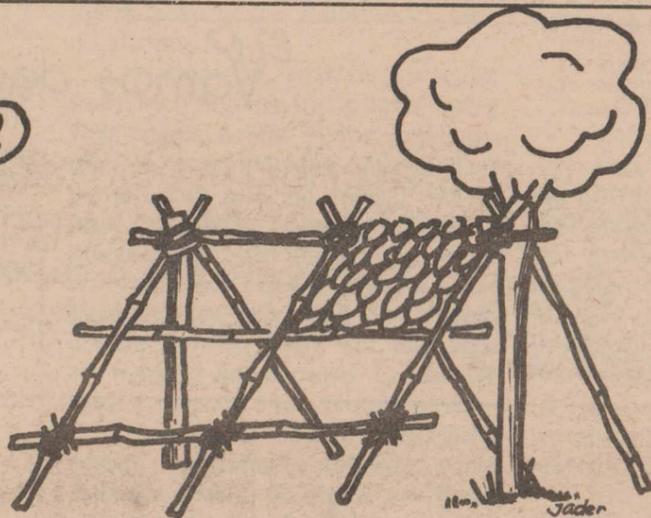
# Cabana, faça você mesmo!

É verdade, e estamos neste nº do COTRISOOL com algumas sugestões para você construir sua cabaninha. O material necessário é apenas este: Um cordão bem forte; galhos; ramos e folhinhas secas.

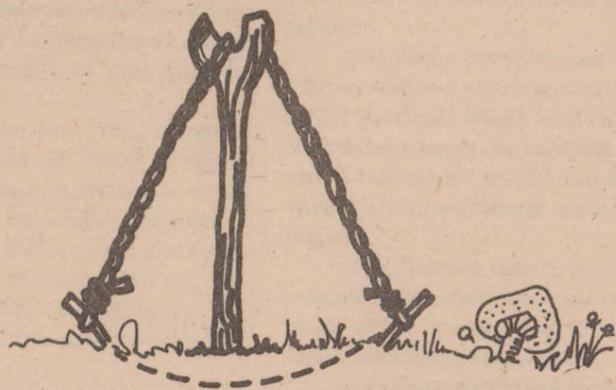
①



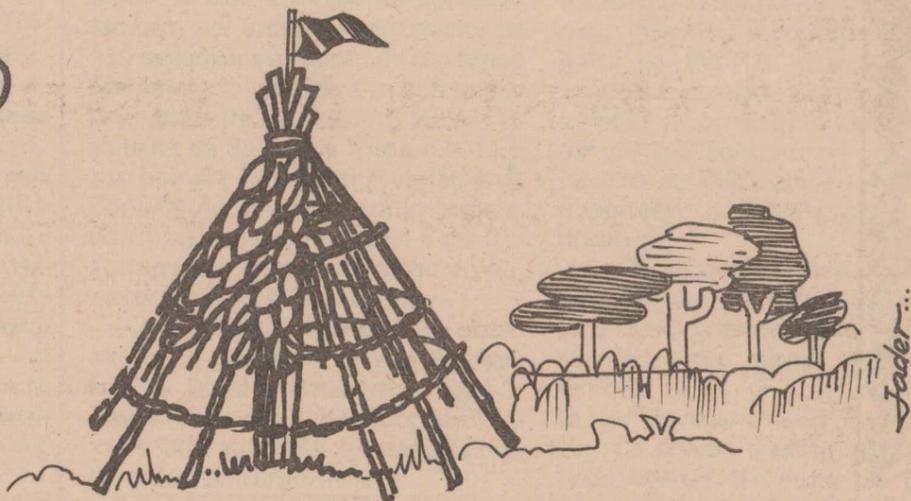
②



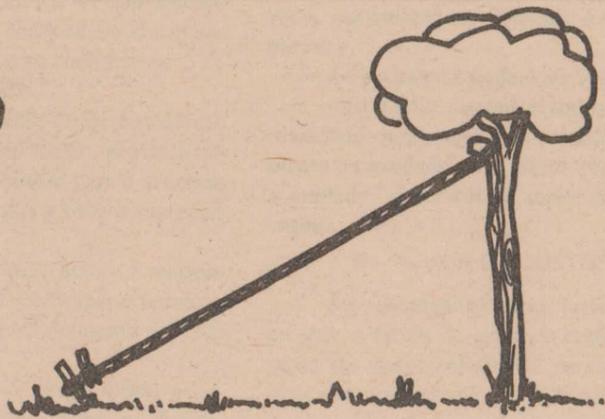
①



②



③



③



Agradecemos as cartinhas dos seguintes amiguinhos: Nelci Fritz - Dourados (Mato Grosso do Sul). Cemilda Prates (Linha 30 - Ajuricaba). Amanatino Brasil dos Santos (Barro Preto - Ajuricaba). Marlene Sevicki (São Valério - Santo Augusto). Cleunice Dalalana (Itaí - Ijuí). Rosemari Libardia (Ponte do Ijuizinho - Augusto Pestana). Sidenara Sasso (Vila Floresta).

Continuem escrevendo para o Cotrisol - Rua das Chácaras, 1513. C.P. - 11 - IJUÍ - RS.

**ACHA-  
PALAVRA**

A árvore tem:

- Raiz
- Caule
- Flor
- Fruto**
- Tronco
- Folha
- Gaiho



**VOCÊ SABE O QUE É POLICULTURA ?  
DESCUBRA NESTAS PALAVRAS CRUZADAS ...**

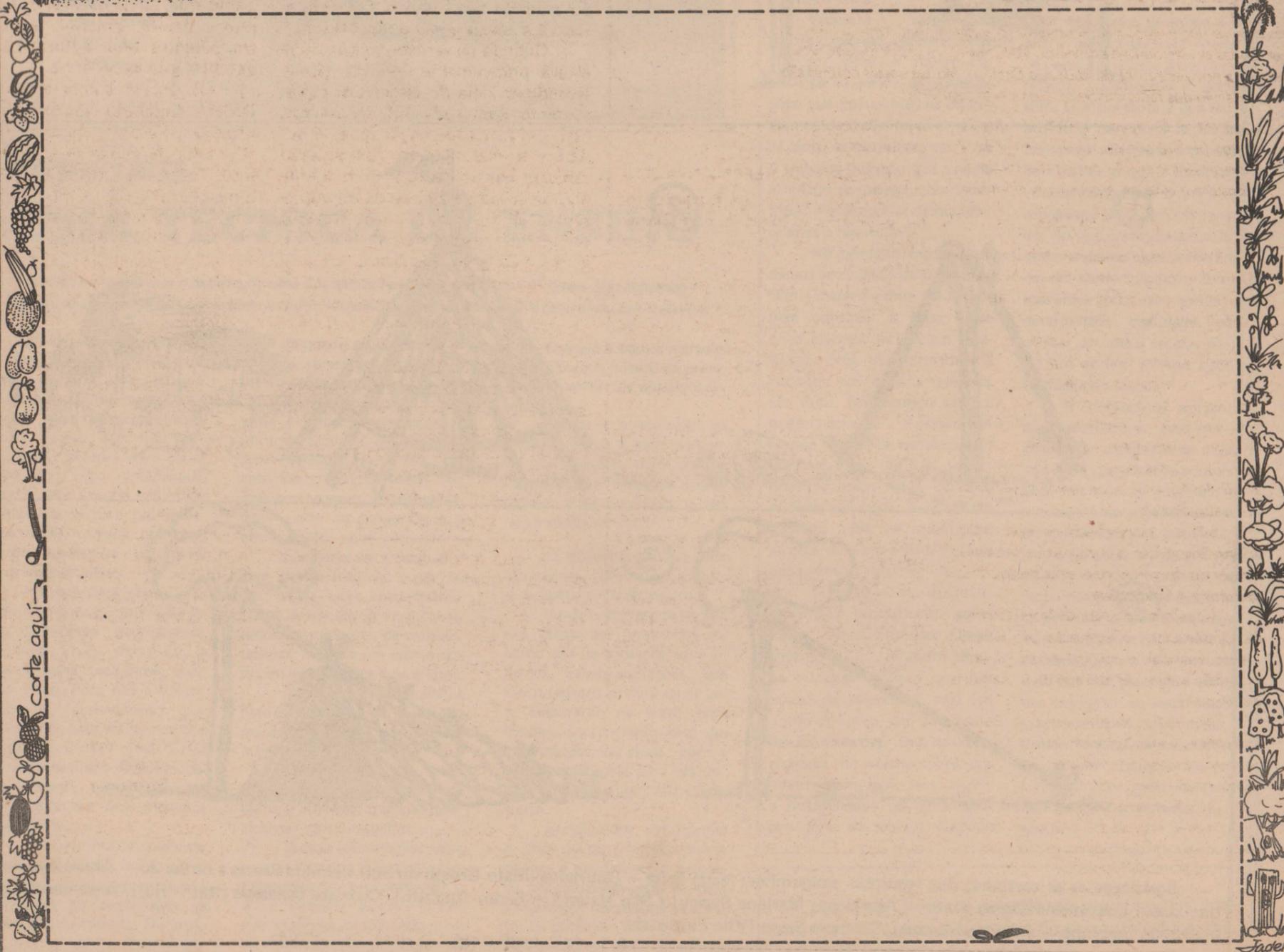
colaboração:  
**CENILDA PRATES**  
-ATURICABA

RESPOSTAS:  
 1. PIPOCA, 2. ALHO, 3. LENTILHA, 4. MILHO, 5. CENOURA, 6. UVA, 7. MELÃO,  
 8. TRIGO, 9. RÚCULA, 10. ARROZ, 11. BATATA.

**Vamos desenhar ?**



Desenhem neste espaço como quiserem, uma linda árvore. Podem colorir, fazer colagens, escrever versinhos, textos, e tudo mais que a cabecinha de vocês inventar... O trabalho de vocês poderá ser publicado no **COTRI SOL** !!!

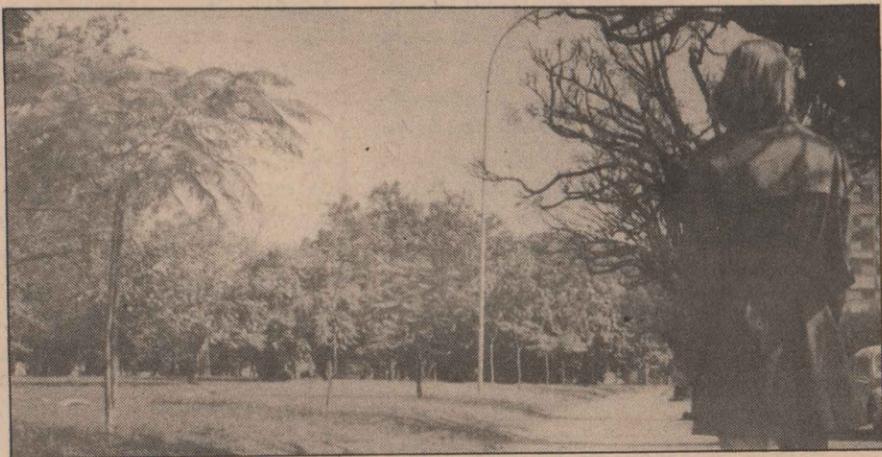


# EDUCAÇÃO

COMUNIDADE — FAMÍLIA — ESCOLA

Suplemento elaborado pelo Grupo de Assessoria aos Professores Rurais — Convênio Cotrijuí/Fidene

## NÃO BASTA PLANTAR PARA COLHER



O mesmo lugar, o mesmo buraco, outra árvore. Este é o resumo de uma história que a cada ano vivia-se em minha escola primária. No mês de setembro, dia 21, as minhas dedicadas professoras do grupo escolar reuniam os alunos, enxadas em punho e lá íamos nós para o pátio da escola. A brilhante e educativa tarefa que seria realizada, plantar uma árvore, era facilitada porque no local já não se fazia necessário arrancar a grama e a terra já não estava tão solidificada. Exatamente há um ano atrás havíamos colocado ali mesmo uma outra bela muda que infelizmente não vingou. Fatos semelhantes a este certamente aconteceram e continuam acontecendo em nossas escolas.

Assim como as mudas carinhosamente plantadas, também os objetivos, os ideais, as intenções não se tornam fatos verdadeiramente concretos. Aquelas crianças, em cujas mãos e mentes era colocado o futuro do Brasil, não conseguem hoje contar a destruição das árvores, da natureza. Apesar das campanhas, movimentos ecológicos, tudo o que é realizado dentro e fora das escolas, por pessoas cheias das melhores idéias, o problema continua. É de se perguntar: será que a sua solução não depende da vontade das pessoas? Provavelmente sim, porém não somente disto. "De boas intenções o inferno está cheio" afirma

um dito popular.

Mas o que poderemos nós fazer diante de tal constatação? Sabemos da doença, não temos o remédio certo; ou ainda não pensamos e estudamos sobre as origens, as causas, as raízes deste tão angustiante problema. Por que os homens cortam as árvores? Em que é usada a madeira? O que acontece com as árvores depois de cortadas? Quem corta? Quem é o dono? Porque não se planta outra do mesmo tipo em seu lugar? Que tipos de árvores são mais freqüentemente plantadas? Por quê? Estas e outras questões talvez nos levem a conclusões muito importantes. Uma delas é a de que a vontade das pessoas, muitas vezes, não basta para resolver problemas. É necessário ter também as condições para tal.

No Brasil, grande parte da população não tem boas condições de vida. Muitas crianças, assim como as mudas de árvores do colégio, também não conseguem viver. Existe uma situação geral que produz as suas vítimas e entre elas temos pessoas, plantas, animais, enfim, toda a natureza. Por isto, para resolver o sofrimento das árvores talvez tenhamos que mudar muitas coisas. Invés de sepultarmos uma muda a cada 21 de setembro, vamos refletir sobre o porquê realmente até hoje nunca foi possível colher os seus frutos.

A erva-mate, planta nativa do nosso Estado passou por um período de abandono. Muitos ervais foram até mesmo destruídos. Hoje, várias são as iniciativas em cultivar novamente esta árvore símbolo.

Tomar chimarrão, uma necessidade e um costume do gaúcho. A cuia e a bomba cada vez mais fazem parte de nossas vidas.

Para cultivar ainda mais este doce amargo, publicamos a rancheira.

### ROMANCEIRO DA ERVA MATE — Rancheira

Música: Asaph Roque Borba

Letra: Ricardo Thofehn Coelho

*Naquele dia por simpatia,  
se achegou, sentou ao meu lado.  
E me olhou, e me serviu  
mate com açúcar queimado.*

*Voltei logo, via de longe  
troteando a felicidade.  
Aquele mate com açúcar  
deu somente amizade.*

*Tua vida é sentida,  
no calor de cada mate.  
Na invernada do amor,  
há sabor de vida e sorte.*

*Passei a vagar pelos campos  
dia e noite a pensar nela.  
Pra dizer que em mim pensava  
serviu mate com canela.*

*Colhi as flores do campo,  
trouxe brinços e um mel.  
Querendo casar comigo,  
me serviu mate com mel.*

*Tua vida é sentida . . .  
Mas não quis partir comigo,  
ui quanta tristeza e trago.  
Pra dizer: tenho outro amor  
deu um mate mui amargo.*

*Sete vezes eu voltei,  
mas desisti afinal.  
Só pra me mandar embora  
me serviu mate com sal.*

*Tua vida é sentida . . .*



# DEIXE SEU FILHO SER CRIANÇA

## DIALOGAR É EDUCAR E APRENDER

É um pouco difícil pensarmos em Educação sem lembrarmos de programas e matérias que devem ser aprendidas. Porém sentimos necessidade de irmos mais além, de refletirmos Educação como forma de promover o homem, tornando-o, cada vez mais senhor de si. Um homem que vive as coisas e sabe o porquê de viver, faz as coisas e sabe o porquê de estar fazendo.

Esta Educação, que quer a promoção do homem, precisa de um espaço de respeito para poder acontecer. E uma das maneiras de demonstrarmos este respeito pelo outro é permitirmos que ele fale, questione, opine. Permissão essa que implica numa resposta, surgindo daí o diálogo.

Diálogo, portanto, é a colocação de idéias, sugestões, pontos de vista, por várias pessoas, para serem debatidas. Não há diálogo quando um fala e os outros dizem "amém". Ele acontece realmente, quando todos falam, todos sugerem, todos analisam, enfim, todos debatem. Forma-se assim, em todos, idéias novas, idéias claras a respeito dos fatos e dos porquês dos fatos. Formam-se idéias mais importantes porque serão idéias surgidas no grupo.

### A EDUCAÇÃO PELO DIÁLOGO

Ao pensarmos em Educação pelo diálogo logo nos vem à cabeça: — "Mas as crianças são tão bobas, não têm o que dizer, não sabem nada, só fazem perguntas". E os jovens? "Bem... os jovens, ... ora, os jovens são fogo de palha, se entusiasma e logo acabam. Não têm persistência".

— Se o jovem estiver pensando, poderá dizer: — "mas dialogar com os mais velhos, de que jeito? Eles sempre dizem estar com a razão, eles sempre têm resposta para tudo. Isto não vai dar em nada". E com as crianças? "Ora as crianças só atrapalham, não deixam a gente pensar".

— E as crianças, o que será que diriam? "Ah! não dá prá conversá. Os grande sempre chateiam. A gente pergunta e eles nem respondem".

Mesmo assim podemos considerar que:

— A criança só pergunta. Mas ela pergunta com base na experiência que ela tem da vida. Com base na curiosidade que tem de conhecer como é o mundo.

— O jovem é um entusiasmado. Certo! Mas ele observa o mundo a seu redor e pensa. Vê o que não está bem e quer

Os dois primeiros anos são fundamentais na vida de uma criança. Os comportamentos infantis nos primeiros anos foram a base de todo o seu desenvolvimento e são determinantes para os anos seguintes e à vida adulta.

A criança nasce pequenina e frágil, necessitando do adulto para tudo. Ela não sabe mover-se no berço e até a própria alimentação é problemática para ela, sofrendo as famosas "cólicas dos três meses", sendo este período inicial caracterizado pela adaptação ao meio ambiente. Quanto às "cólicas dos três meses", cabe esclarecer (e está provado) que são uma defesa do bebê diante do ambiente agressivo, como, por exemplo, do estado tenso da mãe. Alguns pediatras, dizem também, que as cólicas são a adaptação do sistema digestivo ao novo tipo de alimentação.

Nos primeiros doze meses a criança passa por modificações que são de uma vida quase imóvel (a posição fetal que adota inicialmente), a quase andar. Diversos estágios são passados até este período. Muito cedo ela precisa controlar o seu pescoço, mantê-lo firme. Isto vai ajudá-la também a alargar seu campo de visão, olhando em torno. Os seus reflexos iniciais aperfeiçoam-se e ela começa a segurar os objetos e cada vez dominá-los mais com suas mãos, até poder pegar uma migalha de pão entre o polegar e o indicador.

Por volta dos cinco meses a criança com algum apoio, começa a sentar para logo em seguida fazê-lo sozinha. A partir dos seis meses rola na cama ou no chão, fica de bruços, de costas, engatinha, fica de pé com o apoio das mãos do adulto ou segura em móveis, podendo dar alguns passinhos.

Também o desenvolvimento da linguagem passa por um processo de muitas mudanças nesse primeiro ano

de vida. A criança ao nascer, emite apenas o som do choro. Ao redor dos três meses já balbucia sons sem significado (algumas mães entendem "angu"), já sorri e logo gargalha quando fazem brincadeiras com ela. Pelos oito meses diz algumas sílabas sem uma significação muito precisa; são os pa-pa, da-da, ma-ma; repetindo por imitação, os sons que ouve. Pode aos doze meses estar já pronunciando algumas palavras.

O segundo ano de vida é decisivo em termos de comportamentos que formam o desenvolvimento que virá. Os movimentos começam a ser mais seguros, mais equilibrados. A criança anda, sobe e desce escadas, corre. O domínio e o uso das mãos tornam-se mais precisos e a criança já adquire um bom controle sobre lápis, xícara, copo, talher. Aprende a comer sozinha e ajuda a se vestir e despir. Podem e devem brincar com muitos objetos de montar, empilhar e encaixar. Quanto mais objetos (de diferentes formas, tamanhos, espessuras, cores) a criança usar e experimentar, mais rápida e harmonicamente desenvolverá sua agilidade, força, esperteza e a capacidade de compreender as coisas que fazem parte de sua vida.

Dos doze aos dezoito meses a preocupação com o desenvolvimento dos movimentos é grande e o desenvolvimento da fala é pequeno. A criança aprende mais algumas palavras. Mas é em torno dos 2 anos que ela associa palavras, formando frases. A partir daí, o seu vocabulário enriquece cada vez mais.

Outro fator importante neste fim do segundo ano de vida, é o aprendizado do controle da bexiga e intestino. As fraldas podem ir sendo retiradas.

Para que todos os comportamentos aqui descritos ocorram, é necessário mais do que crescimento

mudanças. E o mais importante, ele acredita que deve ser mudado e que ele pode ajudar a mudar.

— Os mais velhos já têm mais conhecimento porque já superaram muitas dificuldades, passaram por muitas experiências, viveram um tipo de vida diferente do atual e sempre foram conseguindo mudar muita coisa.

Como estas três gerações estão na família, na comunidade e muitas vezes na Escola, será que não podemos construir juntos muita coisa nova?

Imaginemos um encontro. Este poderá ser na Escola, ou na família, ou ainda na comunidade. Não importa onde nem em que ambiente. Mas que seja um encontro no qual crianças, jovens e adultos possam fazer suas perguntas, dar suas opiniões e sintam que são ouvidos e levadas à sério. Juntos todos, poderão analisar e procurar soluções para seus problemas. Poderão informar e receber informações. Poderão debater, dialogar.

Quantas idéias importantes sairão destas cabeças, todas pensando juntas, num espaço de respeito. Seria muito belo ver acontecer o diálogo em um espaço que foi construído com amor, pois só com amor é possível parar e ajudar os outros a aprender a viver, a ouvir os mais novos e os mais velhos. Só num espaço assim é possível perguntar, responder, analisar, transformar a maneira de pensar. Sentir que o outro é importante. Valorizar e ser valorizado como pessoa.

Para que tudo isso aconteça precisamos de paciência. Precisamos aprender a dialogar, a receber críticas, a acreditar no outro. Precisamos aprender a conviver com os outros que também pensam e sentem e por isso poderão surgir desentendimentos que, com respeito serão superados.

Essa forma da Educação na família, na escola e na co-

# SAÚDE - HOMEM - NATUREZA

ajudado pela alimentação normal, é fundamental e importantíssima a existência de outros dois elementos: afeto e educação.

O afeto é básico e sem ele a criança não viverá em boas condições. Ele deve existir já naquele contato inicial da mãe com o filho, na amamentação, e em todos os momentos de encontro da criança com sua família. No início, mais com a mãe, na hora do banho, da troca, no alcançar o brinquedo. . . O carinho, a palavra de afeto, o "não" dito com amor, são elementos que levam a criança e o adulto a serem pessoas tranquilas, seguras, que sabem viver, sem traumas ou problemas.

Pela educação (exemplo, presença e acompanhamento dos pais e irmãos) a criança vai ter condições de chegar a todos os comportamentos que devem normalmente acontecer. Será uma criança que com tranquilidade passará por todas as etapas do desenvolvimento de linguagem, movimentos, hábitos higiênicos, afetividade, convivência com outras pessoas.

O papel do educador, através dos pais, nesses primeiros anos de vida é o de dar a oportunidade e ajudar a criança a sentar, a engatinhar, a andar, a falar e a pedir para ir fazer xixi. . . A criança sente tudo o que se passa a seu redor e merece o respeito (respeito é amor) dos adultos, por ser alguém que está em desenvolvimento e por isso mesmo, com possibilidade de ser um homem equilibrado. Se você quiser que seu filho seja uma pessoa tranquila, confiante naquilo que é capaz de fazer, deixe-o movimentar-se, falar muito, perguntar, manipular diferentes objetos em diferentes situações, dando-lhe todas as oportunidades e o espaço que necessita e tem direito. Deixe-o principalmente, viver o seu tempo, ser CRIANÇA.

*O homem tem na saúde uma de suas condições de sobrevivência. Para trabalhar, para participar do processo de produção de sua subsistência, ele precisa estar com seu organismo em bom estado de funcionamento. É claro que estas são as condições necessárias, o que não quer dizer que o homem só produz quando está em bom estado de saúde.*

*O homem primitivo viveu integrado à natureza. Não a dominou e nem tanto foi dominado por ela, mas fez parte dela. Dessa união, homem/natureza, vai se perceber a estreita relação que ocorreu, entre uma natureza rude mas sadia (na época), e um homem com condições físicas de sobreviver nela, ainda que rudemente. O homem vivia da coleta de seus frutos, da caça de seus animais. Era nômade, isto é, não se fixava em um único lugar, vivia em longas andanças. O contato de seu corpo com a natureza era quase que completo: pouco abrigo utilizava, sua pele respirava livre e seus músculos eram constantemente ativados pelas grandes caminhadas no esforço de conseguir alimentos. Havia um controle natural no desenvolvimento das espécies nessa integração homem - animal - vegetação - ambiente.*

*Ao modificar seus hábitos de vida pela evolução dos instrumentos de trabalho, o homem modifica também suas condições de saúde. Passa do nomadismo para a fixação numa região; de pequenos grupos à congregação de um maior grupo humano. Passa a criar animais. Passa de integrante da natureza a dominador e, às vezes, é dominado por ela. Estas mudanças levaram a transformações tanto do homem como da natureza. A saúde*

*ainda é condição de sobrevivência, condição para o desenvolvimento de seu trabalho. Só que as possibilidades de saúde são outras. Novos tipos de enfermidades se desenvolvem. São necessários novos hábitos de alimentação, de trabalho e de lazer. Isto implica numa readaptação do organismo a estas novas condições.*

*Estas transformações na relação homem/natureza, não significam que o homem renunciou a ela para sobreviver. O que acontece é que tanto o homem como a natureza foram afetados. Muitas dessas mudanças levaram ambos a um estado artificial de dependência externa. O ser, vivo ou não vivo, acrescenta à sua recuperação, antes natural, fatores adicionais antes não necessários. O ciclo da vida é todo afetado, ou seja, a terra supre suas necessidades na troca que se estabelece entre seus componentes minerais e materiais orgânicos, tais como: folhas, vegetais, animais. Os gastos destes componentes, pelo tipo de uso de solo que se fazia, não era muito grande e a reposição desses componentes ocorria naturalmente. Hoje, o uso exaustivo do solo cria a necessidade de se adicionar a ele elementos inorgânicos (como os adubos). Estes criam uma dependência e uma alteração no mesmo. E é no solo que nasce e cresce a maioria das plantas. É sobre ele que vive o homem, os animais. Logo estes já nascem e vivem numa relação alterada, pois tanto o solo como as plantas e os animais passaram por mudanças. O homem cria novas espécies em laboratório, como é o caso das sementes híbridas, seja para promover a sua adaptação às atuais con-*

*dições de vida, seja para buscar maior controle no consumo de outros produtos. Assim é que se produz um tipo de semente que vai necessitar de determinado tipo de solo com elementos nutritivos específicos. Estas plantas poderão estar sujeitas a determinadas pragas e doenças contra as quais aplica-se tais e tais venenos. É evidente que o produto resultante desta semente não será o mesmo que o de outrora. Este terá um desenvolvimento diferenciado pelo uso dos adubos, será contaminado com inseticidas aplicados diretamente no solo, nos vegetais e nos animais. Processo semelhante a este acontece com os animais.*

*Não se pode chegar, no entanto, a pensar que bastaria eliminar as espécies criadas ou deixar de usar repentinamente adubos e inseticidas para solucionar estes problemas. É necessário um programa mais amplo e a longo prazo. Se plantarmos uma muda de tomate ainda que nativa e sem tratamentos, ela vai se fixar no solo, alimentar-se dele, receber água e respirar o ar que aí existe. Tanto o homem como o meio ambiente foram alterados. Assim como ele transforma a natureza, é transformado por ela. A saúde do homem não depende única e exclusivamente dos cuidados que ele mantém em relação a ela, mas depende também da saúde do animal, do vegetal e do ambiente.*

*É hora, então, de nos perguntarmos: podemos simplesmente chorar os tempos passados e querer voltar para eles? As modificações estão nas mãos de indivíduos? O que, quem e como buscar a saúde do homem? Estas interrogações são as buscas que ora nos são apresentadas.*

munidade poderá transformar, mais depressa, cada homem—criança—jovem ou adulto em homens mais responsáveis. Responsáveis porque sabem o que querem e porquê querem, o que fazem e porquê fazem. Porque assumem a vida e seus problemas sem egosismos e sem ciúmes ou ganâncias.

Para que tudo isso aconteça não podemos ficar esperando pelos outros. Cada um de nós, no seu meio, no seu grupo, precisa começar a agir. A relação de diálogo exige que todos se envolvam e assumam. Exige que cada um comece, que procure o outro e não fique a espera de um chamado. Não podemos ficar parados. Ninguém irá construir o nosso lugar.



## O JOVEM É, NÃO VAI SER

A vida das pessoas depende de algumas condições básicas já salientadas por nós no número anterior deste suplemento. Nós necessitamos de alimento, abrigo e convívio. Cada povo, vivendo em sua época e em seu lugar, desenvolve uma maneira de viver e conseguir a sua sobrevivência, isto é, cada povo possui a sua cultura. Esta cultura tende a se modificar a cada dia, ano ou geração que se sucede. As pessoas de um modo geral, e especialmente as pessoas de idade e mentalidade jovem, exercem um papel fundamental na concretização destas mudanças.

Sabemos que a vida das pessoas se diferencia, dentre outros fatores, pelo tempo de vida, pela idade e também pelo local de moradia. Por exemplo, há diferenças em morar no meio rural ou na cidade. Porém podemos afirmar que estas diferenças não são questões decisivas. O importante nos parece ser, em primeiro lugar, as condições sociais e econômicas em que vivemos. É grande a diferença entre ser um jovem trabalhador rural ou urbano ou não ser um jovem trabalhador rural ou urbano. É a condição de ser ou não trabalhador que devemos de fato diferenciar.

É evidente que existem características próprias da vida na cidade, tais como: emprego com salário recebido a cada fim de mês, desemprego sem salário a cada fim de mês, algumas oportunidades de divertimento existentes somente na cidade, além do ritmo de viver. No meio rural vamos encontrar aspectos ou condições um pouco diferentes. Muitos trabalham em conjunto com a família, plantando, criando e colhendo os frutos deste trabalho também de forma conjunta. Outros trabalham como empregados permanentes ou

temporários nas granjas, oficinas mecânicas, etc. O lazer, o divertimento do jovem rural está nos bailes, no esporte, nas reuniões de grupos, enfim, nas muitas atividades que muito bem sabem desenvolver. Poderíamos ainda lembrar a questão do jovem desenvolver-se nos estudos. Esta também é uma questão que depende muito mais das condições econômicas e financeiras de sua família do que do seu lugar de morada.

### A PARTICIPAÇÃO

A partir das afirmações acima, vamos tentar comunicar a nossa mensagem. Muito se tem falado da participação do jovem rural nas lutas dos agricultores pela derrubada do confisco, pela solução dos problemas da Previdência, pela reforma agrária e por tantas outras. Muito se tem destacado a sua participação nos sindicatos, na cooperativa e em grupos de atividades específicas de jovens. É esta participação que queremos destacar como sendo de grande proveito para todos. Através dela unem-se a disposição, o dinamismo e a experiência de vida dos jovens com a disposição, o dinamismo e a experiência de vida daqueles que há mais tempo estão vivendo. Todos nós desejamos a superação das dificuldades, dos obstáculos, dos problemas que nos impedem de vivermos num mundo livre de injustiças e de sofrimentos.

Ninguém é capaz de adivinhar o futuro, mas podemos afirmar com segurança que esta nossa aspiração será mais facilmente atingida se as soluções forem buscadas de forma conjunta, unida e organizada. Aos jovens do interior e da cidade cabe cumprir com a sua etapa na construção deste futuro. E cada um estará cumprindo com a sua parte nesta caminhada, vivendo intensamente todos os momentos da vida, participando. Assim, não teremos jovens que talvez vão ser O FUTURO DO BRASIL no amanhã, mas jovens que fazem o "futuro" ser "presente", ou seja, jovens que são "O BRASIL PRESENTE", os de agora.

# COMO VAI NOSSO TRABALHO

O Grupo de Assessoria aos Professores Rurais — GAPR — está atualmente desenvolvendo diversos trabalhos, os quais entendemos devam ser do conhecimento dos nossos leitores.

Para o ano de 1980 definiu-se, e está em andamento, um projeto de produção de material didático. Este projeto está acontecendo nos municípios de Miraguaí, Coronel Bicaco e Chiapetta. Consta da produção de textos a partir de estudos de assuntos estabelecidos (ver artigo — Boas tábuas, boas mesas) e definições quanto a metodologia de trabalho com os alunos. Além deste projeto em execução, realizamos um curso sobre Alfabetização em Derru-

bas, município de Tenente Portela. Está previsto ainda para o mês de setembro, um trabalho envolvendo metodologia da comunicação e questões de redação, com professores de Ajuricaba.

No mês de maio do corrente ano, participamos de dois importantes encontros. Em João Pessoa, Estado da Paraíba como convidados no 1º Encontro Regional Nordeste, sobre material de ensino-aprendizagem, promovido pelo Ministério da Educação e Cultura — MEC e do Programa Nacional de Ações Sócio-Educativas e Culturais para o meio Rural — PRONASEC — Rural. Na oportunidade constatamos que tam-

bém lá no Nordeste do Brasil o ensino no meio rural encontra pessoas e instituições preocupadas em melhorá-lo. A outra participação aconteceu no Seminário Sobre Municipalização do Ensino promovido pela Prefeitura e Universidade de Passo Fundo. Nesta ocasião apresentamos a nossa proposta de trabalho através de exposições do pessoal diretamente ligado ao grupo, secretários de educação e comunicadores da Cotrijuf.

Outra notícia para nós muito significativa é a efetivação deste suplemento, que como já afirmamos, representa a concretização de uma antiga idéia.

## BOAS TÁBUAS, BOAS MESAS

*"Todo o homem tem experiências que merecem ser transmitidas aos outros homens". Através da busca de informações, podemos conhecer melhor os objetos, os fatos e os fenômenos. O GAPR realiza, juntamente com os professores rurais, um trabalho, o qual chamamos de registro, identificado com estas afirmações.*

Quando pretendemos construir algo, são necessários três elementos: a matéria-prima, os instrumentos de trabalho e a ação do homem. Para fazer uma mesa, a matéria-prima será constituída de tábuas, pregos, tinta, etc. . . ; os instrumentos de trabalho serão as ferramentas e máquinas utilizadas; e o terceiro elemento será a mão-de-obra.

Processo semelhante ocorre quando pretendemos produzir idéias. A matéria-prima será os dados, as informações que possuímos; os instrumentos de trabalho, as canetas, os lápis, as máquinas, etc. . . ; e o trabalho humano será a nossa atividade de pensar, coordenar idéias e expressá-las de maneira criativa e renovada.

No primeiro caso, entendemos facilmente de onde provém a matéria-prima. As tábuas para construir a mesa antes eram árvores, pertenciam à natureza. Nós transformamos a natureza em objetos que nos são úteis. No segundo caso, a matéria-prima é o conhecimento que temos da realidade, do assunto sobre o qual vamos produzir novas idéias, ou seja, escrever um texto. Este conhecimento pode ser modificado através de uma atividade, que batizamos de registro.

O registro é muito importante para produzirmos novas idéias. Diz o professor Olívio Vicentini: ". . . ninguém aborda qualquer assunto sem um ponto de referência, sem um ponto de apoio, sem uma fonte de informações. Quanto mais registros houverem sobre um determinado fato, tanto maior a possibilidade de haver uma produção de melhor qualidade".

Esta atividade de busca de novos conhecimentos tem a função de confirmar, negar, questionar, investigar e ampliar informações sobre fatos, objetos e fenômenos.

Assim como com boas tábuas temos boas possibilidades de produzir uma boa mesa, também com bons registros poderemos construir um bom texto.

Mas como se obtém o registro que queremos? Através de leituras, visitas, entrevistas, relatos, observações e discussões. O importante é que nesta atividade de coleta de dados, tenhamos realmente o cuidado de recolher o que é significativo. Mas como saber o que é significativo? Bem, isto vai depender do que pretendemos com o nosso trabalho, qual a finalidade do nosso produto. E nós queremos produzir textos de determinada qualidade, para utilizar as nossas escolas visando um ensino voltado para a realidade do aluno.

É necessário, portanto, que procuremos perceber e analisar as atividades de trabalho, lazer, participação comunitária em que se envolvem as pessoas da comunidade, os problemas vividos pela população, o que ela sente e pensa. É preciso, ao fazer um registro, que tenhamos a visão necessária para perceber o que é realmente mais importante para a vida das pessoas. Este mais importante terá que ser percebido dentro do conjunto de informações que a realidade nos fornece. E o mais importante será definido como? Exatamente pelo nosso interesse, pelo que queremos atingir no momento do registro.

Uma reunião em Coronel Bicaco, onde se produziu material didático.



### ENTREVISTA:

## UMA TÉCNICA DE ENSINO

*O Cotrisol apresenta o registro de uma Entrevista feita com alunos de 1º Grau. Nós achamos oportuno apresentar aos professores esta Técnica de Ensino, pois ela poderá ser útil no seu trabalho.*

O método de aprendizagem por descoberta é considerado importante para a criança. Neste método de aprender a criança deve participar ativamente, sugerir, agir, tirar conclusões. É provável que ela se mantenha mais interessada, mesmo que a tarefa exija mais esforço intelectual. Ela aprenderá mais, manterá por mais tempo o aprendido e poderá fazer transferências.

Ao professor, neste método, compete a importante tarefa de orientar, acompanhar, estimular, não deixando a criança solta para fazer qualquer coisa. Para nós a importância da aprendizagem por descoberta, está no fato de que a nossa realidade rural é rica em informações e experiências, que não estão aproveitadas nos livros didáticos. Nós podemos aproveitá-las.

Uma técnica que pode ser usada para coletar informações que a comunidade possui e que interessam ser trabalhadas na escola é a Entrevista. Ela pode ser oral ou escrita. Porém, por considerarmos a forma oral

mais adequada a alunos de 1ª a 4ª série, apresentamos algumas informações sobre a mesma.

Partindo de que a entrevista oral pode ser considerada um interrogatório realizado em uma conversa face a face, necessitamos, basicamente, de dois personagens: o entrevistador — que faz perguntas, e o entrevistado — que responde.

Ela pode ser individual — uma pessoa frente a outra, ou em grupo, um entrevistador frente a um grupo de entrevistados ou, um grupo de entrevistadores frente a um entrevistado, ou ainda, entre dois grupos.

Ao orientarmos os alunos para a realização da entrevista podemos considerar as seguintes etapas:

1º — Definir juntos, de modo claro, o objetivo, o que se quer alcançar com o trabalho;

2º — Buscar informações sobre o entrevistado; (Ele tem as informações que procuramos?);

3º — Ordenar as informações que se deseja, preparando, com as crianças, as perguntas que serão feitas ao entrevistado;

4º — Combinar com o entrevistado a hora e o local da entrevista e explicar os objetivos da mesma;

5º — Durante a entrevista os entrevistadores devem perguntar com clareza; ouvir atentamente; anotar as idéias importantes; perguntar sobre o que não está ficando claro . . .

O entrevistado deve falar claramente, com calma, dispor-se a repetir e dar exemplos.

Após a entrevista os alunos devem ser orientados em como usar as anotações que fizeram. Estas anotações, que são o registro, podem servir para elaboração de texto, para simples apresentação oral das informações, ou ainda, após a apresentação oral, para um debate entre os alunos sobre o assunto.

Concluindo, reforçamos a idéia de que, sempre que a criança é envolvida no processo de aprendizagem este é mais produtivo e duradouro, portanto, ao professor cabe mais ajudar os alunos em suas dificuldades do que decidir por eles.